

WLADIMIR OLIVIER

ESTUDANDO  
*A BÍBLIA*  
COM A  
*EQUIPE EVANGÉLICA*

## ÍNDICE

Nota explicativa .....	
Esclarecimentos ao médium .....	
1. Objetivos .....	
2. As hostes inimigas .....	
3. O anjo decaído .....	
4. Revelando intenções .....	
5. O mendigo atrapalhado .....	
Comentário .....	
6. Um dia iluminado .....	
Comentário .....	
7. Um dia nebuloso .....	
8. Os cânticos de Davi .....	
9. Adão e Eva .....	
10. Na hora da morte .....	
11. Reflexão sobre o trabalho .....	
12. Às sete igrejas .....	
Comentário .....	
13. O dia de hoje .....	
14. A construção do texto bíblico .....	
15. Explicações .....	
16. Sobre o <i>Levítico</i> .....	
17. O pedido do homem rico a Abraão .....	
18. Momento de paz .....	
19. A saúde de Uzias .....	
20. <i>O Livro de Rute</i> .....	
21. A palavra do Senhor .....	
22. A reencarnação despercebida .....	
23. Orientação .....	
24. O amor é eterno .....	
25. Pedro nega Jesus .....	
26. <i>Quem tem ouvidos para ouvir, ouça</i> .....	
27. O apego às tradições mosaicas .....	
28. O verdadeiro cristão .....	
Comentário .....	
29. O dom de evangelizar .....	
30. A última epístola sagrada .....	
Explicação .....	
31. O Espiritismo sempre .....	
Conclusão .....	

## NOTA EXPLICATIVA

Este opúsculo, de título bem pretensioso, reflete os estudos do espiritualismo à luz das informações deixadas aos encarnados pelos luminares da espiritualidade superior, nos textos sagrados que, pelos séculos, se fixaram em monumental obra, a princípio voltada para a vida hebraica e, posteriormente, desenvolvida com vistas à população concentrada no Ocidente.

Nosso enfoque, evidentemente, se amolda à visão de quem se destacou do mundo da carne, de sorte que os comentários buscam demonstrar desprendimento das ilusórias contingências dos mortais, o que obriga o nosso leitor a realizar esforço de concentração para perceber integralmente os limites que colocamos para a compreensão e aplicação dos conhecimentos bíblicos, para efeito de nova tomada de rumos, quando o indivíduo se vê à deriva em meio ao oceano das dúvidas e dos desassossegos.

No que toca aos objetivos e demais especificações relativas ao roteiro impresso ao trabalho, procuramos deixar bem claros no desenvolvimento dos tópicos. O mais que podemos acrescentar agora é que, diante do resultado do conjunto das comunicações, nos sentimos muito felizes por termos conseguido satisfazer as diretrizes consignadas pelos nossos maiores da ***Escolinha de Evangelização***.

Esperamos, finalmente, que a mesma satisfação de agrado de nosso escrevente atinja o amigo leitor, no intuito de torná-lo ainda mais capaz de vislumbrar na ***Bíblia*** os tesouros que contém. Solicitamos em prece ao Pai que assim seja.

Para registro, devemos dizer que o apanhado dos ditados se deu no período de 4.1 a 6.2.91.

Mantivemos, além dos textos de análise dos tópicos bíblicos, os de orientação e explicação, para que se possa avaliar o método de trabalho do grupo. É importante ressaltar que as mensagens *coincidiram* com os eventos bélicos no Oriente Médio, a chamada Guerra do Golfo Pérsico, para os quais se voltou a preocupação da equipe, como se poderá avaliar. Suplicamos ao leitor que atente para o fato de que os amigos da espiritualidade não cessam de trabalhar em prol de todos os que sofrem. Esse o espírito do socorrismo que julgamos infiltrado em cada pequena manifestação e que cremos ser o ensinamento maior a ser absorvido, pois é a suma da pregação evangélica do Cristo—Jesus.

## Esclarecimentos ao médium

A partir de hoje, solicitamos ao amigo escrevente que abra a **Bíblia**, sob inspiração nossa, para que possamos dar curso a série de mensagens fundamentadas na palavra do Senhor. Não temos o intuito nem a pretensão de qualquer sentido original, mas objetivamos estabelecer série de textos morais para o despertar de nossos alunos (nos dois planos) para as verdades evangélicas.

Queira Deus possamos dar prosseguimento a este intento sob as luzes e a orientação de nossos protetores, para quem, desde já, elevamos os nossos pensamentos, solicitando que se incrementem, em nosso coração, o sentimento e, em nossa mente, o entendimento do que seja, na verdade, a modéstia e que se sufoque o nosso orgulho, pois a empresa é séria e o cometimento factível de imperfeições graves, se os objetivos não vierem a ser atingidos.

Evidentemente, prosseguiremos atendendo às solicitações de nosso intermediário, bem como daremos assistência socorrista aos que se encontrarem necessitados, não indo em busca nas trevas das entidades mais carentes, mas dedicando-nos aos que têm plenas possibilidades de recuperação.

Somos turma nova, de modo que você há de nos perdoar o ingresso tão abrupto em sua intimidade mediúnica.

Fique na paz do Senhor e não se preocupe com nomes a serem atribuídos aos mensageiros. Basta denominar o grupo de *Equipe Evangélica*, que nos sentiremos agraciados pela atenção.

Até mais ver, bom irmão, e saiba que tudo está transcorrendo segundo o planejamento dos orientadores da **Escolinha de Evangelização**.

Pomo-nos à disposição para as perguntas de resguardo que queira fazer.

Somos turma de aluninhos, mas estamos retornando das tarefas socorristas mais perigosas, pois especializamo-nos em socorrer os que se perderam em crimes de natureza grave. Agora, retornamos aos estudos e estamos, se assim podemos dizer, no segundo grau de nossa escolaridade acadêmica.

A turma é composta de cerca de quarenta elementos (o número não é preciso porque há a possibilidade de ingresso e saída, sempre que o interesse por determinados cursos particulares assim o determine) e o chefe do grupo é um dos antigos colaboradores de sua intermediação, o irmão João, que, ao lado de Maciel, já frequentou a sua pena (Ver **Pregações**). Manda-lhe ele saudações afetuosas e lhe promete imantações bem tranquilas. Diante de suas observações a respeito da severidade que imprimia aos textos, diz que agora não há necessidade de tanta veemência, embora o vigor frásico e o rigor doutrinal devam persistir. Ver, por exemplo, a mensagem do grupo transmitida nesta data (*As hostes inimigas*).

Percebendo que você está *vazio* de perguntas, queremos esclarecer que estamos muito felizes por poder contar com sua boa vontade e aproveitamos a oportunidade para lembrá-lo de seus compromissos com a vida, de sorte a manter o espírito alerta para a doutrinação que se faz diuturna e para os princípios do Senhor. Solicitamos-lhe que prossiga alimentando-se levemente, lendo, para a preparação, os textos a que está acostumado, fazendo, enfim, exatamente o mesmo que vem realizando desde que retornou às tarefas medianeiras. As preces devem prosseguir compungidas e o temor da imperfeição deve ceder um pouco, para que possamos imprimir aos escritos o cunho de nossa personalidade.

Quanto à preparação para editoração dos textos, nada acrescentaremos, a não ser que siga sua intuição quanto aos títulos e pequenas alterações.

Como se vê, estamos sendo cansativamente repetitivos, a demonstrar que o caminho trilhado está correto. Poderíamos solicitar esforço maior, mas tal fato ensejaria certo descontrole emocional que talvez prejudicasse o desenvolvimento do trabalho. De qualquer forma, dada a aquisição prevista do novo aparelho reproduzidor dos textos, temos a convicção de que o interesse pelo trabalho cresça, à vista das maiores facilidades que a moderna tecnologia proporciona.

Não queira ver nesta mensagem tão só leitura consciencial de sua vibração, mas verdadeiro apanhado dos objetivos a que você destinou a sua vida.

Volte amanhã com a mente aberta e o coração sossegado. Sabemos que o dia de hoje é sexta-feira, mas, se você não tiver oportunidade de nos atender no sábado e no domingo, queira entender o *amanhã* como segunda-feira.

Gratos pela atenção dedicada e fique na paz de Deus!

# 1

## OBJETIVOS

Um dos princípios do Espiritismo revelado por Kardec em sua *Introdução a O Evangelho Segundo o Espiritismo* é o estudo dos textos das *Escrituras*, de portas abertas pela chave dos ensinamentos dos espíritos. Acompanhemos a leitura:

*Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral não são inteligíveis e muitos mesmo parecem irracionais, pois falta uma chave para compreendê-los o verdadeiro sentido; tal chave está por inteiro no Espiritismo, conforme disso já se convenceram os que o estudaram seriamente e conforme se reconhecerá melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se acha por toda a parte na antiguidade e em todas as eras da humanidade[...]<sup>1</sup>*

A longa transcrição nos faz pensar em que a leitura da obra é de obrigação. Realmente, ao nos atrevermos a vazar alguns comentários a respeito da *Bíblia* e dos *Evangelhos*, como ainda dos atos dos apóstolos, supomos que nossos pretensos leitores já se tenham compenetrado dos valores absorvidos e disseminados pela obra da moralidade realizada por Kardec. Aliás, além dessa, é fundamental a leitura de *O Livro dos Espíritos* para compreensão exata de nossos pontos de vista, firmados, evidentemente, sob critérios absolutamente coerentes com os ensinamentos que nos vêm sendo ministrados por nossos instrutores, ministros de elevado plano espiritual.

Introduzamos agora a nossa chave na fechadura e abramos uma porta das *Sagradas Escrituras*. Leiamos o *Livro de Rute*, especialmente o capítulo segundo, em que Boaz fala a Rute:

*Ouve, filha minha, não vás colher a outro campo, nem tão pouco passes daqui; porém ficarás com minhas servas. (Rt., 2:8)<sup>2</sup>*

Não vamos transcrever o inteiro teor da fala da personagem, mas solicitamos que o amigo se inteire dela para prosseguir esta leitura, como, de resto, deverá fazê-lo a cada nova mensagem.

---

<sup>1</sup>KARDEC, Allan — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. de Wladimir Olivier (inédita).

<sup>2</sup>*A Bíblia Sagrada — Antigo e Novo Testamento* —. Trad. de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. no Brasil. Rio, Sociedade Bíblica do Brasil, 1959.

Pois bem, todo o aconselhamento do bondoso senhor pode ser transformado, metaforicamente, como sendo a fala do Pai à humanidade, resumindo os deveres.

Rute caminhava, humilde, após os segadores e as colhedoras para apanhar os grãos de trigo que se perdiam em meio ao alvoroço das palhas desprezadas. Boaz recomendou, então, aos servos que deixassem para trás até espigas inteiras com que se alimentassem a pobre mulher e a sua família.

Vemos aí a generosidade do Pai, que, à medida que o homem vai solidificando o seu amor, a sua fé, a sua confiança no porvir, a sua sabedoria e o seu proceder moralmente sadio, vai possibilitando o acrescentamento de bens ao seu acervo, de sorte a culminar com a integração total da humanidade no reino de Deus, da mesma forma que Rute terminou por desposar o seu benfeitor, não sem antes ter passado por inúmeras provas.

Se bem analisarmos a lição contida nessas maravilhosas páginas, estaremos aptos a penetrar a fundo no texto bíblico, evocando o contexto espiritual adequado para a compreensão dos pensamentos que se embutiram em suas brilhantes narrativas.

Como fizemos com o trecho relativo à aventura de Rute, poderemos realizar com todos os contos que se inscreveram em todos os livros, variando, evidentemente, o conhecimento doutrinário de que utilizaremos para a percepção do ensinamento a ser deslindado.

Vejamos como devemos agir para obter do modo mais perfeito esse tônus mental propício, observando as palavras de Jesus.

A mulher de Zebedeu, mãe dos apóstolos Tiago e João, pediu a Jesus que, em seu reino, fizesse com que os filhos se assentassem a seu lado. Jesus, antes de responder, inquiriu se o sofrimento estava nas cogitações deles como necessidade cármica, ao que recebeu por resposta que sim. Não sabemos das convicções da mulher, se tinha consciência da superação dos ideais e ilusões materiais para o credenciamento espiritual, ou se, em sua indigência mental, acreditava que o prêmio iria perfazer-se na Terra mesmo. De qualquer forma, Jesus aceitou a resposta e se disse impotente para atender à solicitação, afirmando que o que viesse a ocorrer seria por determinação do Pai. Insurgiram-se, então, os demais apóstolos contra os dois irmãos, obrigando Jesus a interferir. Ouçamos o Mestre:

Vocês sabem que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com autoridade. — Não pode acontecer o mesmo entre vocês; mas *quem desejar tornar-se o maior seja seu serviçal*; — e *quem desejar ser o primeiro entre vocês seja seu escravo*; — assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para oferecer sua vida para a redenção de muitos. (**Mt.**, 20:25-28)

Ainda aqui a lição da humildade a nortear o mapeamento de vida das criaturas. O exemplo da sociedade humana não serviu como paradigma para o procedimento relativo aos ideais de ascensão espiritual. Se, dentre os encarnados, por princípio de disciplina para organização social, a hierarquia deve prescrever que os maiores comandem e os povos sirvam, para o crescimento no campo evolutivo, manda a regra que todos sirvam, a partir do exemplo maior do próprio Jesus.

Sendo assim, vem o Espiritismo para servir à humanidade, fornecendo-lhe o instrumental necessário para a compreensão integral da vida e da existência. Não há objetivo mais puro e mais concorde com os ensinamentos dos irmãos de luz. Sirvamo-nos dele para servirmos aos nossos semelhantes. Façamos de suas luzes o bem maior a ser conquistado para nosso ingresso nas fileiras do Senhor. Atendamos às suas recomendações para extrairmos da vida as condições de acesso ao reino do Pai. Para isso, é necessário que ampliemos a nossa visão da realidade, com muita dedicação e espírito de sacrifício. Perguntou Jesus:

Podem vocês beber o cálice que eu vou beber? (*Mt.*, 20:22)

Respondamos afirmativamente, cômnicos dos sacrifícios que advirão desse nosso desejo de progresso. Saibamos ponderar com dignidade e profunda reverência todos os sagrados escritos bíblicos, para podermos haurir desse manancial de soberba magnitude. Apanhemos dessa maravilhosa linfa com a vasilha do amor desperto e esparjamo-la por todos os nossos semelhantes, recolhendo, humildes, cada grãozinho que nos tiver sido destinado, para nos fartarmos com as energias que contiverem e para oferecê-las aos nossos familiares, aos nossos amigos, aos nossos confrades.

Ergamos em prece as nossas mãos aos Céus e agradeçamos ao Senhor a sublimidade da aventura desta vida e da existência, mas façamo-lo com o coração liberto das opressões mundanas e com a mente aberta para a verdade da criação. Reconheçamos nas forças espirituais que nos amparam o poder de vinculação com o Alto e aceitemos pacificamente as suas objurgatórias e admoestações, para refrearmos os nossos vãos desejos de grandiosidade. Rojemo-nos de joelhos diante do Pai e amemo-lo com todo o poder de nossa emoção e toda a capacidade de nossa mente. Reservemos ao próximo o amor que dedicamos a nós mesmos e digamos:

*“Senhor! Senhor!”, e poderemos entrar no reino dos Céus.<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup>O ESPÍRITO DE VERDADE, in *O Ev. S. o Esp.*, op. cit.

## AS HOSTES INIMIGAS

O Senhor Jesus disse a Nicodemos;

Em verdade, em verdade, eu lhe digo: *Ninguém tem como ver o reino de Deus, se não nascer de novo.* (São João, III: 3.)

A interpretação espírita mais corrente das palavras do Cristo leva-nos a pensar que Jesus estaria referindo-se a vidas sucessivas na carne. Tal anotação é valiosíssima para o entendimento da reencarnação como princípio evolutivo dado ao homem pela divina misericórdia. Mas tal modo de ver a passagem evangélica restringe-lhe o significado real.

Se é bem verdade que, ao nascer de mulher, o ser humano está dando a si mesmo nova oportunidade de crescimento moral e espiritual, também não é menos certo que, ao adotar o iluminado princípio evangélico do *“amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*, estará inegavelmente abandonando suas perversidades, seu egoísmo, seu orgulho, sua vaidade, sua personalidade imperfeita, sua vida de crimes, e principiando outra vida de benemerência, de amor, de virtudes, de crescimento evolutivo: é como se nascesse de novo. Portanto, caro amigo, para realizar a palavra do Cristo, não espere vir ao mundo em carne subsequente; nasça de novo agora mesmo, cheio de promessas de esquecimento da vida pregressa, perdoando os malfeitos a si mesmo e a todos os seus inimigos, jamais desesperando do divino poder e sempre voltado para o cumprimento de seus deveres cármicos.

Certamente, ao abandonar os vícios, os maus hábitos, e ao adotar como norma de vida as virtudes que se contêm nos **Evangelhos**, você irá ter de afastar-se de determinadas pessoas que o influenciam mal, até cristalizar em si os ensinamentos que o elevarão aos olhos do Senhor. Mais tarde, você voltará para auxiliar os companheiros largados à beira da estrada, mas aí estarão transformados em extensa horda inimiga, pois ninguém suporta a defecção, principalmente se se faz acompanhar da frustração de interesses mundanos e materiais.

Imagine anjos puríssimos vendo algum amigo afastar-se em direção a Deus. Irão eles alegrar-se ou sofrer? Obviamente, seus corações irão transbordar de júbilo, pois estarão ganhando, no amigo, protetor categorizado. O mesmo jamais ocorre com os seres imperfeitos, que desejam agarrar quem parte para mantê-lo bem próximo de si, ainda mais sabendo que, ao retornar da incursão ao bem das verdades eternas, virá com o intuito da pregação do abandono dos vícios e da aquisição das virtudes, o que se sabe exigirá esforço, compenetração, sacrifício e desprendimento. Ora, o homem comum não deseja perder aquilo que lhe parece honrar e dignificar junto aos encarnados. Se a sociedade estivesse

um passo mais evoluída, de modo que os valores espirituais e morais se sobrepusessem ao mundano interesse carnal, aí talvez o prestígio de possuir amigo iluminado pela fé e pela virtude pudesse favorecer recepção mais efusiva. Mas como a humanidade resvalou pela condição de absoluta inferioridade no que tange àquilo a que dá importância, não aceita a peroração cristã como a voz da sabedoria e do conhecimento que a elevaria perante o Senhor.

Enquanto os benefícios maiores que se solicitam ao Pai são os da boa saúde física e mental, para que o homem possa obter sucesso na vida (êxito representado pela possibilidade de conforto meramente material), relegando o contacto com Deus como mero *dever de ofício*, o homem não terá bons olhos para os que desejarem impor-lhe como norte o compromisso de *nascer de novo*, no sentido interpretativo que propomos.

Queira Deus que você se atreva a perflustrar com amor o caminho que lhe estamos indicando e que as hostes inimigas o recebam de volta com o coração contrito, conscientes de que sua peregrinação possa representar para si encurtamento da estrada, pois o seu sacrifício será, então, compreendido como sagrado e necessário! Que você, caro confrade, possa constituir-se no farol amigo que irá orientar os companheiros para superarem as dificuldades da jornada, levando-os a porto seguro! Queira Deus, atento leitor, que nosso estímulo repercuta favoravelmente em sua mente e em seu coração, de modo que não queira ver em nossa mensagem ousadia e intemperança no exame das sagradas palavras de Jesus! Queira Deus, saiba vislumbrar, por entre este emaranhado de ideias, a luzinha que o despertará para a nova vida que desabrochará diante de si para honrar e dignificar o Senhor! Queira Deus que consiga superar as próprias resistências e a de seus comparsas nesta aventura existencial, de sorte que todos juntos possam *ver o reino de Deus!*

## O ANJO DECAÍDO

Quando, no *Apocalipse* (12:7-12), lemos o episódio da rebelião dos anjos, temos a presciência do fato de que possam os espíritos de luz descair da divina bondade, mesmo tendo sido concebidos com elevadas graças de misericórdia. No entanto, as excelsas figuras angelicais, segundo o relato consagrado, ao terem tido inveja e ciúme do homem, se revoltaram por acreditarem-se postergadas pelo divino amor. Uma de duas: ou não tinham recebido o influxo do amor de Deus, sendo sua formação muito aquém do que nos fazem acreditar os livros sagrados; ou existe a possibilidade de seres apaniguados pela pureza mais sublime cometerem crimes que vilipendiem sua natureza superior, de modo a facultar-lhes o decesso na escala hierárquica que presidiria a organização existencial.

Ambas as hipóteses estão eivadas dos erros da humana prescrição de valores fundamentada na observação da organização social mal definida em que vivem os encarnados. Vejamos.

Deus, no que respeita à primeira hipótese, não teria sido equânime e justo em seu ato criativo, pois teria aquinhoado alguns seres de virtudes inatas, enquanto outros precisariam lutar para a conquista dos preceitos que os elevariam na hierarquia das criaturas. Aliás, o conceito de hierarquia, de prevalência de uns para com os outros, é que se constitui na interpenetração do humano saber em relação à verdade da criação. Se considerarmos que todos fomos criados pelo influxo do mesmo ato de amor, certamente haveremos de concluir que os anjos nem sempre existiram como criaturas superiores, ou deveremos conceber que, nós mesmos, seres imperfeitos, descaímos de nosso pedestal de harmonia para a desdita da dor e do sofrimento. Se anjos somos nós, decaídos, não haveria necessidade da criação dos homens e a *Bíblia* conteria informação falsa.

Há, pois, que considerar que os anjos tenham conseguido suas virtudes após muito pelejar por eliminar as suas cargas de imperfeições, nas quais a experiência determina crer em que todos incidamos por ato inerente à própria existência, já que, a cada avançar rumo ao Senhor, corresponde despojar de vícios e de erros que nossa curta visão nos obriga a adquirir.

A segunda hipótese, ou seja, a possibilidade de queda, é ainda mais fundamentada na nossa obtusidade material, pois, a todo momento, deparamo-nos com a corrupção dos organismos vivos, que se deterioram com o tempo e perecem, destruindo-se o invólucro material, desaparecendo a razão, o motor, o centro energético que o animava. Dessa conclusão de que tudo se desfaz, vem o conceito de que haja a possibilidade de que o que é bom possa sofrer a desdita de se transmutar em algo deletério e ofensivo.

Pois bem, o nosso arguto raciocínio deve ir além da observação do que ocorre na superfície dos organismos vivos. Se fôssemos capazes de observar o que ocorre na intimidade das células, verificaríamos que se constituem de elementos que não se empobrecem, que não se arruínam, que não sucumbem à influência do tempo. Se o aparato físico sofre os transtornos do tempo é porque assim determina a estrutura fisiológica que o sustenta, mas os seus componentes tão só se dispersam para formar em outros conjuntos, favorecendo mesmo a organização de seres novos, que substituem os anteriores, cujos objetivos vitais foram alcançados e totalmente realizados. Sendo assim, não há, verdadeiramente, na natureza, possibilidade de retrogradação.

Se nossa dissertação pudesse ir mais adiante, discutiríamos aspectos novos de teorias modernas correntes entre diversos cientistas materialistas que imaginam a possibilidade de perda energética no Universo. Fiquemos na citação do fato, para demonstrar que não estamos alheios nem desatentos a esta argumentação. Pedimos vênia, contudo, para prosseguir em nossa linha de pensamento.

Considerando, pois, que não há retrogradação física estrutural senão aparente, desaparece o argumento relativo à possibilidade de o ser superior vir a descair, principalmente se concebermos o espírito com atributos divinos, entre os quais avulta o da eternidade imanente. Nesse caso, não há como conceberem-se anjos puros sofrendo o perjúrio da impureza. Seria mero contrassenso.

Conclusão lógica: a **Bíblia** errou quando levantou a tese da rebelião dos anjos, ficando a figura do anjo decaído como fruto da imaginação humana pervertida pela interpenetração de aspirações meramente materiais, na interpretação do texto sagrado.

Pode-se levantar a hipótese do erro bíblico?

Certamente, pois o texto dos livros são controvertidos e muitos apontam caminhos inteiramente opostos. Admitir-se que a **Bíblia** não contém nenhum ponto falho é aceitar como verdadeiros fatos absolutamente ausentes na natureza, necessitando-se atribuir a seres humanos poderes divinos, como o fato, por exemplo, de haver quem suspenda a caminhada do Sol pelo espaço sideral. Por outro lado, a cada passo, há a necessidade de obrigar o Senhor a suspender sua infinita misericórdia para possibilitar ao povo judeu massacrar seus inimigos, ou ainda a derogar a imutabilidade das divinas leis para favorecer o aparecimento dos milagres, que apenas enaltecem o misterioso poder que teriam os prestidigitadores que pretenderam maravilhar os contemporâneos com seus feitos extraordinários.

Aceitar-se a rebelião dos anjos é não acreditar na justiça divina e, por via de consequência, é não admitir a existência de Deus, pelo menos segundo a concepção que a **Bíblia** nos dá.

Esmiuçando o argumento para fazer bem acessível a todos, diríamos que um deus que não seja onisciente, onipotente e onipresente, que não seja infinitamente bom e justo, seria incapaz de criar universo que tende para esses atributos, pois se fundamenta em leis imutáveis e irreversíveis. Acreditar em deus que possa ser imperfeito, pois que praticou ato de profunda injustiça ao criar seres absolutamente distintos quanto ao nível de sua perfeição, é mistificar a ideia da eternidade, fazendo-a reger-se por princípios meramente humanos. Acreditar em deus que não seja Deus é materializar a condição superior da

inteligência abrangente da centelha divina instalada no âmago da consciência; é não acreditar em Deus.

Quem é capaz de conceber que algum ser de condição superior descaia do paraíso celeste para formar, nas profundezas do bátraco, inferno em que se prendeu para o eterno sofrimento, está propenso a descair até de sua humana condição, para se ver envolto em problemas de curta extensão, de modo a facilitar o acesso a seu coração de todas as malícias e viciações.

Cuidado, pois, irmãos, com o que seu coração seja capaz de aceitar, sem que sua razão tenha oportunidade de discutir! Se a nossa linha argumentativa lhe parecer falha em algum ponto, por julgar que estamos procedendo sem a devida cautela e respeito para com os textos sagrados, cuidado para não serem enganados pelos pontos mais obscuros da exegese textual, pois aí seus corações se abrirão para os falsos profetas, que se habilitarão a fazer fermentar em seus cérebros a dúvida e a perversidade!

Se em dia absolutamente calmo, com a mente aliviada, vocês forem capazes de acompanhar o nosso raciocínio, aceitando dele as verdades espirituais mais evidentes, estarão aptos a rejeitar muitos dos tópicos puramente fantasiosos contidos nos livros sagrados, expurgando-os dos males que ali se infiltraram por força das realidades sociais, intelectuais e morais que o bom senso rejeita, como, só para citar caso de passagem, o fato de se permitirem vários conúbios para os varões ou ainda o sacrifício cruento de vidas humanas.

Há que se ter prevenção com relação à obra mediúnica; é certo. Mas não podemos fechar os olhos só por tratar de tema bíblico. Ao contrário, neste caso é que precisamos utilizar todo nosso potencial intelectual, pois, sem que a fé se ilumine pela razão, não progrediremos um passo na direção da casa do Senhor.

Lembre-mos sempre da voz de Jesus quando nos pregava, no Sermão da Montanha, exaltando os humildes. Sejamos humildes, nós mesmos, para receber, sem falsos resplendores, a verdade espiritual. Não nos deixemos levar pelas veleidades congregantes que nos determinam aceitar às cegas certos princípios contrários à natureza. Se é bem verdade que hoje somos divididos em homens e mulheres, por estarmos encarnados, não sejamos cegos para o fato de que tal divisão é meramente material, com a precípua finalidade reprodutora. O sexo, portanto, deve ser alijado de nossa concepção de espírito. Sendo assim, é impróprio reger todo nosso procedimento religioso e, por consequência, social, como se sempre iremos portar conosco o nosso aparelho reprodutor. Ajamos principalmente como criaturas de Deus e, secundariamente, como partícipes da sociedade humana. Não foi à toa que Jesus nos pregou que o primeiro e maior mandamento está em *amar a Deus sobre todas as coisas*, ficando em segundo plano o fato de termos de *amar ao próximo como a nós mesmos*.

## REVELANDO INTENÇÕES

Agradecemos a presença do amiguinho neste sábado para o trabalho de todo dia (ver *Esclarecimentos ao médium*). Fizemos questão de propiciar-lhe condições para o trabalho nesta data, para enfatizar o fato de que a restrição do trabalho aos sábados é mais uma das falácias bíblicas, contra a qual investiu Jesus em inúmeras oportunidades, o que se constituiu até numa das principais acusações de seus pretensos inimigos.

Satisfeitíssimos ficamos com o presente desempenho e prometemos aqui comparecer segunda-feira, caso amanhã não haja possibilidade de novo encontro.

Saiba, bom irmão, que este grupo não se formou por acaso nem se atribuiu aleatoriamente o nome consignado. É que se trata realmente de turma altamente interessada em direcionar o seu discurso para os espiritistas que terão necessidade de argumentar contra a posição dos membros das diversas tendências do protestantismo.

Veja bem, nós não somos oriundos desses cultos evangélicos terrenos, embora haja pastores protestantes no grupo, mas o nosso interesse é derruir a malfadada visão bíblica que atribui a Deus constituição ainda anterior à primeira revelação mosaica. Agora que vivemos a era avançada do espiritismo redivivo, pois a obra de Kardec beira pelos cento e cinquenta anos, é preciso eliminar de vez o materialismo religioso, o que se fará por meio dos espiritistas mais abnegados. Não que creiamos no advento de novas guerras santas nem que julguemos os protestantes perniciosos para a sociedade. Nada disso. O que ocorre, na verdade, é que eles estão atrasando o seu desenvolvimento ao tornarem profundamente improfícuas suas encarnações.

No que respeita à marginalidade mais insequente, pensamos que as turmas anteriores tenham dedicado o melhor de seus esforços para revelar-lhes o caminho da verdade e da purificação.

Vamos agora dedicar a nossa atenção fraternal a quem apresenta muito mais interesse em crescer espiritual e moralmente, embora desleixe o aspecto intelectual, obrigando-se a envolvimento emocionalmente frustradores, quando do despertar para a verdade no plano da espiritualidade.

Vemos que nossa dissertação provocou o mais vivo interesse e certa apreensão ao escrevente. Para tranquilizá-lo, vamos pedir-lhe que reze conosco a oração dominical e a ave-maria, para demonstrar que não fazemos qualquer restrição religiosa. O que importa é o nosso vínculo com a Divindade.

Fique na paz do Senhor!

## O MENDIGO ATRAPALHADO

Era uma vez um mendigo. Percorria ele as ruas da cidade em busca de alimentos e agasalhos para aliviar a sua fome e dissipar o frio que perpassava pela epiderme e ia alojarse no cerne mesmo de seu organismo. E pouco conseguia, pois, sempre que recebia algo de alguém, virava o rosto de lado e amaldiçoava a própria sorte, jogando seu infortúnio à conta da maior ou menor opulência daquele que lhe estendia a mão. E essa atitude inquietava as pessoas, que julgavam estar sendo acusadas de malversação da oportunidade de vida que Deus lhes dera. E assim as portas iam fechando-se, até que, um dia, por mais que estendesse a mão súplice, não conseguiu obter qualquer esmola que lhe aliviasse as necessidades.

Como casa, vivia em modestíssimo barraco, em companhia de cão pulguento, que, mais feliz do que ele, sempre recebia sobras de comida e palavras de carinho, pois nunca se recusava a abanar o rabo agradecido a quem lhe oferecesse alimento. Houve um dia em que alguém intentou prendê-lo para ministrar-lhe banho revigorador e remédio salutar, mas, em sua ignorância, suspeitou de algo insólito e fugiu, indo refugiar-se junto àquele que lhe dera acolhimento há bastante tempo atrás. É bem verdade que, às vezes, o mau humor do patrão favorecia-lhe alguns safanões e xingos, mas, no geral, a convivência era pacífica e a amizade frutificava em recíproca assistência.

Naquele dia, entretanto, as coisas não andaram bem para o pobre cão, que se viu em palpos de aranha diante da dura necessidade por que passava o seu dono. Assim que chegou com vistoso osso por entre os dentes, foi logo recebido a pontapés e torpes expressões de desagrado. Fustigado e acuado no canto mais escuro do barraco, viu-se magoado e atormentado pela necessidade de defender-se dos injustos ataques de que era alvo. Em dado momento, investiu contra o patrão e sapecou-lhe forte dentada, a extrair de sob a pele espesso jato de sangue. Livre da abertura, ganhou mundo, desaparecendo na primeira esquina.

O mendigo lá ficou a arquejar de raiva, acrescida pelo sofrimento pungente de lancinante dor produzida pelo ferimento da mordida. Atou como pôde a perna e saiu em desespero à procura de ajuda. Conhecido nas vizinhanças por suas atitudes de antipatia, não conseguiu de imediato chamar a atenção das pessoas, que cerravam suas portas e seus corações aos pedidos insistentes que fazia.

Nesse momento de profunda angústia, lembrou-se de Deus:

— *Senhor, disse ele, atende a este pobre sofredor. Sei que não tenho sido bom e fiel servidor de tua religião, pois só alcanço ficar no máximo à porta de tuas igrejas. Sei que não tenho trabalhado para poder dizer que ganho o pão com o suor de meu rosto. Mas,*

*Senhor, por outro lado, não tenho feito mal a ninguém, pois não roubo, não lanço maldição, não apregoo os males que os outros fazem, não desejo a mulher do próximo. Minha vida, Senhor, sabes melhor que eu qual tem sido. Dá-me agora a possibilidade de encontrar alívio para minhas dores. Abre o coração a algum desses míseros mortais que estão a testemunhar o quanto de maldade existe em suas mentes, pois incapazes são de oferecer a esta pobre criatura ceítil de atenção e socorro...*

E ia por aí quando se fez visível a ele grado senhor, de grossos óculos, carregando pesada maleta. Era médico, naturalmente, imaginou logo o nosso amigo, agradecendo antecipadamente ao Senhor o atendimento a seu pedido, vangloriando-se intimamente por ter tornado a sua palavra convincente a ponto de comover a Divindade a imediatamente atendê-lo.

Deveras, o senhor circunspecto, assim que percebeu que o mendigo carecia de assistência, prontamente ajoelhou-se ao seu pé para pensar-lhe a ferida. Contudo, a sua arguta observação, fruto de longa experiência, desde logo revelou-lhe que o nosso amigo precisava de outros cuidados além de simples ataduras. Imediatamente, convenceu-o a aguardar um instante, enquanto ia providenciar ajuda especializada. Por sorte, encontrou ambulância disponível no hospital em que atendia, para onde ligara de telefone público, de modo que, em breve, estava o mendigo devidamente instalado em enfermaria hospitalar destinada ao tratamento de indigentes. Nem precisaríamos dizer que a sorte de nosso irmão foi ter sido encontrado por médico de convicção espírita e que o nosocômio era instituição amparada por centro espírita kardecista.

Após minuciosos exames, embora fossem ministrados todos os medicamentos que a mais moderna farmacologia pudesse oferecer, foi necessário amputar a perna ao infeliz, contaminada que estava por antiga erisipela que degenerara em maligno tumor. Ainda que a operação tivesse sido realizada com absoluto sucesso, não se garantia sobrevida muito prolongada ao paciente.

De tudo isto, precisava o facultativo dar a conhecer ao enfermo, pois que nenhum parente ou amigo foi possível localizar, para que se pudesse dar assistência ao infeliz. Resignou-se, então, o doutor a informar ao interessado as suas condições de saúde.

Naquele momento, cresceu estranho rubor no rosto do indigitado. Afogueado, revoltou-se contra o médico, acusando-o de negligência, responsabilizando-o por tudo quanto pudesse vir a suceder-lhe, pois era incapaz de ver que fora culpado da aquisição e do desenvolvimento da doença. Execrou o cão malvado que o havia feito encontrar-se com o médico. Voltou-se finalmente contra Deus, por tê-lo atendido tão prontamente mediante a sorradeira prece que lhe encaminhara. Não contente com todo o espalhafato que fazia, amaldiçoou até as irmãs que lhe haviam oferecido as muletas com que conseguia locomover-se pelos corredores do hospital. E de lá partiu, vociferando contra o mundo.

Na porta, esperava-o, fiel e constante, o seu cão. Ao passar por ele, alcançou-o com tremendo golpe de muleta, arremessando-o de encontro à parede, ferindo-o seriamente. No entanto, capaz de reação, o pobre cachorro reuniu forças para escapar a nova investida e, ganindo de dor, desapareceu na cidade, não voltando jamais a encontrar seu incompreensível patrão.

O nosso amigo ainda viveu durante certo tempo, assistido agora pela caridosa irmandade do centro espírita, onde ia buscar alimentos e conforto material de todo tipo, não aceitando jamais qualquer palavra que pudesse despertá-lo para a divina misericórdia.

Morreu numa tarde de maio, execrando a vida e arguindo fortemente a onipotência de Deus.

Ei-lo do nosso lado, lépido, indo e vindo com desenvoltura, pleno de felicidade. Que teria ocorrido a tão injusta criatura? Que poder de regeneração teria feito crescer-lhe espiritualmente a perna que lhe faltava ao chegar? Quanto tempo decorrera desde seu passamento? Que provações teriam sido designadas pela Divindade para fazê-lo contornar os feios defeitos de caráter que trouxera do encarne?

Eis as perguntas a que deveríamos responder agora para matar a curiosidade ao nosso interessado e amável leitor. Mas tais respostas são muito simples e fáceis de imaginar. Interessa-nos muito mais sugerir que perlustre a história do mendigo e compare-a à sua própria. Veja se você não tem desprezado os que lhe oferecem a ajuda que o livra de suas vicissitudes. Examine o seu coração, para verificar se não mora lá no fundinho a inveja, a concupiscência, a malandragem embutida e disfarçada em humildade. Note se você não tem vilipendiado a amizade daqueles que, embora maltratados por sua falta de caridade e consideração, ainda assim insistem em prosseguir em sua companhia, por verem em sua figura a amizade que frutificou um dia e que poderá oferecer o resguardo de útil convivência amanhã. Pense seriamente se não está chegando a hora de as portas se fecharem à sua passagem pelo seu inconformismo e má vontade. Analise as reações dos que, mais próximos, convivem sob o mesmo teto e observe se não estão a ponto de saltarem sobre você para, sob desmedida pressão, abocanharem o seu calcanhar. Faça as suas preces passarem pelo escrutínio de seus sentimentos e cuide de perceber se não estão exprimindo a vanglória do insano poder sobre Deus. Coloque a sua saúde espiritual sob os cuidados de seus protetores e aceite pacientemente o diagnóstico de seu estado, capacitando-se a atribuir seus defeitos e males a si mesmo, a suas atitudes contrárias às sacratíssimas leis de Deus. Interne-se em hospital de restabelecimento moral, para reorganizar os seus objetivos de vida, e preencha o vazio de suas realizações através do muito de amor e de dedicação que terá de demonstrar relativamente a todos os seus semelhantes. Trate-se através dos rígidos medicamentos evangélicos, mas faça-o o quanto antes, para não ter de passar pela desagradável experiência de ver amputada sua perna e de receber a desastrada notícia de que sua vida está perdida.

Acate as nossas palavras de advertência e saiba reconhecer nelas o aviso que lhe daria o seu próprio anjo da guarda, se lhe fosse possível vir pessoalmente à sua presença. Saiba defender-se contra os males do mundo para não ter de arrepender-se magoadamente por causa de sua imprevidência e desatenção. Ore com carinhoso afeto, agradecendo as luzes que tem recebido, não importando se a origem delas tiver sido pacífica, como a brandura de sábia palavra amiga, ou ríspida, como a atroz notícia de próximo desencarne em dor e sofrimento. Saiba aceitar a vida como ela se apresenta e jamais renegue as oportunidades de crescimento moral e espiritual.

Fique, caro irmãozinho, na paz do Senhor, hoje e sempre!

## Comentário

Nosso texto foi inspirado na passagem dos *Evangelhos* em que Jesus determina ao paralítico que volte para casa, após tê-lo atendido (*Mateus*, 9:6; *Marcos*, 2:11; *Lucas*, 5:24; *João*, 5:8.).

A figura do mendicante é sempre comovedora, enternecedora, quando pacificamente aceita a sua condição, embora almeje sair dela por algum milagre de regeneração moral e física.

Quando a pessoa se encontra enovelada na vida por forte pressão econômica e não encontra meios de superação de suas dificuldades, vendo-se na contingência de estender a mão aos passantes e se sente envergonhada por ter de fazê-lo, sabendo que o fato deverá ser temporário, aí é fácil de distinguir-se aquele indivíduo que merece ser guindado a melhores condições, assim que possível. Todavia, quando o pedinte faz de sua circunstância de vida algo definitivo, espojando-se na maldade, para fazer ressaltar aos outros a sua inépcia e desconsideração pelo sofrimento do irmão, então, não terá voltados para si os benignos olhos do Senhor, que, pacientemente, aguardará que a luz se lhe faça na consciência pejada de vícios.

Em ambos os casos, no entanto, como nos ensina claramente a lição contida na mensagem, devemos auxiliar o necessitado, mesmo quando se recusa a receber a nossa ajuda, mesmo quando seleccione o que julgue o melhor para si mesmo. Em todo caso, devem-se-lhe dar todas as oportunidades de progresso. Quem tiver olhos para enxergar, verá em nossa atitude a mão de Deus, que, por nosso intermédio, mantém acesa a luz da fé e da esperança. É por isso que se diz que, também para os necessitados, *fora da caridade não existe salvação*.

Palavras do irmão João, como reforço doutrinário moral à pregação da equipe em forma alegórica. Fiquemos todos nas mãos de Deus, para sermos dignos de receber-lhe as infinitas graças!

## UM DIA ILUMINADO

Então, Moisés foi atraído pela sarça que ardia mas não se consumia e, de dentro daquele foco luminoso, pareceu-lhe ouvir a voz do Senhor. Naquele dia recebeu a missão de sua vida: deveria partir para o Egito com a finalidade de resgatar o povo judeu do sofrimento para conduzi-lo às terras prometidas. E Deus providenciou fatos miraculosos, transformando a vara em cobra e cobrindo de pústulas a mão sadia para de novo restituir-lhe a primitiva robustez. E mais ainda, prometeu dar força ao seu pensamento e poder de palavra ao irmão.

De tudo isso deu testemunho o próprio Moisés em seu livro inspirado (*Êx.*, 3:1-22; 4:1-17). Mas haverá em seu relato algo de verdadeiro? Poderíamos supor que Deus, despojado de seus atributos, descesse de seu absoluto poder para vigiar os passos hesitantes de pobre ser mal dotado de inteligência e mal formado de caráter? Teria o Senhor abdicado de sua posição suprema no Universo para vigiar o que sucedia tão naturalmente a um povo pervertido pela maldade, tanto que, após ter visto todos os milagres que lhe permitiram sair do cativeiro e que o mantiveram em seu jornada pelo deserto durante quarenta anos, compôs de ouro ídolo para adorar, esquecido do poderio de seu Senhor? Que Deus é esse que produz tanto sofrimento para muitos no intuito de apaniguar determinada espécie absolutamente não merecedora de especial proteção?

E, no entanto, Moisés, que recebeu as leis da mais profunda moralidade, inscreveu pela eternidade seu carma providencial, como se apaniguado fora miraculosamente pela palavra do Senhor.

Digamos, para argumentar, que Deus tenha deveras comparecido perante Moisés. Que provas concretas deixou impressas na memória humana para que aceitar pudéssemos sua divina presença? Um fogo-fátuo que não consumia a erva? Pois técnicas de laboratório são capazes do efeito, ainda com o acréscimo do calor e da ilusão da fumaça e tudo o mais. O efeito visual, no entanto, pode ser conseguido por prestidigitação mediúnica das mais elementares e a voz direta é fenômeno de imantação bastante vulgar, principalmente se produzido com a ajuda de horda de espíritos de pouca densidade fluídica mas de profundo apego material, ainda adejando por sobre os vícios e maldades, carentes de esclarecimento mas propensos ao auxílio pelo cansaço em que se encontram da prática das vilipendiações. Com sua energia de empréstimo, é possível dar ao fenômeno as cores da realidade mais absoluta, de modo a iludir o mais aferrado espírito pagão. Que se dirá de frágil criatura habituada aos sortilégios e às magias, com a mente fantasiosa plenamente imersa nas telúricas lendas do mais fabuloso país das profundas crenças místicas, qual o Egito, de onde partira para contaminar-se das tradições judaicas mais ortodoxas?! Que outra

interpretação poderia dar às misteriosas determinações senão aquela de que sua pessoa havia sido escolhida diretamente pela Divindade?! Que outra palavra deveria levar aos concidadãos que merecessem crédito diante das maravilhas de que fora dotado?!

Difícil deixar de conceber o ponto de vista mosaico diferente daquele que imprimiu ao seu texto.

Mas hoje estamos capacitados a vislumbrar a verdade. Diante da codificação kardeciana conhecida por espiritismo, fica fácil de conceber-se que os espíritos de luz, dotados por Deus do poder de preparar o advento da era cristã, por meio da cristalização dos ingredientes primários da lei e da ordem superior, precisavam preservar o povo escolhido para o nascimento do Redentor, dando-lhe o arcabouço religioso e moral condizente com a futura internação na carne do Cristo—Jesus. Todo esse trabalho de preparação culminou com o episódio da sarça ardente, o qual desencadeou os sucessos temporais seguintes até a fixação definitiva do decálogo, no monte Sinai.

Mas não nos fiemos, crédulos em demasia, nas palavras do enviado que iria resgatar o povo judeu das perversidades egípcias, que não eram tantas e que não molestavam mais do que os males que os hebreus infligiram aos amonitas e cananeus, só para citar dois célebres exemplos. Saibamos discutir a narrativa bíblica à luz da experiência espírita, para não sucumbirmos à tentação de ver em Deus o mesmo feroz algoz que determinou a lei de talião, segundo a qual ao inimigo se deve retribuir com a mesma ferocidade. Acreditar nas palavras mosaicas é presumir que tudo que escreveu estivesse realmente de acordo com os ensinamentos divinos, quando, na verdade, somente o inspirado extrato de leis é que deve ser levado em consideração, evitando-se até julgar como saudáveis as demais instruções legislativas que se contêm no corpo jurídico, as quais preveem absurdos e incongruências, que só não foram rejeitados à época porque mantinham intocados os interesses dos mais poderosos.

Se estamos dando interpretação *humana* ao discurso bíblico, é preciso considerar o nosso ponto de vista *espiritual*. O nosso interesse é propiciar argumentos válidos ao leitor dos textos sagrados, para fornecer-lhe anteparos que o resguardarão da invectiva de impiedade e de excesso de pieguismo; no primeiro caso, tendo em vista rejeição completa do fenômeno, como se tudo partisse da fértil imaginação do legislador; no segundo, como se a tudo se desse crédito, passando-se a reger o procedimento de hoje pelas normas estatuídas para povos nômades de belicosos e sofridos pastores, para quem o dia de amanhã é tão só ficção sem sentido e o dia de ontem, amarga recordação.

Se não fora faltar com a caridade, poderíamos referir-nos agora a inúmeros fatos reveladores de certas concepções arcaicas, a gerar procedimentos típicos em certas seitas que ainda hoje contemplam a visão hebraica dos tempos mosaicos, como essencial para a concatenação de vida mais pura no orbe terrestre, quando nem mesmo os judeus atuais sequer se lembram de tais costumes, primando seu comportamento por normas absolutamente consentâneas com a modernidade do existir humano na carne.

Desejosos de cumprir os desígnios de Deus, muitos se deixam envolver por densa névoa de superstições, crentes de que assim estarão aceitando o reino terreno de dor e sofrimento, para fazer jus à promessa das recompensas do após desencarne. Ignoram totalmente as premissas do viver atual e jazem quimericamente na ilusão de distante

passado, agindo em dormência absoluta, quanto ao plano espiritual, fazendo prevalecer a dura lei do deserto para suas consciências inermes e inoperantes.

Neste século, em que vicejam as descobertas mais espetaculares e em que as invenções sobrepujam a mais arguta imaginação, comprazem-se em estabelecer para si metas tão pouco evoluídas que repugnariam até mesmo certos coevos de Moisés, mais progressistas e industriosos inclusive nos campos das relações humanas e da visão espiritual da vida como fator moral do progresso.

Eis o que tínhamos para recomendar ao nosso leitor nesta data. Sabemos que a publicação de nosso texto sofrerá ainda a passagem de determinado tempo, mas não nos assusta o fato, pois as ideias que descrevemos estão tão arraigadas na mentalidade desses nossos irmãos, que dificilmente serão alcançados por qualquer motivação exterior, até que haja revolução interna, por meio da força reconstrutora da influência espiritual de cunho intuitivo, que os protetores estão improdutivamente injetando-lhes desde há muito tempo. Consideradas impulsos de origem maléfica, as vozes interiores soam e repercutem na alma desses nossos irmãozinhos, para seu desespero, como o reflexo dos intentos demoníacos das criaturas que, na *Bíblia*, ocasionam as possessões e a loucura. Por isso, protegem-se através de espessa couraça consciencial, tornando infrutíferas as tentativas de fazê-los arguir a verdade dos textos bíblicos. Para eles, portanto, tornando-se sagrada a palavra expressa, tudo o mais é produto da fantasia ou da maldade.

Queira Deus que, aos poucos, possamos nós do plano espiritual ir fornecendo elementos com que os irmãos encarnados vão sedimentando sadia atitude de discernimento do conhecimento bíblico, não para desalojar os livros da peregrinação judaica do lugar de honra que devem ocupar dentre os monumentos literários do planeta, mas para configurar o que de verdadeiramente existe de influência espiritual para engrandecimento da alma humana.

Saibamos reconhecer, todos nós, no Salmo 78, a verdadeira história de Israel, onde Deus é reconhecido como Pai que estabelece para todo ser humano as premissas de suas leis imutáveis, sujeitando até mesmo o povo eleito à universalidade de seus desígnios, e saibamos ver em Jeová o Deus de todos os seres, o Criador excelso que construiu o Universo.

## Comentário

Salve, amiguinho, que mais um texto se constituiu em glória para o nosso serviço. Receba o nosso agradecido abraço e vigie o seu coração para tornar a sua escrita mais fluente e a sua atenção mais concentrada. De tudo o que escrevemos, pouco se deveu à sua participação, mas você deve ter notado o influxo de nossa vontade a guiar-lhe, por assim dizer, a pontinha da caneta, pois o seu braço apresentou alguma resistência.

Saiba ver em nossas palavras a advertência da contenção do receio atávico de tratar dos temas bíblicos, uma vez que todos nós fomos formados, por força de diversos encarnes mergulhados nas premissas da religiosidade malversada, do mesmo modo que aqueles irmãozinhos que foram alvo de nosso prolongada manifestação. Você também possui restrições sérias à visão crítica do texto bíblico, embora sua razão esteja apresentando rápida evolução. E não estamos referindo-nos tão só ao escrevente, mas à maioria dos espíritos que, adventícios, iniciam neste encarne a sua peregrinação sob os auspícios da doutrina. Quanto ainda deveremos todos nós aprender para comportarmo-nos segundo a orientação evangélica!

Fique na paz do Senhor e saiba que tudo o que dissermos poderá ir sendo confirmado e remetido ao texto bíblico através de notas elucidativas. Quanto a nós, a indicação far-se-á das maneiras mais diversas, sempre tendo em vista o teor do texto. Assim, a leitura a que remetermos o escrevente poderá ser prévia ou no decorrer da transmissão, havendo ainda a possibilidade de só ser recomendada após o término do ditado. De qualquer forma, esteja sempre munido da competente obra, não importando a origem administrativo-religiosa que a produziu. A que você possui está perfeitamente adequada para a nossa finalidade.

## UM DIA NEBULOSO

Diz a *Bíblia* que Deus chamou Jeremias para ir ao templo, em seu nome, para advertir os homens de que seriam dizimados da mesma forma que o pote que ali o profeta arremessaria ao chão (*Jeremias*, 19:1-15). Dito e feito. Mas o povo repudiou os dizeres do enviado e segue a narrativa de modo que, ao final, tudo se conclui conforme a previsão.

Eis que o Senhor aparece vingativo e totalmente dominado pelas paixões humanas. Teria verdadeiramente Jeremias ouvido a voz de Deus? Acreditar nessa hipótese é, no mínimo, dar à Divindade papel bem mesquinho de guardião do templo, mesmo que em seus aspectos místicos e no que respeita às funções eclesiásticas. Ver no espírito que teria incentivado a atitude do profeta a figura do Criador é desprestigiar a excelssitude e a magnificência do divino poder. Deus seria tão pobre de expressão que não iria, ele mesmo, realizar os feitos diretamente? Deus necessitaria de porta-vozes para anunciar o que de pronto poderia fazer? Teria Deus descido de seu pedestal de glória para derrogar a lei e determinar a destruição de pobres e imperfeitos mortais?

Certamente, tudo não passou de ilusão criada pela mente obcecada do ancião ávido por salvar o povo das maléficas influências estrangeiras, que estavam a descaracterizar as tradições judaicas, introduzindo cultos alienígenas, entre os quais se imiscuía a oferenda de sacrifícios humanos cruentos. Era necessário pulso forte para conter os ímpetos da multidão. Era necessário que houvesse autoridade a quem atribuir a responsabilidade da interferência nos inúmeros interesses daqueles que se locupletavam com o comércio dos objetos sacros.

E essa condição de resguardo deveria ser preservada nos escritos básicos da religião, para servir de freio a futuras defecções. A palavra escrita, comprovada pelos fatos relacionados e postos ali à guisa de exemplo, ganha força de verdade e, quando lida durante as funções religiosas, na hora do culto nos templos e igrejas, adquire o tom de solenidade e de consagração, que o aparato litúrgico ampara, tornando-se, para o fiel ignorante, o retrato indiscutível da vontade divina.

Lido o trecho acima aludido nos templos evangélicos, irá soar na mente dos crentes mais insensatos como a tonitruante voz de fera criatura, jamais como a palavra de Deus. Que dizer, então, se levássemos a mesma leitura para dentro de uma de nossas casas espíritas, no momento mesmo da desobsessão? Evidentemente, nem os espíritos mais impuros ali reunidos poderiam aceitar que o Senhor em pessoa pudesse prometer aos infieis de sua igreja que

*... os faria comer as carnes de seus filhos e as carnes de suas filhas...*

mesmo que se pudesse compreender tão só em aspecto figurado o dizer ali inscrito.

Então a *Bíblia* se equivocou? O sentimento de Jeremias talvez fosse o mais santo possível, pois sua intenção era a de atemorizar o povo para fazê-lo de novo trilhar os caminhos da antiga fé religiosa hebraica. Pode até ter ocorrido de ter ouvido a recomendação por via mediúnica, não precisando mais do que adornar as palavras com cores mais fortes, propendentes ao fim visado. O que não faz sentido é acatar a dissertação ameaçadora como provinda do ser a quem se atribuem a mais absoluta condição do amor e da justiça.

Em nossos comentários aos temas bíblicos, estamos acrescentando alguma palavra de regeneração espiritual concernente ao temor que todos temos de ferir o que de sagrado se possa conter no teor de sua mensagem. No caso específico deste texto, repugna-nos sobremodo ferir a ideia de que a figura exponencial do profeta, respeitosa e elaborada em nossa mente na forma de prolecta criatura, dada a imagética tradicional, possa ter incidido em falha tão gritante que simples argumentação possa demonstrar com extrema facilidade. Cremos, no entanto, que nenhum de nós, esclarecido pela visão humanitarista da cultura espírita, poderia transformar-se em arauto de algum espírito que nos viesse propor chegarmos aos nossos semelhantes para reproduzir-lhes tal discurso, culminando por, simbólica mas efetivamente, quebrar botija, em gesto de absoluta violência. Após Jesus, não mais a nossa consciência aceitará não ver em nossos semelhantes o nosso próximo, a quem devemos amar e esclarecer e não arguir e condenar.

Leiamos o Salmo 79 e supliquemos juntos:

*Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome. (Salmos, 79:9.)*

Saibamos buscar nos livros santos os trechos que nos exaltarão diante do Pai e repudiemos aqueles que nos estimulem para a concepção do deus guerreiro, do deus dos exércitos, do deus da vingança e do espólio. Saibamos orar as preces de resignação e de conformação e acrescentemos o nosso pedido de compreensão e de sabedoria. Saibamos eleger os textos verdadeiramente sagrados que se espargiram por todos os livros, para dar curso aos sentimentos que nos elevarão perante o Senhor e para capacitar a nossa mente a adquirir os conhecimentos que nos elucidarão o propósito da vida e da existência. Sejamos condescendentes e jamais aviltemos os trechos que julgarmos incompatíveis com a verdadeira moral em curso nos planos espirituais superiores. Procuremos entender as suas motivações e os seus objetivos, mas não nos integremos em seu espírito, para não nos vermos emaranhados pela obtusidade de sua construção. Saibamos reconhecer os méritos e os deméritos, mas não expendamos julgamentos a respeito de seus atributos. Não vilipendiemos a mentalidade daqueles que um dia tiveram a necessidade de ouvir palavras tão duras, pois pode ter ocorrido que nós mesmos estivéssemos revestidos daquela carne, naquele tempo de iniquidades. Do mesmo modo, não critiquemos quem ainda hoje necessite de correntes tão fortes para prender os seus instintos de maldade. Se nós temos discernimento para a blandícia de Jesus e se somos capazes de receber o influxo de consolação do Espiritismo, saibamos agradecer a Deus sua benignidade e misericórdia, pois

sem elas ainda estaríamos ouvindo exortações candentes e cortantes, como as que se produziram pela voz de Jeremias.

Abramos o coração para os nossos semelhantes e dediquemos a eles o melhor dos esforços. Um dia, todos juntos, entoaremos hosanas ao Senhor, no mais puro estilo bíblico e lhe diremos:

*Senhor, eis-nos aqui perante vós, para vos exaltar e glorificar. Aceitai a nossa oferta de amor e reservai para o vosso povo redimido lugar em vosso Paraíso. Deserdai-nos, Pai, se tivermos sido injustos para convosco. Honrai-nos, porém, com vossa bênção, se nossa fé nos salvou. Dai-nos o direito de cidadania celestial e enchei o nosso coração de júbilo por termos, enfim, compreendido a Verdade. E fazei de nós os vossos servos mais fiéis. Assim seja.*

## OS CÂNTICOS DE DAVI

Quando a pessoa se sente forte e engrandecida e pratica atos de superior envergadura moral, costuma atribuir o seu proceder ao Senhor, agradecendo-lhe as boas qualidades de que se vê dotada.

No cântico de Davi (*II Samuel*, 22:1-51), vemos exatamente isso, mas com relação aos seus feitos guerreiros. Diz ele que combateu, que pelejou, que enfrentou inimigos duríssimos e que todas as vitórias devem ser atribuídas ao favorecimento de Deus à sua pessoa. Mas Davi também pilhou, assassinou, destruiu, tomou, pela força da espada, inúmeras populações, transformando-as em escravas. E tudo isso também atribui ao Senhor.

Ao final da vida, reconhecido pelo lauto banquete que foi sua existência na carne, agradece as benemerências de que se julgou apaniguado e entrega sua alma ao Pai, crente de tê-lo servido na justa medida em que protegeu o seu povo e em que afastou dele a ameaça inimiga. (*II Samuel*, 23:1-7.)

Teria o comandante supremo dos exércitos judaicos tido realmente o concurso da ajuda do Criador? Poderia vangloriar-se de ter sido criatura privilegiada diante dos olhos do Pai? Poderia conceber sua vida como inteiramente devotada à realização dos objetivos cármicos de crescimento e evolução morais, para fazer jus ao ingresso ao círculo seguinte de adiantamento? Com que olhos os espíritos hoje considerariam o arguto guerreiro, que infligiu aos inimigos as mais contundentes derrotas, exigindo sempre a paga do espólio, sem jamais se ter condoído aos clamores do perdão?

Do ponto de vista judaico, Davi pode ser considerado como o fator da unidade e do equilíbrio pátrios, mas, aos olhos do mundo, não passaria de reles conquistador e de temível adversário. Ainda hoje, nos conflitos do Oriente, vemos as consequências do ódio milenar, pois nem as inúmeras restituições aos domínios da carne foram capazes de fazer tão renitentes espíritos renegarem o seu rancor e ainda agora viceja flamante o desejo de vingança, que ameaça concretizar-se de todas as partes. Mais ódio a somar ao ódio, mais dor, à dor, mais sofrimento, ao sofrimento. Pela região passou a branda figura do Cordeiro, mas lá vicejam as religiões dos deuses guerreiros, entreolhando-se devoradores de almas. Jeová e Alá cruzam, nas mentes e corações muçulmanos e israelitas, os sentimentos e pensamentos mais aguerridos de revolta contra os invasores, pois na Terra não há quem habite fora da propriedade do Senhor. Todos, entretanto, se consideram ali igualmente injuriados e com plenos direitos de domínio sobre a região.

Se o povo está submetido e sofre a desdita do tacão opressor do inimigo incômodo, aí lança aos Céus seus rogos mais comoventes e seus insistentes pedidos de força para

afastar o irmão transvestido de inimigo. Se arma conveniente não lhe chega à mão, diz-se desamparado pelo Pai e lembra-lhe o seu direito antigo à proteção pela palavra lançada nos livros sagrados, como se Deus, ele próprio, tivesse feito e devesse cumprir promessas.

Ilustremo-nos com o Salmo de número 80:

*Ó Pastor de Israel, dá ouvidos: tu que guias a José como a um rebanho, que te assentas entre os querubins, resplandece. Perante Efraim, Benjamim e Manassés, desperta o teu poder e vem salvar-nos. (Salmos, 80:1 e 2.)*

E sobre esse choque milenar, entremeado de mortes, exílios, lágrimas e sangue, paira o fantasma do materialismo mais inconcebível dos que vêm de longe para resgatar o direito à exploração do subsolo, já que se não contentam mais os homens em lutar pelas planícies e pelos vales.

Um dia, o ser humano acordará desse seu sonho de grandeza e de poder e dirá, inconsolável, perante a sua consciência:

*— Senhor, que fiz eu? Que males pratiquei, insensato, contra aquele a quem deveria amparar e proteger? Em que espécie de bárbara criatura me transformei, às clarinadas de meu egoísmo, de meu orgulho e de minha vaidade? De que sabedoria me acreditei possuidor para julgar-me indestrutível diante das armas inimigas? Que fiz de mais esta peregrinação infrutífera?*

Mas tal tempo de despertar está distante até para quem, vendo o desastre iminente, se julga ao resguardo das responsabilidades por encontrar-se distante do palco dos entreveros, esquecidos de que suas máquinas também consomem do mesmo combustível e de que suas inteligências e braços imaginaram e construíram a civilização que agora perece por força de sua base materialista. Se a cada pequena invenção produzida pela engenharia tecnológica se acrescentasse simples prece de agradecimento ao Senhor e honesta requisição de luz para neutralizar os efeitos deletérios que, como iniludível consequência, eram factíveis de perceber, certamente o homem não teria construído as armas com que agora irá destruir-se.

Se é bem verdade que eleger o Pai como árbitro de seu proceder, como comprovam as preces que repete a toda hora, em todos os campos em que se aprestam os soldados, não há negar que tais orações eliminam de vez a figura do irmão que se encontra atrás das lindes divisionárias. Cada qual pede proteção para si mesmo, esquecido de que tal manto só o agasalhará se, ao mesmo tempo, estender-se também para os inimigos.

Vamos, pois, todos nós, esquecer as vitórias de Davi, quer sejamos fiéis seguidores de suas leis, quer encontremo-nos ao lado dos perjuros, sofrendo as mágoas da derrota. Saibamo-nos todos perdedores diante de Deus e clamemos a ele compreensão para o nosso ato de viver. Saibamos limitar a nossa posse pelo limite da de nosso vizinho e respeitemos os seus direitos, em nome do divino amor, para que por ele também vejamos respeitados os nossos.

Se não nos for possível tão já compreender a palavra do Cristo, se ainda séculos nos separam do Consolador, pelo menos abramos o coração para a excelsitude do perdão e logremos do Senhor a inefável bênção de podermos compreender que o bem que desejamos que nos seja feito deva ser exatamente aquele que reivindicamos para todos os

mortais. Se ainda nos é difícil respeitar a lei do amor e da justiça, se nosso labutar nos propugna o benefício de nosso lar e a proteção de nossa família, que, pelo menos, sejamos instruídos no sentido de admitir a lei da defesa como direito de todos, de modo que, ao nos protegemos contra os males, não nos tornemos nós mesmos os carrascos de nossos adversários.

Transformemos a nossa fraqueza em força de resguardo, admitindo em nossos irmãos separados de nós pela ideologia religiosa e pelo rancor nacionalista a mesma investidura de filhos de Deus. Aceitemos a necessidade do progresso, que tão bem compreendemos para a vida social, como princípio de nossa organização espiritual, de sorte a adquirirmos o poder de ponderar a respeito do equilíbrio cósmico como realidade tangível e, portanto, como meta de realização. Não nos atenhamos a meros sectarismos religiosos, nem nos deixemos empolgar pela astúcia da palavra dos líderes que nos conduzirão à morte; antes, rebelemo-nos em nosso coração, de modo a formar escudo vibratório de defesa, para que ensejemos às forças da espiritualidade superior que atuem em favor de nosso progresso, evitando a estagnação a que nos condenaria o ódio e o crime.

Sejamos coerentes com o beneplácito da vida que recebemos e, do mesmo modo, ajamos com relação a todos os semelhantes.

Se nos é difícil referir-mo-nos ao bem sem referências às virtudes evangélicas e sem aludirmos aos conceitos cármicos trazidos pela doutrina espírita, que dizer, então, dos pobres fiéis em seus templos de incrustação e fermentação do ódio?! Haveremos, pois, de compreender os irmãos que se iludem pelas palavras bíblicas, de modo a muito orar por eles, para que recebam com algum discernimento as intuições que seus guias de luz lhes enviam, com a finalidade de despertarem para o conjunto das verdades que se contêm nos livros sagrados, fazendo-se capazes da separação do joio do trigo.

Perdoe-nos o amigo leitor se tão longe fomos buscar na história as causas do desastre que se avizinha no Oriente Médio e que graves repercussões terá para o restante dessas pátrias econômica e militarmente interligadas. Todavia, se bem for analisada a situação, poder-se-ão ver nos campos de luta os mesmos exércitos, os mesmos líderes e os mesmos sufragistas. O que já não se encontra ali são as inocentes vítimas dos conflitos, as santas criaturas que oraram fervorosamente a Deus pelo fim do ódio e do espírito de vingança, os que reconheceram que a continuidade das guerras era o mal maior a impedir o progresso, transformando-se todos eles em espíritos protetores, alguns assistindo a multidão dos círculos superiores, outros rogando à Divindade pelo término das hostilidades, a maioria produzindo legítimas vibrações de amor para obstaculizar as negras influências dos perversos que ainda mantêm o ódio como chama viva de sustentação existencial, acreditando ver nos inimigos a causa de seus sofrimentos, quando são tão só o resultado da sua própria iniquidade.

Ergamos aos Céus a nossa prece mais comovida, rogando a Deus compreensão para mais este conflito dentre tantos que vêm ensanguentando o solo neste século de horrores. Que possam os espíritos de luz transformar em arranque para a bem-aventurança os graves sofrimentos que a muitos atingirão, procurando ganhar para a espiritualidade o que, certamente, se constituirá em grossa colheita para a morte. Saibam eles, com o auxílio da divina providência, reverter esse processo que nos parece tão doloroso e circunscrever a

área de perversidade e de malignidade, abrangendo apenas os seres mais empedernidos, de modo a desarticulá-los, para favorecer, também a eles, o ingresso nas hostes do Senhor.

## ADÃO E EVA

Quando Deus, na *Bíblia*, interrogou Adão:

— *Onde estás?* (*Gênesis*, 3:9),

obteve por resposta envergonhada que se sentia nu, a descoberto, e, portanto, precisava esconder-se. Estava criado aí o disfarce ou a necessidade de ocultação do crime, porque o homem não se revelasse tal qual era em sua estrutura moral. Até agora agimos assim, embora a expulsão do Paraíso se devesse à afronta que fizemos a Deus, na figura adâmica, símbolo da criatura humana e paradigma bíblico da psique culpada.

Como poderia, de modo mais claro, inscrever nos sagrados livros o autor para nos fazer conscientes de nossa pérfida personalidade? Deveria, com os recursos da época, escrever tratado de psicologia, para declarar o ser humano em débito com a verdade? Quem seriam os leitores suficientemente doutos para compreender algo que ainda hoje provoca polêmicas entre os mais sábios cultores das teses psicanalíticas?

A fórmula mítica usada foi tão perfeita que não há quem não conheça a história da maçã, da serpente e de Eva.

Mas o povo não desejou ver no mito algo que lhe dissesse respeito. Alguns inferiram que o pecado fosse original, de sorte que instituíram, em suas liturgias religiosas, meios para livrar os mortais desse peso consciencial primário, transformando o batismo pela água em sacramento de purificação essencial. O homem batizado estaria livre do princípio da culpabilidade inicial de sua vida, como se perdoado pudesse ser do fato de carrear para a Terra necessidades de expiação de crimes pregressos, o que tornaria todo ser humano puro, para sobre tal tábula rasa psicológica erigir a personalidade imaculada.

No entanto, povos que não se preveniram eclesiasticamente para debelar esse peso inato da consciência conseguem que seus cidadãos ajam de modo basicamente idêntico às chamadas raças de origem cristã. Não há diferenças essenciais entre o procedimento pagão e o resultado da aplicação superficial do aparato sacramental das religiões ditas ocidentais. Não é por ter sido batizado que o homem se torna digno de voltar a habitar o paraíso.

Mais ainda. Uma vez *sábio*, foi proibido ao homem tomar o fruto da árvore da vida, impedindo-lhe Deus, na *Bíblia* (*Gênesis*, 3:22 e 23), que viesse a adquirir o direito à vida eterna. Ora, tal concessão lhe havia sido dada anteriormente em estado de pureza. Não está aí o princípio cristão da necessidade de voltar-se o homem para o Pai, de modo a amá-lo acima de todas as coisas? Evidentemente, para fazê-lo integralmente, deverá limpar o coração de toda maldade, o que só conseguirá se extirpar dele todos os eflúvios de

malignidade, devendo compor-se como originariamente foi criado, ou seja, no estado da mais pura inocência, de sorte a poder voltar a apresentar-se nu diante do Pai.

Quem, em sã consciência, se julga em tal estágio de perfeição para merecer provar do fruto da vida eterna? Certamente, quem for depurando-se aos poucos, segundo as leis que se instituíram para os seres humanos no momento crucial da expulsão, de forma alegórica mas definitiva e veemente: através do trabalho, para se conseguir sobreviver, e através da dor, para possibilitar aos semelhantes o seu nascimento para a vida. No que respeita ao esmagamento da cabeça da serpente, a interpretação é claríssima: havemos de exterminar o mal, tomando cuidado para não sermos por ele atingido, ou seja, prevenindo-nos para que a víbora não nos alcance o calcanhar.

Quanto ao fato de a história bíblica referir-se a dois seres distintos, ou seja, Adão e Eva, não consignando à mítica unicidade do ser, para estabelecer referência à espécie, mas dualizando, para configurar a duplicidade dos gêneros, evidentemente, é para lembrar que a forma pela qual se reveste o espírito na carne lhe propiciará alternativa de textura psicológica, havendo, portanto, que se diferenciar o procedimento masculino do feminino, tendo em vista as funções orgânicas diferenciadas a partir do aparelho reprodutor, o que determina necessidades bem díspares de crescimento moral. Aliás, a própria notação bíblica estabelece distinção entre o procedimento feminino, muito mais voltado para a realização individualizada, do masculino, endereçado à concretização de ideais mais extensos e abrangentes.

Cabe lembrar, de passagem, que os espíritos não têm sexo, de modo que não estamos interessados em demonstrar superioridades ou inferioridades, uma vez que todo ser humano deverá suplantar as deficiências que apresentar, segundo seu encarne seja masculino ou feminino, o que variará pelos tempos, conforme as necessidades pessoais.

Esta *lição* não visa a derogar a visão bíblica da entidade humana em seu aspecto primitivo. Ao contrário, vimos tentando sancioná-la, desvestindo-a, porém, de seus aspectos mítico-literários, para revelar o homem em seu estado natural. Se bem compreendida a noção ali escondida, como sugere que esteja o próprio texto em que se demonstra que o homem tem necessidade de se vestir para apresentar-se em público, poderemos, inclusive, enaltecer o texto bíblico, atribuindo-lhe aspectos de elevada inspiração, como se sugerido fosse por seres de estratificação superior na escala evolutiva.

No início, ao nos referirmos ao autor do mito, não inscrevemos o nome de Moisés como sendo quem deu vida à lenda, embora saibamos que de sua lavra são os cinco primeiros livros da coletânea sagrada. No caso da criação do mito de Adão e Eva, Moisés somente argamassou os elementos para edificar a obra, uma vez que a história estava divulgada em seu meio, tendo chegado ao seu conhecimento por via da tradição oral. Sabem os eruditos que o mesmo trecho se conhece nas tradições milenares de diversas outras seitas religiosas, sendo cediço comentar aqui o fato de que a mesma inspiração possa ter-se revelado a médiuns postados à cabeceira das diferentes tendências míticas humanas, ao influxo das necessidades espirituais de caráter superior, para encaminhar os encarnados, no sentido de vasculharem a sua consciência com o objetivo de aliviar os seus sofrimentos por via da compreensão da vida e da existência. Não há negar a possibilidade ainda de as diversas teorias terem origem comum, mas aí iríamos perlustrar caminhos desconhecidos para a história da humanidade.

O que nos importa, neste instante, é dar a conhecer ao querido leitor a possibilidade de a **Bíblia**, neste capítulo, estar falando de Deus mas referindo-se a seus enviados de luz, o que é fato que se repete constantemente, como denunciemos nas mensagens anteriores.

Não há, pois, que desmerecer o mito de Adão e Eva, mesmo se suprimirmos da lenda a presença da Divindade. O que avulta em importância é ter ele precisão psicológica, imponderável para a criatura incapaz de aceitar a obra como inspirada mas humana, contudo perfeitamente natural e realista para quem acrescentar à sua cultura o aprendizado mais atual do conhecimento da mente, como resultado da pesquisa mais isenta de credulidades.

Ver em Adão e Eva, indissoluvelmente ligados pela psique, a natureza mesma da criatura humana é perceber algo de grandioso que só a onisciência divina seria capaz de conceber em seu ato de criação. Agradeçamos, pois, ao Pai a possibilidade que nos deu do conhecimento, embora, através dele, Adão e Eva *tenham pecado* e por isso sido expulsos do paraíso. Sem esse perscrutar da mente humana, jamais iríamos ter a possibilidade de retornar ao paraíso, que nos parece muitas vezes perdido. E esse conhecimento do interior consciencial deverá fazer-se à luz do evangelho, sob os auspícios da doutrina espírita, de modo que poderemos ir desde logo purificando o nosso proceder e ofertando ao Senhor o resultado de nossos labores, conquanto regados por muita lágrima e sangue. Cumpramos o carma bíblico para satisfazer os princípios estabelecidos pelo Senhor para nossa sobrevivência e saibamos esmagar a cabeça à víbora das viciações.

## NA HORA DA MORTE

Jesus estava pregado à cruz. Sabia que nada mais obteria da vida para si. Estertorava. Os seus algozes lhe administraram com esponja um tanto de vinagre. E expirou. Naquele instante supremo, elevou o pensamento aos Céus e pediu ao Pai perdão para os humanos, pois, segundo ele, não sabiam o que faziam.

Em *Ezequiel* (18:1-32), lemos as responsabilidades dos seres humanos, aliás pessoais e intransferíveis, mesmo que de pai para filho ou vice-versa.

Era justo julgar os judeus, que o acusaram e que obrigaram os romanos a executarem-no segundo as bases hebraicas do direito, como ignorantes de seus deveres, isentos de culpa, inocentes perante Deus e os homens, na medida em que Jesus dizia não saberem o que estavam fazendo? Derrogar a responsabilidade de quem leva alguém ao patíbulo, à forca, ao cutelo, à guilhotina, à cadeira elétrica, à câmara de gás ou ao pelotão de fuzilamento, é certo, quando o que se faz se escuda em aparato legal organizado, de acordo com os preceitos estatuídos e aprovados pela população?

Onde ficaram as ordenações contidas nos ensinamentos de Ezequiel e dos demais organizadores dos direitos e deveres do povo de Israel? Que raiva pessoal contra o Senhor foi alimentada na alma do povo, para que clamasse pela destruição da figura do Mestre, como se inimigo fora e não um dos que nasceram sob as marcas do judaísmo pátrio e religioso? De que males era ele possuidor que pudesse oferecer perigo à estabilidade da nação hebraica?

Na lei mosaica inscrevera-se: *Não matarás*, não tirarás a vida ao homem ou a seus descendentes, sem que seja por legítima defesa. Que alegação houve para se culminar com a morte de Jesus no topo humilhante da cruz, ao lado de ladrões, estes sim perniciosos à sociedade, mas igualmente preserváveis pela lei do decálogo mosaico?

Os homens de então estavam convencidos de que o Senhor vinha para derrogar a lei, embora tivesse afirmado o contrário. Quem fora capaz de ouvir a palavra do Messias, perdida em confusão de ideias falaciosas a respeito de transcendentais perigos de destruição do templo e de reconstrução em três dias?! Como se dava crédito ao que se dizia a respeito dos poderes miraculosos de Jesus, uma vez que corria que era capaz de curar os doentes e de levantar os mortos de suas sepulturas, estabeleceu-se o pânico entre a multidão, atribuindo-lhe outros fabulosos poderes de destruição e de reerguimento, em bases novas, da civilização judaica.

Temia-se pela propriedade, pela religião, pelo povo, como se o homem de Nazaré pudesse, com um pugilato de galileus, promover sedição tal que desalojaria os judeus do poder e afastaria até os romanos para plagas distantes, instalando-se nova diretriz

governamental que tornaria o povo escravo e incendiaria o poderoso invasor de ódio e sentimento de vingança. Dizia-se que, por Jesus querer enfrentar a vida e a morte, levaria toda a população ao desbaratamento completo do que ainda lhe restava e que não fora confiscado pelos representantes do imperador romano.

Mal equilibrados nessa instável balança política, não tendo segurança quanto ao que se podia esperar do invasor, o povo acreditou estar em perigo e não titubeou em eliminar esse temor, executando aquele que lhe parecia factível de ser destruído.

Que se devesse enfrentar o mal externo era suficiente para ocupar a mente dos que se mantinham no poder, à custa de muita concessão e de muita perversão moral. Conta-se que os pais ofereciam as filhas e filhos espontaneamente, para preservarem parte das propriedades. Por que não sacrificariam um ser estranho, que lhes investivava os vícios, que os instigava para a morigeração, que os induzia ao respeito ao poder do inimigo, dizendo-lhes que Deus oferecia muitas moradas aos filhos, temerosos de terem de desalojar-se daquelas em que habitavam?!

Jesus era-lhes um estranho que vinha dizendo coisas espantosas a respeito da vida e da morte. Enquanto milagreiro e benfeitor do povo, era admitido. Como reformador dos hábitos e das leis, era o perigo em potencial. Não invadira, à chegada a Jerusalém, o templo e de lá não expulsara os vendilhões, em nome de um deus desconhecido, a que chamava de seu pai?!

Eis caracterizado o espírito que obrigou Jesus a entregar-se aos soldados romanos e que assustou tanto aos discípulos que estes se espalharam, temendo pela própria sorte. Jesus se viu sozinho, ao desamparo de todos, mas protegido pelo Pai. Daí sua força moral para pedir a ele que perdoasse o povo, porque, dizia, *não sabiam o que faziam*.

Do ponto de vista material, realmente, podemos perceber que o Filho do homem não tivera tido oportunidade de estender as suas ideias junto à população hierosolimita, embora na cidade se concentrasse, à época das festividades pascais, multidão de estrangeiros, muitos dos quais inteiramente alheios à pessoa de Jesus, de quem, no máximo, tinham ouvido falar pela momentosa ocorrência de sua perseguição e julgamento.

Alguns que por ele tinham sido atendidos e que poderiam falar em seu favor se encontravam sob áspero domínio do medo. Os mais íntimos achavam-se confortados pela palavra do Senhor, segundo a qual, em breve, todos se encontrariam de novo e adentrariam o reino de Deus. Esses amigos, simpatizantes e apóstolos resumiam sua reação em ternas e sofridas orações, desarvorados, contudo, diante do que rogar para produzir o efeito que melhor se coadunasse com a situação do Mestre. Os familiares eram impotentes. Os mais influentes ou não intentaram falar em favor do réu ou não foram sequer admitidos à presença dos juízes, os quais julgavam com premeditação, tendo previamente determinado a culpabilidade do acusado, sem direito a defesa.

O representante do povo romano, Pôncio Pilatos, ao analisar as peças do processo, não encontrou culpa que justificasse qualquer condenação e chamou Jesus à sua presença para interrogá-lo, mas este só fez ver a ele que o mundo não pertence aos homens mas sim a Deus e que este é que teria direito sobre o filho, não possibilitando qualquer atitude de salvação da parte do magistrado romano. Este ainda ofereceu a possibilidade do perdão, mas o povo liberou Barrabás da prisão, preferindo sacrificar o Cristo e predispondo o romano a lavar as mãos, o que significava claramente que o sangue de Jesus era o de um

inocente pela convicção de seu juiz, o que atribuía aos judeus total responsabilidade pela execução da sentença de morte.

Eis-nos diante do dilema inicial: teria razão Jesus em considerar o povo judeu ignorante do que estava fazendo? Do ponto de vista material, vimos que não. Do ponto de vista moral, também não, pois não se aplicava a lei do perdão, nem sequer se lembrava da recomendação mosaica. E do ponto de vista espiritual?

Este é o ponto em que se fundamentou o pedido crístico. Jesus sabia que o homem não tivera ainda oportunidade de crescer espiritualmente, no sentido de compreender as leis básicas do amor a Deus e ao próximo. Em seus *Salmos*, os judeus viam na figura do Senhor o deus dos exércitos, o deus particular do povo hebreu, o deus capaz de destruir os inimigos e de proteger os seus filhos da destruição. Naquele instante, sobretudo, o inimigo estava dentro de casa e impunha ao vencido a ignominiosa condição de servidor, pois tudo o que ocorria, apesar de certa magnanimidade e permissividade própria de povo cansado de batalhar, incidia em mais derrotas sob todos os pontos de vista, não se preservando mesmo a unidade religiosa, pois muitos eram obrigados a abjurar da fé tradicional para adotar as divindades romanas.

Era de pura vergonha o estado psicológico do povo judeu. Como iria preocupar-se ainda com a palavra de Jesus para reformulação integral de suas vidas? Jesus trouxera o amor como fundamento de sua pregação; não aquele descrito pela lei e pelo culto israelitas, mas o amor a um deus de perdão, a um deus de todos os homens, ao Criador supremo do universo, para quem todos deveriam voltar-se finalmente, se quisessem a verdadeira felicidade, que não é deste mundo.

Se o homem de então merecera a vinda de Jesus para salvá-lo, é óbvio que não estava ainda apto para a redenção. Para integrarem em seu modo de ser os ensinamentos de Jesus, exigir-se-ia deles bem maior poder de concentração mental em torno dos ideais cristãos. Não havia, sob este ponto de vista, como deixar de considerar os homens inteiramente isentos de culpa pela crucificação. Assim, se cada um obteve de Deus o perdão para seu deslize cármico, teve também de sofrer as consequências por sua responsabilidade diante da lei que deixou de ser aplicada.

Durante o restante de suas vidas, puderam refletir a respeito do que fizeram e muitos tiveram oportunidade de compreensão e arrependimento de seus atos, à vista da divulgação dos ensinamentos evangélicos. Outros ainda hoje não atinaram com a sua falha de julgamento e exigem o cumprimento da parte do Pai do pedido de Jesus, achando que não foram culpados pelo crime de sacrificar um inocente. Muitos obtemperam diante das acusações que suas consciências lhes propõem e se refogem no conceito da ignorância, de modo que ainda mais chafurdam na viciação deletéria de julgar preferível desconhecer a verdade para argumentar com os libelos da ignorância, esquecidos de que o próprio Jesus lhes ofertou a diretriz de vida capaz de retirá-los de seu charco de ilusões.

Eis, bom amigo, chegada a hora de tirarmos algumas conclusões morais de tudo o que explanamos. Mas nós não iremos fazê-lo por você. Cada caso é um caso e cada leitor nosso deve saber exatamente em que refolho d'alma se esconde o seu próprio drama diante das palavras de Jesus agonizante. Vamos, sim, pedir-lhe, com modéstia e humildade, que ore pelos irmãos que até hoje não entenderam a sua responsabilidade diante da sociedade e diante de toda aplicação da lei.

Hoje, os costumes estão muito diferentes daqueles que presidiram ao procedimento dos judeus, mas ainda perduram os fatos de que as leis são aprovadas por representantes do povo e que todo povo tem o governo que merece e que deseja. Se é bem verdade que a maioria pode ter escolhido outro que não seja o candidato de nosso leitor, também é fato que é preciso lutar para que os hábitos mudem e isto cada qual pode fazer no âmbito de sua influência.

Vamos tentar compreender a vida sob o ponto de vista espiritual, para que sejamos inteiramente responsáveis por tudo o que façamos. Se é verdade que o pai não transfere a responsabilidade de seus crimes ao filho, também não podemos olvidar que tudo de bom que pudermos oferecer ao nosso semelhante pode representar sementinha que, se bem cuidada, germinará, crescerá, produzirá folhas e frutos, os quais serão de utilidade para muitas outras pessoas, de forma que, se a nossa responsabilidade é intransferível, o é também todo ato bom que fizermos, o qual será contado a nosso favor.

Oremos, por isso, também para que nós mesmos compreendamos a necessidade de obrar segundo os valores evangélicos, para que o sacrifício do Cristo não se tenha dado em vão para nós.

## REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO

Querido amigo escrevente, estamos satisfeitos com os rumos que estamos imprimindo ao trabalho. Sinceramente, tivemos medo de que o nosso ditado pudesse oferecer certa complexidade diante do relacionamento que estabelecemos com os textos bíblicos, mas tal ansiedade passou e agora vemos que iremos conseguir dar curso à obra que planejamos. Basta, para isso, que você continue a efetuar as leituras segundo a orientação que intuitivamente lhe é fornecida.

Vá com calma e efetue o trabalho segundo esse princípio, que o mais nós faremos. Não queira antecipar-se a nós no julgamento das razões nem na elaboração dos argumentos. O que deverá conhecer previamente nós lhe transmitiremos por ocasião da leitura. Andou bem em se lembrar de que muitas obras mediúnicas foram baseadas em textos dos *Evangelhos* ou outros, após discussões em sessões de estudo. Transforme a sua leitura em modesta e superficial apreciação, que nosso ponto de vista prevalecerá no momento da escrita.

Fique em paz, irmão, e creia que tudo está decorrendo de forma ainda superior à que imaginamos.

Vamos orar para recomposição energética, tendo em vista que exaurimos completamente a sua reserva fluídica. A água será fluidificada assim que se puser à disposição para o final da imantação.

Gratos, amigão! Fique com Deus!

## ÀS SETE IGREJAS

O *Apocalipse* de João, o Evangelista, foi dedicado às sete igrejas da Ásia. Obra inspirada por Jesus, foi transmitida ao apóstolo através de anjo rutilante de amor, que compareceu para as sessões de mediunidade vestido como poderoso mortal pelas feições e pelos paramentos, mas espírito puro no que respeita à influência que exerceu sobre a mente e o coração do médium excelso (*Apocalipse*, 1:1-20). Dada a capacidade de vidência e de psicografia, não necessitou o apanhador dos ditados mais do que sua desenvoltura para receber os fluidos energéticos, de forma que pôde realizar trabalho até hoje ímpar no campo das manifestações espirituais.

Por que foi obra tão magnificente dedicada às sete igrejas da Ásia? Porque eram as que se encontravam periclitantes e necessitadas de apoio logístico doutrinal, de modo que os pastores pudessem soffrear os seus rebanhos com nova descarga de poder magnético conceitual, capaz de imprimir às mentalidades de então procedimento de contenção dos males a que estavam tendendo e que provocariam inequívoca defecção, arruinando-se de vez o trabalho preparatório exercido pelos diversos peregrinos santos que por lá andaram e pregaram, especialmente Paulo e Pedro.

Por que o texto apocalíptico é tão hermético e possui fulgurações de previsões trágicas tão intensas e tão iminentes, afirmando: *os tempos estão chegando*, e dizendo que até os que sevicieram o Cristo teriam oportunidade de meditar a respeito da boa-nova? Porque era preciso utilizar a linguagem mística mais apropriada para espíritos tão necessitados do maravilhoso para crerem na veracidade dos ensinamentos encaminhados por Jesus aos seres humanos. Se Deus necessitou de arcanjo com luzente espada para colocar à porta do paraíso e de outros deslumbramentos, que dizer, então, dos espíritos guardiães dos novéis cristãos que se desarvoravam diante das ameaças de perseguição?!

Era necessária forte argumentação, sob os auspícios da mais lídima autoridade. Quem, além de Jesus, poderia conter os ímpetos impuros dos que desejavam repudiar a fé nascente? Assim, foi dada a João a oportunidade de testemunhar a força do poderio espiritual e de tal forma o fez e tão fortes foram as palavras que se utilizaram que até hoje o homem comum treme diante da possibilidade da libertação da Besta, que representaria a calamidade total, a destruição absoluta da vida sobre a face da Terra.

E, no entanto, o texto foi dedicado às sete igrejas da Ásia. Seus efeitos, portanto, deveriam circunscrever-se à atualidade da pregação e os aspectos proféticos encerrar-se-iam no âmbito mesmo das expectativas daqueles povos.

Era a velha tática tão repetida no *Velho Testamento* de impelir o homem a proceder com lisura pelo temor de ofender os princípios religiosos, quando não a própria entidade deificada. O que residia no fundo da consciência de cada cidadão não era a figura radiosa de Jesus, anjo de candura, bondade e complacência, paladino do perdão, protetor dos que se arrependiam e dos que professavam a nova crença que se espraiava; o que morava no fundo do coração de cada ser humano, na época, era o temor ao fogo dos infernos, era o medo da vingança, era o receio do sacrifício de suas posses. Se o pobre mortal fosse tentado a subverter a ordem admitida pela sua mentalidade, formada e deformada sob a orientação das palavras dos mais diferentes pregadores das seitas colocadas em situação de perigo, deveria ter sólidos argumentos em que fundamentar a nova crença. E essa noção de força se continha ainda no espírito de quantos lutavam na primeira linha da frente de batalha.

Não nos coloquemos, pois, como leitores necessitados do *Apocalipse*, segundo a ordem de prioridade que acima estabelecemos. Desde o momento em que se deu a sua divulgação inicial até a presente data, muito se modificou a situação do mundo. Hoje não temos mais necessidade de ver adentrar nossa casa legião de anjos resplandecentes para crer em que Deus vela e, misericordiosamente, anela por nossa recondução ao caminho do bem. Hoje temos outro discernimento, esclarecidos que temos sido pela terceira revelação, que não necessitou senão do Espírito de Verdade para nos convencer a peregrinar em amor, justiça e caridade, na direção do reino do Senhor. Consolemo-nos com a palavra terna de Jesus e abramos nossas mentes com a pregação contida na codificação kardecista. Ajamos com boa vontade em favor de nosso semelhante e verificaremos que não estamos mais necessitados das palavras incendiárias do texto apocalíptico.

Vejamos nos mistérios ali contidos a solução mesma do seu enigma. As palavras são misteriosas e assombram porque era essa a sua finalidade. Nada mais significavam. Não há Besta a ser solta. Os tempos rolaram, vinte séculos se passaram; não há necessidade de tentar interpretar as infelicidades da premonição apocalíptica como o final dos tempos. Para quantos o fim já chegou em diversas encarnes de absoluto sofrimento?! Não há precisão, pois, de mais ansiedade, de mais angústia, de mais dor moral nem de expectativas infundadas. A guerra bate à nossa porta? Quantas nesse período já concluíram, tendo trazido o frêmito da mais profunda angústia aos que acreditavam que os tempos eram chegados!

Saibamos ver nos cabelos brancos da personagem-anjo que trouxe a mensagem a João o resultado da experiência, da vivência e do conhecimento da alma humana. Não ergamos nós, porque não recebemos procuração para isso, a espada de dois fios que trazia presa à boca. No máximo, saibamos vestir a sua imaculada veste branca, cor símbolo da paz e da pureza, e reneguemos os petrechos de ouro que portava, sinais de luxo e riqueza materiais para dar a ilusão de poder econômico. Reconheçamos em suas palavras o vigor, a energia e a pujança de sua inteligência e de sua vontade de prescrever os caminhos que devemos seguir, mas não nos atemorizemos com a tolice das ameaças que prometem destruição para justos e injustos, humildes e orgulhosos, pobres e ricos, fiéis e infiéis, espiritualistas e materialistas. Ergamos o nosso monumento pessoal de fé no divino poder, mas confiemos em que Deus é justo e nunca iria cozer no panelão indiscriminado do Inferno todas as suas criaturas, só porque *os tempos estão próximos*.

De temor e de tremor deve ser feita a nossa oração, mas não diante da fúria divina, senão perante a nossa própria imperfeição, os nossos vícios e os nossos crimes. Verdaderamente, se nosso procedimento for indigno, sobre nós recairão, com toda a certeza, as predições mais cáusticas do *Apocalipse*. Mas, certamente, quem nos arremessará, irrevogavelmente, no caldeirão da dor e do arrependimento será a nossa consciência despertada para o bem que deixou de praticar e remoída pelo remorso dos crimes perpetrados. Tenhamos, cada um de nós, inscrito no coração o nosso apocalipse e esqueçamos de vez o sofrimento perverso que seria administrado por Deus às multidões, mesmo que ocorram hecatombes e guerras sanguinolentas. Se nós soubermos administrar, em favor de nosso irmão, os recursos de que somos dotados, inevitavelmente receberemos dos nossos protetores o seu manto de paz e amor.

Saibamos, pois, compreender o texto bíblico e não nos iludamos com o vigor e a força dos termos em que foi vazado. Transformemos o geral no particular e oremos com muita fé, para que, a cada dúvida que nossa mente for capaz de suscitar, possam os espíritos guardiães fazer chegar intuitivamente ao nosso coração a real resposta, de sorte a nos iluminarem o caminho para a nossa redenção.

## Comentário

O presente texto chega no momento oportuno do prazo final dado pela Organização das Nações Unidas ao Iraque para que desocupe o Kuwait, desobrigando moralmente os Estados Unidos da América de responder pela força à invasão militar. Todos os bloqueios espirituais estão sendo derrubados, para que se consiga minimizar os efeitos do conflito inevitável. Se há aspectos religiosos embutidos nas causas reais da guerra, muito mais fortes são as influências cármicas que opõem, de modo dramático, os diferentes povos envolvidos no litígio.

Se fora possível evitar a destruição, pode o amigo leitor crer em que o faríamos; mas devemos submeter-nos à ordem e à lei instituída pelo Pai para este planeta e para os seres que aqui crescem e buscam livrar-se dos liames que os prendem ao domínio da matéria.

Se guerra houver, estará o plano espiritual adequadamente preparado para atender à aflitiva condição dos homens. Entretanto, como em cada coração parece vibrar mais forte o componente do ódio e da vingança, muito mais força obtêm aquelas entidades estimuladoras do conflito, que, das zonas purgatórias do bátrio, conseguem infiltrar junto aos encarnados certa necessidade mental de infligir aos inimigos a vergonha da derrota.

O que nos pesa, nestas circunstâncias, é ver o socorrismo espiritual como que de mãos atadas, incapaz de exercer a sua missão na plenitude de sua capacidade. Agora é hora de muita prece, pois tudo sempre está nas mãos de Deus.

Fique o caro amigo bem cômico de seus deveres e obrigações e não se deixe levar pelas aparências que a matéria assume. É preciso elevar o pensamento ao Criador, que dele obteremos as necessárias explicações para tudo compreendermos. Se um simples médico na linha da retaguarda pode medicar feridos, amenizando-lhes o sofrimento físico, também nós, em nossa distante condição de observadores, podemos levar o nosso lenitivo espiritual ao sofrimento moral de quantos forem atingidos pela maldade e pelo tóxico da grandiosidade humana. E essa nossa ajuda obterá êxito quanto maior, à proporção que conseguirmos vibrar com pureza e determinação em favor de todos os sofredores, independentemente da bandeira que os represente.

Ergamos aos Céus as nossas preces mais comovidas e façamos por eles como gostaríamos que se fizesse por nós.

Inevitavelmente, quando o nosso texto chegar ao conhecimento público, os acontecimentos estarão definidos desde há muito, mas não se perca a nossa recomendação, pois muito haverá de ser feito ainda pelos irmãos sofredores, pois o ódio grassa e os crimes avolumam-se, indicando que, qualquer seja a época, muitos ainda restarão a necessitar de nossa ajuda, fruto de atitudes infelizmente inteiramente estranhas a tudo que o Cristo pregou e os anjos nos ensinam.

Como nos falta hoje, diante de tais circunstâncias, um João Evangelista a enviar para o Oriente Médio novo *Apocalipse*, em que se pudesse evidenciar não mais os horrores dos sofrimentos, mas a profunda desarmonia espiritual de cada protagonista do conflito. Que palavras seriam suficientemente fortes e audazes para desacreditar o homem de seu poderio diante do Senhor? Que inspiração seria suficientemente elevada para demonstrar a inutilidade cármica desse sofrimento? Que divina luz deveria ser acesa para iluminar as mentes e os corações para a compreensão da vida e da existência?

Como somos fracos hoje, como somos impotentes diante da grandiosidade e da extensão dos crimes! Mas Deus é eterno e soberanamente bom e justo. Confiemos nele!

## O DIA DE HOJE

Lemos no *Eclesiastes* (7:1-14) que não há dia melhor que o dia de hoje. Sabemos que muitos irão lembrar-se de dias absolutamente felizes, em que se deram acontecimentos que até agora repercutem positivamente no espírito e nas atitudes de cada um. É como lá se lê: foi o dia do nascimento. Mas ali também encontramos a afirmativa de que o melhor dia é aquele em que se morre. Se o dia do nascimento gera a condição da vida, o dia da morte coroa os efeitos daquele, sendo, portanto, como o resultado final de todas as coisas por que passamos na esfera carnal.

Assim, quando estamos sadios, damo-nos por felizes e nos consideramos aptos para as realizações programadas. Quando estamos doentes, no entanto, lembramo-nos do dia anterior e julgamos estar passando por fase menos feliz, o que nos leva a julgar o dia anterior como melhor. Pura ilusão. O dia de ontem não existe mais; é, hoje, mera recordação. Não disse o Senhor Jesus que bastasse para o indivíduo o dia de hoje, que o amanhã cuidaria de si mesmo? (*Mt.*, 6:34.) Que quer significar isso? Iniludivelmente, que o dia de amanhã é tão só uma expectativa e assim será pelo transcurso dos tempos até o término de todas as coisas. Haverá tal dia? Que importância tem esse fato? Baste-nos a nós o dia de hoje.

Dizem os sofredores:

— *Ontem eu caminhava sobre meus dois pés; hoje amputei um e já não consigo caminhar da mesma maneira, portanto, o dia de hoje será mais penoso que o anterior.*

Conclusão errada. Em primeiro lugar, não se sabe nunca qual razão real do plano da espiritualidade nos levou a sofrer semelhante prova (poderia ser a perda da mão, um infarto coronário, a morte de pessoa da família, qualquer outra desgraça que sói ocorrer aos encarnados e para a qual deveriam estar prevenidos). Em segundo lugar, em havendo dor e sofrimento, haverá indefectivelmente necessidade de superação, portanto, de compreensão da justiça divina escondida sob o manto de cruel realidade. Tal ensejo nos conduzirá a abrir nossa mente para a verdade. Se ontem estávamos caminhando sobre dois pés, hoje estamos encaminhando-nos para a redenção. Finalmente, teremos de considerar a irreversibilidade do ato que nos afligiu e pensar seriamente em que, se considerarmos o dia de hoje pior que o de ontem, obrigatoriamente nos veremos na necessidade, a cada novo dia, de considerá-lo igualmente inferior àquele a que demos o atributo de melhor, de modo que, sem nos apercebermos do fato, estaremos condenando-nos a um restante de vida absolutamente infeliz.

Creiamos, pois, nesta verdade: o dia de hoje, necessariamente, é o melhor de todos. Assim, predispor-nos-emos a enfrentar as tribulações com o coração aberto para as

injunções cármicas que temos de vencer, porque, se não o fizermos agora, ficaremos endividados para com nós mesmos.

Esta digressão a respeito do valor da hora presente leva-nos a considerações de ordem muito profundas a respeito da realidade. Entretanto, o nosso *carpe diem*, ou seja, a recomendação do aproveitamento integral de nossa capacidade de realização pessoal, esbarra nas observações evangélicas de que deve o homem almejar o reino de Deus, o que o arremessa de encontro a inúmeras interpretações falsas do ato de viver como resultado do aproveitamento da potencialidade carnal, exclusivamente.

Se a pessoa sente fome, cria-se determinada necessidade a nível material, a qual pode ou não levar a excogitações de caráter inteiramente moral e mesmo espiritual. Por exemplo:

— *Que deverei comer, para saciar o apelo físico, sem perturbar a ordem natural ou a social? Se a minha necessidade me conduzir a furtar o alimento pertencente a meu irmão, estarei infringindo tópico do estatuto social; se proceder à matança de algum animal, estarei criando ônus de caráter espiritual, já que minha consciência me acusará de ter cometido ato que contraria a lei segundo a qual não devo fazer aos outros o que não desejo que me façam.*

Este simples, elementar e claro raciocínio vai parecer insólito para muitos de nossos amigos, que se sentirão tentados a suspender a leitura neste exato momento. Cremos, no entanto, não divagar quando vemos em tal atitude certo arrepio consciencial, pois as conclusões que a exemplificação acarretará, iniludivelmente, desvendarão o mistério dos cometimentos regrados segundo estruturas mentais e morais profundamente imersas na alma dos indivíduos. Assim, curtir o dia, aproveitar a hora representa, principalmente, refletir a respeito de cada mínimo gesto, de cada simples atitude, de todo movimento, para apoderarmo-nos de seu significado mais íntimo, de sorte a nos tornarmos melhores a cada instante que passa, e isso exige o sacrifício de muitos de nossos prazeres, estabelecidos em nossa personalidade por meio de extenso convívio social, em que as razões do número, do volume, da quantidade, se constituem em argumento irretorquível.

Perdoe-nos você, caro amigo leitor, por fazê-lo acreditar em que o dia de hoje seja o melhor, justamente neste instante em que se dedica à leitura de nosso pobre e pretensioso texto. Faça abstração destas palavras e julgue por si mesmo a verdade contida na citação do ***Eclesiastes*** acima realizada. Se não ficar contente com o excerto de lá extraído, procure ler todo o livro, principalmente porque se contém nele relicário preciosíssimo sobre que basear o procedimento de toda hora, sem ferir os princípios sagrados das leis de Deus, embora haja necessidade de esclarecer muitas passagens através dos comentários evangélicos a serem buscados nas palavras e nas atitudes de Jesus, bem como o apoio sempre oportuno da codificação kardequiana, para remeter o pensamento ao plano da espiritualidade superior.

Estamos referindo-nos a passagem bíblica de esplendorosa luz, para que se não vejam em nossas mensagens só apodos e manifestações de desconfiança e de empobrecimento dos aspectos sagrados da ***Bíblia***, que é para nós o livro da inspiração maior, o qual bastaria ao ser humano, se fosse cordato, sincero e puro de intenções.

Mais tarde, teremos oportunidade de tocar em diversos outros temas em que demonstraremos que o ser humano criou para si a infalibilidade das obras que receberam o alvará de publicação das autoridades eclesiásticas. Longe de nós buscar perturbar a crença de nosso amigo leitor no que ela tem de mais importante: o valor dos conceitos que geram as atitudes que refletem o verdadeiro amor a Deus e aos semelhantes. O que, na realidade, pretendemos, e isto já deixamos dito anteriormente, é o despertar do leitor para averiguação séria da verdade, de modo que, à fé que eleva, se junte a compreensão que esclarece. Os pontos básicos, portanto, que preservam o nosso objetivo serão sempre ressaltados e foi esse o nosso intuito de hoje.

Dados estes esclarecimentos, aumentemos o valor de nosso dia, orando com muita fé, para obtermos dos irmãos de luz, que vicejam nos círculos elevados, seu apoio e sua influência, no sentido de nos acompanharem em nosso cometimento de efetuar leitura do texto bíblico com o espírito iluminado pela verdade. Que desse estudo metódico possamos haurir benefícios vários para concluir com méritos a nossa missão, tornando, verdadeiramente, o melhor de todos o dia de nossa morte.

## A CONSTRUÇÃO DO TEXTO BÍBLICO

Ao sentir inspiração, o médium se deixa envolver pelos eflúvios magnéticos da espiritualidade, de sorte que se põe a escrever segundo os impulsos que lhe são fornecidos ao cérebro ou, mais particularmente, ao centro intuitivo, de onde se expande para as vias de acesso ao aparelho de comunicação intelectual, no qual avulta de importância, para o que se requer, a capacidade de verbalização. Uma vez percebida a mensagem, o escrevente nada mais faz além de registrar os tópicos segundo a orientação que lhe vem chegando, ou por impulsos frásicos, ou por generalidades. No primeiro caso, as palavras vão organizando-se de acordo com os princípios paradigmáticos do idioma, sob influência espiritual. No segundo, o próprio médium encarrega-se de ir preenchendo as linhas, consoante o que vai percebendo do tema e conforme a tendência para que lhe é direcionada a atenção.

Casos existem de mediunidade mecânica, cada vez mais raros porque considerados inferiores, tendo em vista o aparato técnico de que se necessita lançar mão, especialmente na arregimentação de certos espíritos dóceis mas de qualidade ainda grosseira, no que respeita à semelhança que devem apresentar ao encarnado magnetizado.

Existe outra forma mais imperfeita de se obterem textos psicografados, mas largamente difundida. Esta se dá por via intuitiva em forma de inspiração, de modo que o médium dificilmente se apercebe de que o texto que produz seja de origem espiritual. Quase sempre os autores se espantam com a facilidade com que redigiram e pensam estar piores de inteligência ou dom superior. Esta qualidade é mais visível no trato de certas atividades artísticas, especialmente nos campos da música e da poesia.

A nossa maneira de transmitir a este nosso instrumento é a da informação parcelada das frases, de modo que, muitas vezes, obtém ele a notícia do que se irá dizer um instante antes da escrita, com o intuito de preveni-lo para a correção sintática e para a inteligência do desenvolvimento linguístico mais apropriado para que o trabalho ganhe em harmonia e perfeição. Às vezes, damos a entender o nosso ponto de vista a respeito da questão em destaque, de maneira que o nosso intuitivo se inteire do tônus a ser propiciado à frase, buscando, em seu repositório de vocábulos, aqueles que melhor traduzam as nuances de nossos pensamentos, tendo em vista o grau de emoção que desejamos imprimir ao contexto.

Neste instante, estamos adotando variante de nossa modalidade, pois estamos ditando tão só a palavrinha a ser redigida, a fim de proporcionar ao escrevente total segurança quanto à responsabilidade do discurso. Isto impedirá, certamente, que ele possa acreditar estar participando da redação do texto. Agora mesmo, tenta adivinhar quais os

próximos termos a serem por nós solicitados e se surpreende quando, na expectativa de escrever determinada palavra, no último instante, diversificamos a solicitação e ele se vê obrigado a escrever algo com o que não havia atinado. Esta não é a melhor maneira, pois acrescenta ao ritmo do trabalho certa apreensão criada pelo temor de errar ou pelo receio de obstaculizar a sequência do ditado.

Este longo preâmbulo servir-nos-á para introduzirmos o tema delicadíssimo anunciado em nosso título, ou seja, a construção do texto bíblico.

De início, devemos afirmar que a **Bíblia**, ou seja, a coletânea dos livros sagrados da sabedoria hebraica, conforme nos explica o étimo do vocábulo, o que pode ser comprovado por quem conhece a língua grega, contém todo tipo de escritura, dadas as interpolações possíveis à vista das diversas tradições e códices de que se serviram os copistas e os diferentes tradutores. Mesmo o texto mais original, aquele mais legítimo e próximo da letra do autor, ainda esse pode ter sofrido alterações sutis, de modo a não mais representar a intuição, a ideia, o pensamento original. Que dizer, então, de determinados trechos em total desacordo com o pensamento primitivo, dada a interferência conscientemente realizada por agentes de certas facções religiosas, muitas politicamente interessadas em desvirtuar a intenção primeira por não configurar os princípios doutrinários necessários, para que sua tese filosófica prevalecesse e ganhasse foros de cidadania religiosa?!

Presta-nos de exemplo o salmo de número vinte e dois, atribuído ao rei Davi, em seu versículo dezoito. Lê-se ali:

*Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitam sortes.*

Na mesma página de nossa edição, existe chamada para a seguinte anotação: “**22.18: Mt** 27.35; **Mc** 15.24; **Lc** 23.34; **Jo** 19.24<sup>1</sup>”. Para quem se abalance a ir verificar de que tratam os textos aludidos na chamada, devemos informar que os versículos se repetem nos quatro evangelistas. Nada haverá de se estranhar se considerarmos que o salmo 22 adverte sobre a vinda do Messias. Então, é natural que a previsão se confirmasse e que o fato se verificasse relativamente a Jesus, o que tornaria óbvia a observação de que o prenúncio se tenha realizado.

Mas vamos encarar as passagens evangélicas do ponto de vista, por exemplo, de israelita descrente de que Jesus tenha sido, verdadeiramente, o Messias. Que teria a nos afirmar relativamente às passagens acima assinaladas? Certamente, iria aceitar os dizeres das **Velhas Escrituras** como reflexo da própria intenção do salmista e iria profligar os textos evangélicos, acoimando-os de inverídicos. Mais ainda, poderia até supor que os evangelistas, de caso pensado, teriam transcrito o trecho para dar autenticidade aos seus relatos. Poderá, se zeloso for dos princípios morais, para confirmar as suas assertivas, buscar outros trechos igualmente extraídos dos textos antigos, segundo seu ponto de vista, para o que não precisaria procurar muito, pois são inúmeros os aproveitamentos que se verificaram.

---

<sup>1</sup>A *Bíblia Sagrada*. Op. cit., p. 575.

Que diriam um católico ou um protestante a respeito da posição do israelita? Diriam que os evangelistas ou presenciaram ou obtiveram informações de testemunhas fidedignas para registrarem o fato em seus escritos; ainda mais, que foram assistidos pelo próprio Jesus, filho de Deus, interessado em que a divulgação de sua peregrinação e de seus ensinamentos se desse do modo mais real possível. Desta forma, o texto do salmo se configuraria em real antevisão do que iria acontecer vários séculos depois. Só não seriam capazes de explicar convenientemente o mecanismo da predição, limitando-se a dizer que deve ter sido por inspiração de Deus.

Como reagiria um verdadeiro e estudioso espírita à vista dos textos e diante dos diversos argumentos apresentados? Em primeiro lugar, acreditaria que tudo fosse verdadeiro, ou seja, o salmo evidenciou fato que ulteriormente se confirmaria. O que não aceitaria era a presença do Pai junto ao salmista, preferindo evocar a figura de espírito de estirpe, linhagem ou categoria superior. Poderia duvidar da existência de verossimilhança entre o que se disse previamente e o que realmente ocorreu, imaginando que teria havido influência mediúnica no momento da crucificação, de modo a se concretizar, sem que os soldados percebessem, os fatos aludidos, favorecendo dessa maneira a confirmação da previsão. Nesse caso, poderia até admitir que os evangelistas, inspirados pelas mesmas entidades, fossem buscar no salmo a legitimidade de sua explanação, crentes de que, em sendo Jesus o verdadeiro messias, por certo o que a ele anteriormente foi referido deveria ter acontecido. Desse modo, tudo se justificaria por meio da influência mediúnica.

Como o caro amigo leitor vê o presente problema? Sente que há alguma razão em algum dos pontos de vista? Está tentado a aceitar parte da argumentação judaica e parte da visão cristã? Até que ponto é admissível supor-se que nenhum dos evangelistas tenha realmente incluído o fato em suas narrativas e que a interpolação possa ter-se verificado depois, durante a composição dos códices medievais?

Para nós, o amplo desenvolvimento que demos ao exemplo está inteiramente fora de foco. Não nos interessa saber se houve previsão, se esta se realizou, se os evangelistas copiaram, se houve intuição mediúnica, se houve ou não acrescentamento posterior. O que nos importa é o ponto em si: há algum ganho de profundo valor moral ou espiritual nos trechos citados? A leitura deles nos faz melhores, de modo que nos compenetremos das virtudes de que nos devemos apossar para dar à nossa vida o curso programado, destinando-nos ao fim colimado para o nosso encarne? Teremos algum valioso aprendizado, de sorte a nos favorecer o nosso relacionamento com os semelhantes?

Quanto à construção do texto bíblico, no frontispício fornecemos a nossa posição. Há ali de tudo, inclusive inspiração de espíritos bem imperfeitos. Faz isso com que a *Bíblia* desmereça de nossa confiança ou perca a importância que lhe possamos ter atribuído como obra representativa da religião, como relicário de conhecimentos do mundo e da existência em relação com o Criador? Certamente, não.

A *Bíblia* continua a ser para nós o livro dos livros, aquele que lemos e relemos e cujos ensinamentos nunca chegamos a assimilar inteiramente. A feição que adquire, após ter sido submetido à nossa percuciente análise ou àquela de que é capaz o amigo leitor, é a de obra superior mas hermética, que necessita de justa interpretação em seu sentido mais literal, para que possamos compreendê-la do ponto de vista moral e espiritual. Não bastam, para isso, as perquirições de caráter histórico, geográfico, religioso e filosófico; não

será suficiente a pesquisa exegética mais profunda; há a necessidade da visão crítica da fé fundamentada no experimentalismo e na teoria espírita, para que se possa adentrar no valor cármico do texto, ou seja, aquele que se lhe foi atribuído para que a obra verdadeiramente represente o guia infalível da conduta humana.

Vamos, portanto, caro amigo, abrir os olhos e aceitar de viva fé tudo o que se contiver de mais perfeito no texto sagrado, afastando todos os pensamentos que possam constituir-se em percalço para o nosso desenvolvimento, tudo o que venha a obstar que nos aperfeiçoemos e nos purifiquemos. Façamos como o Cristo, que tomou dos antigos o que lhe ofereceram de melhor, mas expurgando tudo o que significava entrave para a evolução, para a redenção, para a salvação.

Oremos todos juntos, mais uma vez, para obtermos de nossos guias as inspirações mais seguras, sempre que estivermos diante do texto sagrado. Recebamos deles os pensamentos mais preciosos para a compreensão da vida, através do ensino bíblico, mas façamo-lo pelo esforço de nossa dedicação, de nosso interesse e de nosso trabalho, sem esmorecimentos, cientes de que este será o caminho para a construção de nossa própria mensagem de amor, justiça e caridade endereçada para o próximo, o que significará, iniludivelmente, que compreendemos a lei maior impressa no texto sagrado, pois, agindo assim, estaremos a demonstrar que amamos a Deus sobre todas as coisas.

## EXPLICAÇÕES

Quanto ao conflito deflagrado no Oriente Médio, o escrevente teve razão em supor que o grupo que ora atende a esta sessão se esvaziou, para dar assistência àqueles que sofrem pela repercussão dos embates. Mas não imagine que os nossos companheiros se tenham afastado destas plagas. Estão disseminados pelas diversas cidades em que se encontram pessoas apreensivas ou rejubilando-se pelo evento, consolidando a fé nas primeiras e buscando persuadir as últimas a mudança de atitude, para que auxiliem na aplicação das vibrações mais apropriadas para se minimizarem as consequências da tragédia.

O nosso trabalho sofreu, portanto, alguns acréscimos, mas creia que essa é a nossa função de socorristas. Se você, bom leitor, quiser cooperar, una-se a nós em preces súplicas e verdadeiras pela atenuação dos efeitos nocivos do ódio, que aumenta e se espraia. Vamos, todos juntos, auxiliar as forças espirituais superiores em seu desígnio de favorecer o progresso da humanidade. Para isso, ergamos o pensamento a Deus e coloquemos-lhe nas mãos o nosso destino.

Assim seja!

SOBRE O *LEVÍTICO*

Nenhuma obra humana é tão clara nos deveres da população para com o Pai e os sacerdotes que este livro redigido por Moisés, sob imposição de Deus, segundo o seu testemunho, conforme consta em inúmeras passagens.

Moisés era egípcio de nascença mas de raça misturada, conforme diversas descrições de sua genealogia, havendo até mesmo obra de Rochester em que o espírito colocado na figura do narrador diz ter convivido com o legislador hebreu à época de seu retorno ao Egito, após ter-se exilado nas montanhas<sup>1</sup>. É certo, portanto, que tinha conhecimento de diversas culturas e que, pelos seus feitos, era pessoa de extraordinário talento.

Escreveu o *Levítico* para imprimir ao espírito do povo judeu o temor a Deus e a forma de apaziguar a sua ira, ao mesmo tempo que objetivava exaltar o valor do sacerdócio, de protegê-lo e de preservá-lo, uma vez que a dedicação aos ministérios eclesiásticos e litúrgicos o impedia de possuir fazenda própria. Garantir-lhe a existência e o conforto era eficaz meio para manter o povo sob controle moral e religioso, de sorte que se instituíram determinados laços que conservaram o povo judeu, o mais possível, unido, se não em conagração ideal, pelo menos em função da origem comum e dos objetivos elevados. Daí a força que tal gente possui até hoje, pois, se uma que outra vez se puseram em armas contra si mesmos, sempre conseguiram meios de harmonizarem-se, tendo em vista os inimigos comuns. Grande parte dos méritos dessa união encontra-se nas obras de Moisés, dentre as quais se destaca o *Levítico*, pelas razões acima aventadas.

Mas a nós, o que nos importa agora é saber se há verdadeira presença do Senhor nos dizeres, recomendações e leis ali estabelecidas.

Tem início o texto, aliás bem repetitivo, com as recomendações em torno dos holocaustos, ofertas e sacrifícios destinados a glorificarem o Senhor. Tais orientações se colocaram na voz de Deus, conforme a transcrição:

*Chamou o Senhor a Moisés e [...] Ihe disse... (Lv., 1:1.)*

Mais uma vez a manifestação se atribui ao Pai. Mas terá sido mesmo o Criador quem tenha determinado a ordem dos oferecimentos, segundo a necessidade de agradar a Deus de cada cidadão? Teria ele determinado, por exemplo, que fossem imolados animais de todos os portes e espécies para satisfazer-lhe alguma necessidade? E o teria feito de acordo, rigorosamente, com o poder aquisitivo de cada um, estabelecendo exatamente

---

<sup>1</sup>Referência à obra *O Faraó Merneptah*, de Rochester, pela psicografia de Wera Krijanowsky. (Nota do médium.)

quais as partes dos animais a serem queimadas em sua honra e quais as que deveriam pertencer aos sacerdotes? Que necessidades teria o Ser excelso, que sabemos onipotente, onisciente e soberanamente bom e justo? Não poderia Deus, se assim determinasse sua vontade, obter da criação tudo quanto almejasse?

Bem pequeno seria Deus se se preocupasse em sentir prazer com a dissipação das fumaças gordurosas da queima dos cadáveres. Muito menos ainda se considerarmos como sua a determinação da matança dos seres inferiores. E dizer que até holocaustos humanos foram oferecidos ao Pai! É inconcebível e não iremos desgastar-nos mais, argumentando contra a possibilidade de ter sido o texto inspirado por Deus.

Teriam, então, sido espíritos superiores, categorizados entre os querubins e serafins, quem poderia ter-se feito passar por Deus e inspirado a Moisés, ordenando-lhe o registro das leis? Não, certamente, pois muitas das ordenações contrariam frontalmente o bom senso e, rigorosamente, ao manterem o estado atual da organização social, estabelecem princípios absolutamente injustos de desigualdades entre os mortais, o que não se poderia admitir em seres adiantadíssimos. Aliás, mesmo que imaginássemos espíritos não tão superiores, mas de luz fulgurante, a ditar tais preceitos, incidiríamos em erro muito elementar, pois, em termos de influência moral ou de qualquer ordem, nenhum deles possui alvará para realizar o que quer que seja por vontade própria. Entre os espíritos de nível elevado, a hierarquia é indefectivelmente respeitada e nenhum pode realizar algo que não tenha recebido prévio consentimento de seus maiores.

Resta-nos conjecturar que, se inspiração houve, só poderia ter sido de espíritos grosseiros, demasiado apegados ao plano material, mesmo que altamente interessados em programar, como vimos, a união das doze tribos originais. No caso desta suposição, precisaríamos ainda pressupor que Moisés não fosse a mente atilada que era, pois ficaria na inteira dependência dos esclarecimentos espirituais.

Ora, o codificador hebreu era homem de larga experiência ao tempo da elaboração das leis e não trabalhava sozinho, senão que sob a vigilância estreita dos poderosos da época, que lhe forneciam as ideias que desejavam inscritas no texto legal. Por outro lado, o arguto legislador sabia conciliar os interesses, de modo que, após as discussões, se recolhia para meditar a respeito da melhor fórmula que respondesse à maior parte das expectativas de todos, o que obrigava a cada um a abrir mão de pequena parte de seus interesses, em favor de verem consignados os seus privilégios maiores. Não poucos podiam imaginar que o que não conseguissem pelos meios consignados nos textos, talvez conseguissem por outros meios... De qualquer forma, ao recolher-se para a formulação do texto ideal para a satisfação do seu povo, Moisés receberia todo tipo de influência espiritual por via mediúnica, não ficando, portanto, ao desamparo de seus guias.

Mas o que foi bom para o povo judeu ao tempo de Moisés poderá servir ainda hoje para os diversos povos da Terra? Surpreendamos pequeno extrato significativo:

*Se um homem coabitar com mulher e a sua menstruação estiver sobre ele, será imundo por sete dias; e toda cama sobre que ele se deitar, será imunda. (Lv., 15:24.)*

O trecho visa, evidentemente, a resguardar a saúde das pessoas, quer da mulher em período de menstruação, quando se criam em seu organismo condições favoráveis para

proliferação de diversos agentes biológicos, promovendo o aparecimento de micro-organismos potencialmente perigosos para sua saúde, quer do homem, que correria o risco de contaminação. A lei de resguardo se estende por sete dias, tempo considerado suficiente para término do fluxo menstrual, havendo ainda a restrição da utilização da cama para se evitarem os possíveis contágios.

Hoje, colocaríamos nós, em forma de texto de lei, recomendações que, à primeira vista, parecem tão plausíveis? Evidentemente, não. O progresso científico nos induz ao procedimento mais adequado ao organismo humano, esclarecendo-nos quanto aos problemas reais que ocorrem durante a menstruação e quais os riscos que a coabitação em tais circunstâncias poderia oferecer. Já não se toma mais à unha o proceder íntimo de cada criatura, oferecendo-se condições de segurança para a saúde humana, instruindo-se a sociedade por meio dos recursos de assistência médica preventiva, para o que se desenvolveu amplo programa educacional, que municia cada indivíduo de conhecimentos mais específicos, de sorte a bem se compreenderem as orientações relativas aos cuidados que todos devem tomar com a saúde.

Sabemos que estamos discorrendo em função da coletividade como um todo, a qual age e reage segundo critérios estabelecidos à vista da ordem geral. Blocos sociais existem, entretanto, onde a vida transcorre em condições pré-mosaicas, para as quais as recomendações do *Levítico* seriam tidas como totalmente desprovidas de fundamento. Para essas pessoas, vale a lei natural, certamente mais avançada que qualquer outra, se cumprida sem interferência das crendices e superstições que costumam obstar a sua aplicação mais conveniente.

Pois bem, atualmente o legislador não mais teria a preocupação de inscrever nos textos vigentes o mesmo espírito que prescreveu o tópico transcrito, pois está na consciência de cada qual realizar em harmonia com os preceitos das leis naturais o seu ato de coabitação. Sabemos, no entanto, que, à falta dessa determinação expressa na lei — e se ali estivesse registrada, seria o mesmo —, os homens praticam o coito em tempo de menstruação e que muitos adquirem, à vista desse fato, certas infestações microbiológicas, cuja etiologia é algo variável mas de caráter benigno. Observada a doença, corre-se ao médico, ao farmacêutico ou à pessoa mais experiente e se obtêm os recursos necessários para a purificação, para utilizarmos termo do texto bíblico.

Não deveria ter havido o intercurso em condições adversas. Houve. O homem ou a mulher adquiriram a doença. Foram punidos na justa medida de sua ignorância, imprevidência ou impudícia. Medicaram-se e recompuseram sua saúde. Que tem a lei de ver com isso? Mais ainda, que sacrifícios deveriam oferecer a Deus para *limparem-se de seu pecado*? Pois Moisés responde a ambas as inquirições em seu texto, demonstrando cabalmente que o que nos parece hoje absolutamente de foro íntimo, era, em sua época, necessariamente, problema de caráter social.

Da mesma forma que não aceitaríamos o *Levítico* como código de leis, devemos rejeitar o texto como de influência divina, pois Deus não trataria das coisas efêmeras, mas das eternas, não se preocuparia com as coisas mutáveis, mas com as perenes, não se dedicaria aos fatos da realidade dos homens, mas à espiritualidade em sua excelsitude. Deus não faria leis tão mesquinhas quando já estabeleceu as leis universais, aquelas que regem todas as causas e todos os efeitos.

Para que nosso texto não se comprometa demasiado com os aspectos filosóficos do problema relativo ao **Levítico**, vamos acrescentar apenas mais algumas considerações a respeito do valor dessa obra.

Longe de nós sequer desrespeitar qualquer posição de vírgula ou de pingo em *i*. Mas o que não podemos é admitir como verdadeiras as afirmações de que Deus ditou as leis e de que estabeleceu os princípios dos sacrifícios como forma de se chegar a ele. Ao texto mosaico devemos honrar com nosso respeito e consideração, colocando-o historicamente como passo importantíssimo para a evolução do povo judeu. Nada além. Diante da codificação das leis modernas, mais adequadas para a regulamentação do procedimento, e diante da codificação kardequiana, indubitavelmente mais segura no que respeita aos deveres que temos para com a existência e para com Deus, vamos obter junto ao **Levítico** tão só a inspiração para percebermos que nunca o homem esteve ao desamparo do Senhor, mesmo quando o seu nome foi tomado em vão ou os interesses materiais humanos se confundiram com os divinos. Dizer-se que Deus escreve por linhas tortas será deveras apropriado para a compreensão de sua presença no **Levítico**, mas não nos deixemos extasiar pela letra do texto. Abramos mais uma vez os olhos para a verdade ali contida e saibamos localizá-la com a ajuda de nossos orientadores espirituais.

A análise que procedemos é muito pálida e sujeita a inúmeros acrescentamentos, mas acreditamos que possa servir de estímulo para que nosso leitor se anime a percorrer a vista sobre o texto bíblico, buscando haurir com clarividência os sábios ensinamentos ali preservados.

Fique o irmãozinho com Deus e compenetre-se de que a justiça divina se fará de modo a um dia prescindirmos de todas as nossas leis.

## O PEDIDO DO HOMEM RICO A ABRAÃO

Então, conforme nos diz *Lucas* (16:19-31), o homem rico, ao ver Lázaro ao lado de Abraão, lembrou-se de seus irmãos e rogou-lhe poder Lázaro voltar à Terra para avisá-los dos riscos que corriam por seu mau procedimento, obtendo do pai da raça judia a inconfundível admoestação:

*Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (Lc., 16:31.)*

No entanto, o Consolador prometido por Jesus, pelo Espírito de Verdade, está aqui entre os mortais desde o século XIX, a trazer fartos conhecimentos do plano espiritual. Teria Jesus, pela palavra de Abraão na parábola, previsto desde o seu tempo que os homens repudiariam os ensinamentos dos *mortos*? Que mistério envolve esse texto em que o próprio Jesus faz com que, pelo efeito da metáfora, seu ensino se coloque na voz de um espírito? Que narrativa maravilhosa é essa que contradiz a si própria, mas que se inscreve dentre as mais belas páginas evangélicas?

Pois bem, Jesus pode ter ou não dito fisicamente o que acabamos de ler. Para nossa compreensão da verdade, pouco nos importa deslindar o caso neste momento. Poderia até ter acontecido de o evangelista ter copilado a narrativa de alguma tradição apócrifa ou mesmo ter elaborado adaptação de antigo conto hebreu, com a intenção de fazer valer o conhecimento da verdade espiritual, de sorte a encaminhar os leitores, os fiéis ou os religiosos da recém-formada igreja cristã a considerações de ordem moral elevada, impedindo-os de fazerem prevalecer em seu discernimento as razões de caráter meramente material. Deixemos de excogitações de ordem metodológica da escritura do texto e aprofundemos a nossa análise da verdade nele contida.

Na realidade, o narrador da parábola, tenha sido ele quem for, procedeu a uma aporia, ou seja, deixou o leitor na condição de ter de rejeitar o próprio texto, embora tivesse de reconhecer que, de fato, a voz do patriarca pudesse apresentar inteira razão. Ao aceitar o preceito de Abraão, abriria mão da verdade maior, o que era o efeito que não se desejava, pois a ideia era fazer crer ao ouvinte da pregação que inutilmente os espíritos falariam, mas, ao aceitar o que se colocou em sua boca, por contrassenso, se estaria admitindo a verdade dita por intermédio do espírito.

Sabemos que, para a maioria dos que perlustraram esta passagem bíblica, a contradição não se pôs, acatando-se de pronto que tudo o de que necessitam os humanos, realmente, tenha sido dito por Moisés e pelos profetas. Mas aí veio Jesus e nos ditou novas

diretrizes de vida. Ulteriormente, deu-se o advento do espiritismo e o leitor atual se sente compelido a averiguar, com mais cautela, das intenções da narrativa.

Agora mesmo, pode o atilado amigo estar a raciocinar:

— *Como se atreve esse grupo de espíritos vir à nossa presença, para nos lembrar fato que está consignado desde há muito no livro de Lucas? Se eles aqui comparecem com o intuito de nos instruir, perdem seu tempo, pois sequer leram com atenção o trecho que reproduziram. Não seria preferível que acompanhassem o Pai Abraão em seu passeio pela esfera espiritual, ao lado de Lázaro, o mendigo que, ao sofrer todas as suas desditas calado, fez por merecer a benignidade de Deus? Deveriam deixar aos mortais que experimentassem sozinhos a provação e verificassem se estão ou não aptos para adentrarem o reino do Senhor.*

Tais considerações, evidentemente, entrariam em choque com todas as instruções recebidas dos irmãos situados em planos superiores da espiritualidade e que desejam oferecer aos mortais lições de vida, capazes de estímulos para mais rápido progredir na direção da consecução dos objetivos de vida de cada um. Por outro lado, possuir os recursos do auxílio e impedir que tal ato de benemerência ocorra será, por certo, ferir um dos principais ensinamentos cristãos, aquele, justamente, que se constitui no lema do espiritismo: ***fora da caridade não existe salvação.***

Por que, então, Jesus nos propõe o problema da impossibilidade de manifestação espiritual para o rico desencarnado, desiludido finalmente das miragens de sua concepção da vida material?

Em primeiro lugar, quem proíbe a manifestação é, no mito religioso, uma das figuras preeminentes do judaísmo, ou seja, justamente um maioral da genealogia hebraica, aquele de quem se originaram as tribos de Israel. Ora, a lei mosaica, por razões que não nos cabe agora deslindar, interditava o contacto com os mortos. Por coerência, o representante dessa cultura não poderia desdizer da lei, nem se configurando mera aparição mitológica. Eis o princípio da verossimilhança a demonstrar o cuidado com que foi elaborado o texto evangélico.

A se aceitar a hipótese de que o rico pudesse vir aos irmãos trazer-lhes notícia do plano espiritual, tendo em vista o fato de ser espírito imperfeito, arremessado ao limbo das lamentações eternas, segundo o conceito hebraico, teria sido ele o melhor arauto da revelação? Absolutamente, não. Seria preferível, nesse caso, conforme pedido do infelizmente, encaminhar Lázaro, apaniguado pela excelsitude e iluminado pela eterna felicidade. Mas teria Lázaro maior autoridade que Moisés e os profetas perante o povo? Sob este prisma, somos forçados a concordar com Abraão quanto à proibição estabelecida. Mais uma vez prima o texto bíblico pela verossimilhança, principalmente à luz do conhecimento spiritista atual.

Infelizmente, temos de concordar, em parte, com a afirmação de que os homens têm tido oportunidades integrais de conhecimento do que os espera no plano espiritual, à vista de sua produção no campo da benemerência e do amor, mas não obtêm o necessário discernimento para verificarem se seu procedimento está sendo conduzido pelas verdades evangélicas.

Qual teria sido o intuito da narrativa, na viva voz do Cristo, à época de sua peregrinação? Certamente a de alertar a população para o perigo das riquezas e para a

necessidade de humilhação de caráter espiritual. Teria sido esse mesmo o intuito do evangelista? Este e mais outro: o de encarecer a grandiosidade do Mestre, através de seus ensinamentos, demonstrando, pelo volume e pela profundidade de seu pensamento, que estava com a verdade, de modo a fazer frutificar a ideologia cristã, cumprindo a determinação do Senhor de que os apóstolos fossem os portadores da boa-nova. Enquanto alguns somente pregavam e se sacrificavam pelo cristianismo nascente, outros buscavam ainda sua codificação, para transmissão às futuras gerações.

Nós somos uma dessas gerações. Certamente, já participamos de outras anteriores e, provavelmente, nos revestiremos de carne outras vezes mais, de forma que nos apresentaremos de novo como integrantes de futuras gerações. Nesta vida atual, como repercutem em nossa mente e em nosso coração os ensinamentos de Jesus? Seremos capazes de lembrar-nos de como recebemos esses mesmos conceitos em vidas anteriores? Se formos capazes de analisar o nosso proceder atual em função de tais critérios de virtudes adquiridas e de viciações desprezadas, por certo poderemos imaginar quais tenham sido as nossas reações e o nosso aproveitamento. Como serão afetados pela atual concepção de vida os encarnes futuros, dependerá exclusivamente de nossa compreensão dos valores e da aplicação deles no comportamento.

Havemos, pois, de entender os objetivos de Jesus e dos evangelistas. Havemos de bem assimilar as instruções dos espíritos superiores que estabeleceram os princípios da codificação de Kardec. Havemos de compenetrar-nos de que, a todo momento, estamos sendo visitados por nossos guias e protetores, para a devida influência e amparo. Havemos de rejeitar o conceito expendido por Abraão na parábola de Jesus, não pela verdade histórica nele contida, mas pela possibilidade de transmudá-lo à vista de nossa aceitação dos informes espirituais. Façamos, irmãos, pois, por ouvir a palavra de Jesus com muito entendimento e aliemo-nos a Lázaro em sua abnegada peregrinação pela carne, exaltando o Senhor e bendizendo as leis por ele estabelecidas, fazendo por compreendê-las, para que nos ponhamos em condições de subir na vida espiritual. Oremos com humildade para obter de Deus o favor de enviar os seus melhores mensageiros, para nos ajudarem, e roguemos para que nossos irmãos possam obter os mesmos esclarecimentos.

Fiquemos agora em paz por termos tido oportunidade de mais esta manifestação, à revelia da palavra do Abraão mítico. Para coroar esta longa dissertação, causando um pouco de perturbação e acendendo polêmica no espírito do caro leitor, perguntamos: se a palavra de Abraão estivesse correta, não estariam equivocados os evangelistas quando disseram que o Cristo, no alto de um monte, foi visto em companhia de Moisés e Elias? (*Mt.*, 17:1-8; *Mc.*, 9:2-8; *Lc.*, 9:28-36.)

## MOMENTO DE PAZ

Seguramente, toda vez que o médium se assenta à mesa de trabalho, confia em que os espíritos amigos lhe venham ao socorro de sua expectativa, de modo a fazer perdurar em seu íntimo a confiança em que tudo que faça, no campo da mediunidade, possa vir a ser de seu proveito ou de mais alguém, quer entidade assistida pelo socorrismo que então se estabelece, quer leitor necessitado que venha a tomar conhecimento das mensagens doutrinárias.

Quando o socorrismo se efetua *pari passu* com a escrita, havendo a doutrinação do desencarnado e o registro de toda a orientação, é de maior proveito ainda para os encarnados, os quais poderão meditar proficuamente a respeito da situação que levou o pobre sofredor à sua condenação de angústia, bem como a respeito das atividades que deverá desenvolver, para superar seu estado de inferioridade cármica.

Sendo assim, não podem os guias jamais perder a oportunidade que seus amigos médiuns lhes oferecem, para o que se aprestam diligentemente, com o máximo de esforço e boa vontade para as tarefas possíveis de serem realizadas, segundo o nível de desempenho de cada servidor.

Por isso, caro amigo, sossegue seu coração diante da possibilidade de fracasso que, de algum modo, lhe chega às *faldas* da percepção, e espreite com sagacidade e virtude o momento exato em que a transmissão terá início. Ponha-se, então, a trabalhar, pois o momento é chegado para isso. Você verá, surpreso, que o que lhe parecia somente grande vazio, vai transformando-se em verdadeiro momento de paz, pois seu coração se tranquiliza e você redescobre que os seus guias continuam oferecendo-lhe toda a proteção necessária.

Vamos agora iniciar nosso texto bíblico.

## A SAÚDE DE UZIAS

Uzias foi um dos reis judeus que mais trabalhou pelo seu povo. A *Bíblia* nos diz que, um dia, saiu à busca de seus inimigos e que, por força de divinas intuições, os perseguiu de modo implacável até o derradeiro momento da destruição total.

Ao voltar para o seu reino, passou a jejuar constantemente, pedindo ao Senhor que viesse em sua ajuda para deslindar sério problema moral que o atormentava, pois não mais acreditava estar tendo as premonições que o guiavam na vida, havendo mesmo duvidado, julgando que as que o conduziram nos campos de batalha pudessem ter sido obra de sua imaginação ou recebidas de espíritos impuros ou nojentos, em sua expressão, obra, enfim, dos demônios.

Mas não obteve mais resposta alguma e sua saúde foi definhando, definhando, até que sobreveio a morte<sup>1</sup>.

Se Uzias tivesse vivido nos dias de hoje, teria tido os mesmos problemas que açambarcaram a sua imaginação? Teria tido a influência demoníaca para combater os inimigos? Teria recursos para superar os seus problemas morais?

Bastaria que lesse a nossa introdução a este capítulo (*Momento de Paz*), para adquirir a certeza de que tudo que sofrera teria explicação absolutamente natural. Saber que combater os exércitos inimigos poderia apresentar-se como injunção cármica dos povos adversários. Saber que a perseguição empreendida, com certeza, se dava por força de influências deletérias recebidas de espíritos guardiães de seu povo, ainda não libertos dos sentimentos de pátria, de conquista e de inimizade por outras raças, por se verem na necessidade psíquica de vingarem antigos reveses. Enfim, saberia que não foi jamais abandonado pelos seus orientadores, tão só que, ao desafiá-los com o espírito da dúvida, os afastou de si, pois não mais receberia instruções de mesmo teor. Como esperava respostas definitivas do plano espiritual, foi incapaz de perceber que os seus sentimentos estavam sendo inspirados por espíritos mais elevados, cujo poder de imantação não estava habilitado a sentir, habituado que estava com influências mais densas e, portanto, perceptíveis com maior facilidade. Abandonado, entretanto, não estava e isto, hoje, saberia de modo bem preciso.

Poderia ainda mais: ir a algum centro espírita, onde conversaria com os orientadores da casa, através de outros médiuns, de sorte a compenetrar-se da realidade.

---

<sup>1</sup>Segundo a narração bíblica (*II Cr.*, 26:16-21), Uzias invadiu o templo e foi ferido de lepra por Deus, por ter ocupado o lugar dos sacerdotes ao queimar incenso, tendo início aí o seu definhamento. Quanto às razões para a invasão, cala-se o texto bíblico. (Nota do Médiun.)

Através das orientações recebidas, fácil seria encontrar as respostas para todas as suas dúvidas.

Mas, vivendo hoje Uzias na região em que habitou à época da narrativa bíblica, teria todas as oportunidades que acima descrevemos? Estarão os que lá se encontram sendo inspirados pelos mesmos espíritos que o fizeram empreender as suas guerras?

O que estamos a sugerir com nossas questões é que, não só o sentido da influência espiritual se perdeu junto à mente dos que, encarniadamente, se engalfinham nos ardores das batalhas, mesmo que só através de seus sentimentos, como ainda não são capazes de perceber as influências maléficas que lhes são assopradas à mente e ao coração, diuturnamente, pelos espíritos pouco evoluídos que querem continuar exercendo os seus papéis de líderes de povos.

Não é à toa que os povos dessas regiões pretendam que suas linhagens perdurem, como nos relatam os livros sagrados, de geração a geração; é que, através disso, os espíritos se revezam em encarnações subsequentes nas mesmas famílias, dando prosseguimento à obra anteriormente idealizada e realizada. Por isso, a dissolução das tribos, das gentes e dos clãs e a sua disseminação pelo mundo, no que diz respeito aos judeus. No que concerne aos árabes, a configuração espiritual é outra, pois as genealogias foram extirpadas à força das balas e das baionetas, ascendendo ao poder, nas diversas pátrias, famílias de espíritos que provieram de condições sociais inferiores. Mesmo estas, contudo, têm a intenção de perdurar em sua dominação e, por isso, tratam de fortificar suas posições de mando, resguardando-se pela força.

Diante da espiritualidade superior, nada disso importa, pelo menos no que respeita às ânsias da grandiosidade material. O que importa aos espíritos mais puros, até àqueles advindos dessas gentes, é a iniciativa da perquirição desse *élan* que está levando às guerras, do modo que o fez Uzias. É para isso que estão trabalhando neste momento, fortalecendo as bases espirituais instaladas na região do Golfo Pérsico, de onde irradiam suas vibrações de muito amor, no sentido do despertar para a inquirição do ódio e dos atos de grandeza que estão dando sustentação às razões de caráter religioso que, a todo momento, são evocadas para a ilusão da verdade e da sacralização da guerra.

Se as forças do bem conseguirem reverter o processo da expectativa da vitória, conforme se deu ao tempo de Acáz, neto de Uzias (*II Cr.*, 28), por ter tentado contra o seu deus e senhor, e se fizerem com que o espírito dos chefes e principais incentivadores da guerra consigam observar a necessidade de acolherem a verdadeira religião, como ocorreu com Jotão, filho de Uzias e pai de Acáz (*II Cr.*, 27), agora não mais eivada pelos princípios das necessidades bélicas e amainada pelos profetas da paz, certamente os seguidores do *Alcorão* e os leitores da *Bíblia* irão compenetrar-se de que a guerra é inútil, a destruição ensandecida e a brutalidade animalesca. Nesse instante de meditação, de reflexão, à luz das mensagens de amor que se contêm em seus códices e sob o amparo dos guias maiores, à vista da consagração do princípio da unicidade de Deus, poderão estabelecer trégua duradoura, que reverterá em paz proveitosa para o crescimento espiritual.

Mas estará a saúde desses *monarcas*, desses chefes de exército, desses poderosos políticos e argutos fazedores de guerra sendo abalada? Ou terão em conta, prioritariamente, a necessidade do desafio à sua inteligência e coragem física? Poderão

sofrer ainda algum estremeamento emocional ou terão fechadas todas as válvulas das sensações mais sutis das forças espirituais do amor, do perdão, da justiça e da caridade? Haverá algum soldado, certamente, que lá está a força, apto a discernir a verdade do amor ao semelhante como o elemento capaz de resolver o conflito, mas algum comandante civil ou militar, de ambos os lados, terá sequer a possibilidade de receber qualquer vibração do etéreo para fazê-lo, por um instante que seja, supor que o caminho da paz é o mesmo do amor, jamais o da guerra, do extermínio, da conquista e da exploração?

Não lhes chegará, por certo, à intuição o que hoje estamos a relatar. Estão ainda, como Uzias, no fragor das batalhas, na ânsia da vitória. Esperemos que lhes chegue o dia da reflexão a respeito do proveito que a humanidade possa ter usufruído dos males que representa a guerra.

Sabemos que há males que resultam em bem e só essa expectativa é que justifica a sua existência. Aguardemos que esse bem não tarde nem que o mal se constitua em mais razões para retaliações cármicas, segundo o ponto de vista das forças espirituais que presidem aqueles povos envolvidos na luta.

Para tudo existe explicação. Nós intentamos fazer chegar ao leitor a compreensão de mais um aspecto das rivalidades existentes entre os povos envolvidos nos conflitos armados. Trata-se de visão que se propôs histórica, à medida que remetemos à leitura dos textos bíblicos citados, mas que extrapola o mero nível do conhecimento terreno para situar-se no campo do entendimento espiritual. Longe de nós acreditar em que tenhamos esgotado o assunto. Ainda que escrevêssemos muitas outras mensagens, dificilmente expressaríamos todos os pontos a serem considerados. E nós pouco sabemos. Imagine, então, o caro leitor se espíritos mais adiantados, mais capacitados, se pusessem a discorrer sobre o tema. Por certo, a nossa explicação adquiriria certo tom pálido e descolorido, embora tenhamos a firme convicção de que o nosso texto contém elementos reais e precisos. Não seríamos contraditos, porque o que firmamos está de acordo com a orientação recebida, mas o que complementaria a nossa mensagem nós mesmos não estaríamos em condições de bem compreender.

Queira, pois, bom amigo, aceitar com reservas as nossas orientações, certo de que você mesmo está sob amparo dos seus amigos da espiritualidade, os quais, a todo momento, estão ávidos por propiciar-lhe verdadeiros momentos de paz.

Fique com o Senhor e ore para que todos sejamos, um dia, apaniguados pela compreensão da vida e de todos os seus acidentes.

## O LIVRO DE RUTE

Página das mais belas, a história da pequena Rute comove ainda hoje os leitores menos sensíveis mas capazes de perceber, na humildade, na obediência, na obstinação da prática do bem, as virtudes essenciais daquele que busca concretizar na vida os objetivos que determinaram sua investidura na carne.

Vamos deter-nos nas três molas propulsoras que atribuímos ao caráter da jovem viúva. Sua humildade diante dos bens materiais fez com que aceitasse pacificamente as sucessivas provas a que foi submetida: o casamento imposto, norma consuetudinária do povo moabita, a resignação à vontade do marido, o luto sofrido mas contido pela morte dele, a submissão à sogra, Noemi, também viúva, a disposição de partilhar das dores da nova família, tudo que favoreceria a um espírito pior dotado o instinto da revolta. No entanto, Rute, em nenhum momento, elevou qualquer murmuração de desagrado. Assumiu o seu papel de nora exemplar e foi até o fim com sua missão, respeitando integralmente todas as determinações, por mais estranhas pudessem parecer.

Esse o segundo tópico norteador de sua personalidade: a obediência. Sabia como ninguém cumprir as ordens sem discuti-las ou rejeitá-las. Houve um instante que pareceu ser de rebeldia, quando, instada pela sogra para que voltasse para junto dos pais, negaceou e permaneceu fiel ao lado daquela que representava sua nova família. Sabia que a sogra passaria necessidades como tinha a convicção de que ao lado dela poderia desenvolver com mais segurança o conceito do amor ao próximo, através dos sacrifícios iminentes. Seu ato não foi de desrespeito ou de desobediência, mas passivamente soube imprimir, na mente e no coração de sua amiga, que a melhor resolução era aquela a que se determinara, mesmo correndo o risco de parecer orgulhosa e fanfarrona. O tempo correu em seu favor e pôde provar pelos atos que tomara a melhor decisão.

Isto nos remete à terceira virtude, a da obstinada perseguição da prática do bem. Caridosa e amorosa, abriu mão de sua condição de jovem bem tratada e, na amargura da situação aflitiva do desbaratamento dos bens, diante da necessidade de apanhar das sobras das colheitas, caminhou atrás das colhedoras para rebuscar as espigas desprezadas à cata de alguns grãos esquecidos.

Sua humildade, seu recato e sua determinação chamaram a atenção a Boaz e o restante da história pode ser lido com prazer na *Bíblia*.

O que nos importa referir é a semelhança das condições morais de Rute às de Maria, a excelsa mãe do Cristo. Ambas tornaram-se santas mulheres à vista da humanidade por suas qualidades superiores. Tais virtudes, evidentemente, refletem o ideal feminino do povo judeu. As mulheres intolerantes, sábias da sabedoria dos presunçosos, enfatuadas,

desabridas, têm tido sucesso nas civilizações modernas, onde a arrogância parece sobrepor-se às demais formas de conceber o relacionamento entre as pessoas.

Se hoje nós não mais vemos em Maria a figura excelsa do simbolismo das fórmulas superiores da conduta feminina, principalmente porque nos parece que se prendeu a certos valores puramente materiais da preservação da vida ao não se entregar às mãos dos verdugos do filho, na tentativa de subtraí-lo à flagelação e à morte, causa-nos estranheza no procedimento de Rute a subserviência extrema de aceitar o risco de deitar prematuramente aos pés do futuro marido, passando com ele a noite, atendendo à arguta e maliciosa recomendação da sogra, que percebera ter sido o parente atraído pela candura da moabita.

Para ver defeitos nas pessoas, somos experientes e não seríamos nós que deixaríamos de apontar falhas na composição da personalidade das duas figuras femininas mais meigas e humildes das **Velhas** e das **Novas Escrituras**. Como se pode perceber, o mal é capaz de infiltrar-se tenazmente até para macular a memória das criaturas mais perfeitas.

Não sejamos tão inclementes e injustos. Saibamos reconhecer em Maria a mãe apta a todos os sacrifícios e vítima de todos os sofrimentos. Analisemos os textos evangélicos e averiguemos a impossibilidade de qualquer outra reação além daquelas que perpetrou, crentes de que mais não poderia, a não ser que a fôssemos medir pela nossa própria forma, o que lhe imprimiria o nosso caráter. Será que a sua santidade permaneceria intacta?

Da mesma sorte, devemos proceder relativamente a Rute, no momento que julgamos de fraqueza e de concessão ao mal. Se ela pareceu oferecer-se ao homem que a protegeu, na qualidade do que ela denominou de *resgatador*, este mesmo externou juízo a respeito, acreditando ter surpreendido na menina a candura da inocência e o reconhecimento da bondade, referindo-se ao fato de que, pela beleza e perfeição física, poderia ter procurado pessoa mais jovem e mais rica. Saberíamos que Boaz iria respeitá-la fisicamente, do mesmo modo que demonstrava fazê-lo moralmente? Teria confiado em sua perspicácia no conhecimento do espírito masculino ou somente atendeu ao apelo da sogra, ignorando qual seria o desfecho de seu pernoite ao lado do protetor?

Não poderemos, seguramente, responder com responsabilidade a estas perquirições. Só o que podemos observar é o que nos relata o texto bíblico, segundo o qual o resultado foi o mais plausível possível, pois Boaz só aceitou casar-se com Rute, após ter recebido total anuência da comunidade, tendo oferecido a quem de direito a possibilidade do casamento e a posse das propriedades. Tudo se regulou pela lei e Rute pôde dar à luz Obede, que viria a ser o avô de Davi.

Preserva-se, por conseguinte, a pureza da linhagem da qual nasceriam os principais reis de Israel, da mesma forma que os **Evangelhos** buscam solidificar moralmente os ascendentes familiares de Jesus. Como se vê, trata-se de tópico do procedimento bíblico, pois chega-se até a admitir-se que o Messias, para demonstrar determinadas características de sua personalidade, tenha nascido em meio aos animais da manjedoura, mas não se iria jamais aceitar, talvez por preconceitos definitivamente arraigados no inconsciente moral do povo judeu, que pudesse nascer de família de procedimentos irregulares.

É claro que estamos levantando o tema apenas para argumentar e para apontar o sentido de repetição que apresentam os relatos mais expressivos dos textos sagrados e nunca para dar curso a acusações injustas e desmerecedoras do crédito que firmamos nos diversos autores da saga moral e espiritual de nosso Senhor Jesus Cristo.

Como se pode observar pela descrição do caráter da jovem israelita, tinham os judeus o seu modelo de virtudes. Bastava copiar a imagem idealizada daquela criatura, para que o seu procedimento pudesse corresponder, em certos aspectos, aos ensinamentos que o Cristo, séculos depois, viria pregar à humanidade. No entanto, precisou que houvesse notável figura de puríssima virgem para reafirmar os preceitos morais necessários para a realização dos níveis de evolução dos humanos. A primeira figura judia oferecia certo aspecto de profanação da pureza, pois era viúva ao tempo do relato de suas proezas morais. Maria ofereceu-se à opinião através de diáfano manto de castidade, embora seja do conhecimento bíblico que, antes de Jesus, dera à luz outras criaturas, tendo procriado mais dois filhos após o Divino Mestre. A tradição buscou camuflar esses fatos para oferecer à opinião o relato miraculoso da maternidade sem coabitação material e a *délivrance* sem perda do hímen apologético da criatura intocada pela ânsia carnal, símbolo do mal em sua forma mais pitorescamente humana.

Enquanto amarrarmos a nossa solicitação de vida à dignidade meramente consubstanciada nos afanosos meandros da argúcia maliciosa dos que querem prevalecer à custa da burla da credence e da ignorância alheias, não vamos deixar de ficar marcando passo interminavelmente. É preciso ultrapassar a mesquinha visão material para perceber a grandiosidade da natureza e o poder de legitimação que os atos naturais dão ao ser humano, sem maculá-lo de *pecado*, se cumpridos os princípios que regem as leis instituídas pelo Criador.

Ser esposa e ser mãe, portanto, são condições de todas as mulheres e em nada tais fatos interferem em seu grau de pureza. Rute e Maria, esposas e mães, ganham em santidade e espiritualidade por esses mesmos fatos e, se Deus, verdadeiramente, estabeleceu que a mulher pariria em dor, por que iria subtrair Maria à lei geral?

Estamos atentos para os que, neste instante, estão à socapa lembrando-se dos chamados *partos sem dor* ou das operações ditas cesarianas, em que as parturientes não se sentem agredidas pela natureza e não sofrem a desdita das contrações e da expulsão da criança. Para esses, devemos lembrar que o sofrimento estabelecido por Deus não se referia senão literalmente ao parto, ao nascimento das criaturas, mas indiretamente, enfática e metaforicamente, ao carma de suportar a existência na condição de procriadora da espécie, espécie que vem ao mundo para expiação de suas culpas e de seus crimes, espécie em débito para com as divinas leis, espécie, em suma, de purgação e, por isso mesmo, predestinada à dor e ao sofrimento.

Lembramo-nos de Eva, de Rute e de Maria. Outras figuras femininas existem nos diversos livros sagrados capazes de despertar a nossa atenção e o nosso interesse em bem compreender os objetivos cármicos dos encarnes nesse sexo. A nossa dissertação se estende por várias laudas, por isso vamos prometer que ainda voltaremos ao tema que tanto tem feito a humanidade refletir e meditar

Ergamos agora os olhos aos Céus e busquemos, entre os espíritos de magnificente luminosidade, algum que projete o nosso ideal de figura feminina. Solicitemos-lhe que nos

orienta e que nos proteja das falsidades com que revestimos os nossos conceitos milenares a respeito das mulheres, pertençamos ou não a esse sexo na presente encarnação. Principalmente, peçamos-lhe para que nos faça bem compenetrar-nos de que a transitoriedade destas passagens pelo orbe estão a indicar que poderemos, em breve, retornar a este ambiente revestidos pela organização do sexo oposto ao atual, de sorte a podermos bem compreender quais as posições mentais e atitudes sociais que deveremos ter para com nossos confrades do outro sexo, a fim de cumprirmos a lei do amor ao próximo com integral, com absoluta isenção de preconceitos.

Façamos também desse espírito o nosso porta-voz junto à Divindade, para levar o nosso agradecimento e o nosso humilde desejo de nos vermos sempre amparados pelas suas sacratíssimas bênçãos. Especialmente, que solicite por nós ao Criador a felicidade de podermos usufruir as mesmas possibilidades de pautar o procedimento pelas excelsas virtudes que aquelas mulheres tão universalmente disseminaram através de seu exemplo. Finalmente, peçamos-lhe para que a nossa mente possa conceber com exatidão que hoje esses seres excelsos se ombreiam e se assemelham em tudo a todos os de suas categorias, capacitando-nos a entender que todos, sem exceção, peregrinaram por este mesmo orbe muitas vezes na condição feminina e outras tantas, na masculina.

## A PALAVRA DO SENHOR

Pode parecer estranho o nosso título àqueles que se acostumaram à leitura dos textos mediúnicos. É preceito básico do espiritismo duvidar sempre da entidade que se apresente arvorando denominação que possa remeter a imaginação do leitor aos píncaros da espiritualidade. Que se dirá, então, se o mensageiro anunciar-se como sendo a própria voz de Deus? Certamente, rejeitaremos a presença da entidade como falsa e não lhe prestaremos outra atenção que aquela que dedicaríamos a qualquer espírito sofredor, imperfeito, ou seja, trataríamos de suas afecções morais e o remeteríamos às instituições de socorrismo espiritual.

Pois bem, em *Isaiás*, capítulos 65 e 66, há longo discurso que o profeta hebreu atribui ao Senhor, segundo o qual se promete aos bons a felicidade da permanência na Jerusalém dos beatificados pelas virtudes e aos maus os castigos mais desagradáveis e perenes. Na verdade, o Senhor estabelece determinadas regras de bem viver para conseguir a harmonia espiritual conveniente para se fazer jus aos benefícios de seu beneplácito. E não há ali intermediários que falariam pelo Pai mas sim é a própria Divindade que se apresenta para o ditado.

Como devemos reagir diante de tal passagem bíblica, aliás de profundo conhecimento dos limites conscienciais dos encarnados, de suas ânsias e desejos, de seus atributos e paixões?

Devemos rejeitar inteiramente a ideia de que Deus se tenha apresentado pessoalmente. Isto nos parece totalmente fora de propósito e não nos cabe agora reavaliar os argumentos em apoio ao nosso ponto de vista. Do mesmo modo, exaustivamente, temos propugnado a tese de que só espíritos superiores podem estabelecer normas de conduta que apresentem a possibilidade do restauro moral e do adiantamento espiritual capazes de propiciar aos mortais crescimento evolutivo para fazê-los progredir na escala da perfeição.

Vamos, por isso, ater-nos a trecho expressivo, para que possamos tecer alguns comentários a aspecto que nos parece relevante. Leiamos o texto bíblico:

*Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, nasceu-lhe um menino. (Is., 66:7.)*

Se o estimado leitor já percorreu a mensagem anterior (*O Livro de Rute*), deve ter observado nossas considerações a respeito do nascimento de Jesus e das condições em que se deu seu parto à luz dos registros evangélicos. Pois agora estamos diante de texto

muito anterior, em que o autor põe na própria voz de Deus as palavras proféticas do nascimento sob condições especiais de seres de extração superior na escala da espiritualidade. Não nos interessa julgar aqui o trecho em que se insere a assertiva, mas ressaltar o fato da necessidade psíquica do povo judeu de se liberar dos aspectos dolorosos do nascimento, como se todas as pessoas guardassem, em suas memórias, traumáticas experiências ao momento de adentrar o mundo da carne.

Se perquirirmos as tradições de outros povos igualmente antigos, encontramos passagens do mesmo modo santificadas de narrativas semelhantes. Isto quer significar que algo existe de universal nesse anseio de se unir a pureza da entidade a encarnar-se com a imaculabilidade do ato de nascer, de modo a caracterizar a nova criatura como isenta da opressão do encarne. Evidentemente, tudo isto se dá no campo do inconsciente coletivo da humanidade, pois, se o fato fosse corpóreo, material, quem nascesse através de operação cesariana não carregaria consigo tal estigma cármico.

Pois está aí algo para a reflexão de nosso caro leitor. Sobre a virgindade e pureza de Maria, discorreremos na mensagem acima citada. A respeito da profecia do Senhor e de sua manifestação através dos recursos da mediunidade, comentamos anteriormente. Sobre a presença do mito e de suas consequências na educação e na contenção dos impulsos maléficis dos humanos, também fizemos referência. No que trata da ilusão da verdade para impor ao leitor a autoridade do mensageiro, também nos estendemos. Como se vê, pouco resta à imaginação do amigo para observar algo mais no trecho citado.

Pois bem, ali vemos outro aspecto de fundamental importância: o roteiro que se estabeleceu aos humanos para o cumprimento por Deus de suas promessas.

Leiamos:

*Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? (Is., 66:8.)*

A ideia do nascimento sem dor e sem sequelas é prematura para o homem imerso em vida de crimes e viciações. A dor faz parte da vida na carne, assim como a luz é inerente aos espíritos superiores. É como se à lagarta se destinassem asas, só que elas somente iriam aparecer quando não fosse mais lagarta mas borboleta. Se a lagarta não cumprir todos os seus passos evolutivos, definhará e morrerá na condição de ser terrestre. Ao contrário, se perfizer todas as etapas de sua constituição biológica, sofrerá a metamorfose.

Assim também os humanos. Enquanto não se libertarem de seus pesos materiais, imantar-se-ão à superfície da terra e não poderão alçar o seu voo, nascendo e renascendo em dor. Um dia, aprenderão a sua lição, buscarão cumprir os desígnios do Senhor, florescerão para a espiritualidade e farão jus ao ingresso em círculo mais elevado. Aí se despojarão de seu invólucro perispiritual concernente à densidade própria da natureza deste mundo e se vestirão de outra mais sutil, como se nascessem para outra existência mais gloriosa. Esse o parto sem dor e sem mácula.

— *Então, perguntará o estarecido leitor, quer dizer que o texto bíblico pode ter sido inspirado por espíritos superiormente dotados, uma vez que, despojado do aparato mítico e da roupagem mística, verdadeiramente expressa conhecimento de caráter elevadíssimo, em nada discorde do que lemos nas mensagens consagradas da codificação kardequiana?*

Certamente, bom amigo. Se você foi capaz de expor a nossa citação ao crivo da análise acima sugerida, conseguiu extirpar do texto aquilo que representava a humana ansiedade, revigorando os aspectos profundos dos conhecimentos espirituais. Claro está que, para o leitor médio dos tempos anteriores ao advento do cristianismo, a ilusão de que o mensageiro falava de eventos materiais deveria prevalecer, pois o poder de abstração moral em favor da concepção de vida realizada sob a égide do amor somente com o Cristo é que se estabeleceu definitivamente para a mente encarnada. Que se dizer, então, dos princípios evangélicos aplicados ao progresso espiritual que se estabeleceram para a civilização ocidental há apenas pouco mais de um século?! Hoje estamos capacitados a leituras mais acuradas desses textos sagrados, por termos tido o auxílio constante das entidades que presidem o humano devir.

Gostaríamos, neste ponto, de oferecer o nosso testemunho de integrantes da humana organização, temporariamente em estágio no etéreo, senão fica o leitor pensando que nós é que estamos estabelecendo as revelações a respeito do conteúdo superior dos ensinamentos bíblicos e evangélicos. Nada disso. Os nossos irmãos do Alto é que nos ensinam como devemos proceder para aproveitamento máximo de um dos maiores monumentos que a mente humana já foi capaz de construir; e aqui cabe a observação de que estamos referindo-nos à humanidade como um todo, absolutamente integrada nestes dois planos de nossa realidade.

Se de pequenino trecho pudemos extrair tão amplos conhecimentos, o que não nos reservará a leitura igualmente atenta de todos os livros? Eis que retornamos ao objetivo das dissertações, para não deixar o leitor esquecer-se de que o nosso intuito é restaurar para seu espírito os profundos méritos dessa maravilhosa obra.

Sejamos argutos, sem ser astuciosos; sejamos sensatos, sem demonstrar ingenuidade; sejamos honestos, sem apresentar pieguismo; sejamos serenos, sem nos deixar envolver por qualquer resquício de lassidão moral. Apliquemos a nossa inteligência despertada pelas luzes do espiritismo e façamos da **Bíblia** manancial de orientações para perlustrarmos a vida com proveito, segundo os preceitos de superior conduta. Atendamos aos princípios morais que ali se contêm e ergamos ao Céu o testemunho de nosso aproveitamento, agradecendo ao Senhor a nossa compreensão da vida e da existência, para ascendermos em paz ao seu regaço acolhedor. Façamos por merecer as promessas de Deus.

*Regozijai-vos juntamente com Jerusalém, e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; exultai com ela, todos os que por ela pranteastes; para que mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis, e vos deleiteis com a abundância da sua glória. (Is., 66:10-11.)*

## A REENCARNAÇÃO DESPERCEBIDA

Jeremias escreve:

*Palavra do Senhor, que veio a Jeremias, dizendo:*

*Dispõe-te e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras.*

*Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre rodas.*

*Como o vaso, que o oleiro fazia de barro, se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu. (Jr., 18:1-4.)*

Deveríamos reproduzir aqui todo o capítulo, mas o trecho acima nos satisfaz, por enquanto.

Na *Bíblia*, Deus apanha um pouco de barro e elabora figura humana, assoprando-lhe a alma para lhe proporcionar vida. Esse homem primitivo, tal como o vaso, fez-se de barro. Evidentemente, a metáfora é bem compreensível: o princípio material é animado pelo elemento espiritual.

Mas o vaso se estraga bem como o corpo humano; nem por isso, contudo, o oleiro desanima: toma do barro e elabora outro vaso. Assim também ocorre com o princípio divino da realização carnal das criaturas. Dada a eternidade da centelha que representa o espírito humano, uma vez que seu aparato corpóreo se corrói forçosamente pela lei natural que preside a matéria, nada mais justo possibilitar à alma grosseira, ainda impura e imperfeita, que habite outro vaso. Está aí, portanto, toda a teoria espírita da reencarnação no símbolo do oleiro a fazer e refazer os seus vasos.

Atentemos para outro aspecto do trecho. Foi a mandado do Senhor que Jeremias foi observar o serviço do oleiro. Como sabemos, *Senhor*, nesses livros sagrados, significa toda influência espiritual de caráter superior. Então, a sugestão, podemos dizer de forma inequívoca, partiu do plano da espiritualidade para que Jeremias pudesse tirar as suas conclusões. Mas o profeta não viu ou não quis ver no trabalho do oleiro a inspiração a respeito do reencarne. Antes, preocupado com os ataques inimigos à sua pessoa e ao templo, preferiu observar na lição outro mérito, qual seja, o da possibilidade de o Senhor refazer seus planos para os mortais, conforme as decisões destes também mudassem. Assim, o que pretendia realizar o mal mas se determinou a praticar o bem, fará com que Deus altere o seu plano com relação a ele da mesma forma; caso contrário, ou seja, se passar do bem para o mal, certamente, na voz atribuída por Jeremias ao Senhor, o plano divino se alterará no mesmo sentido.

Consuma-se, assim, o proveito próprio da maravilhosa inspiração espiritual. Jeremias transforma em ameaça divina contra seus inimigos e, por extensão, a toda a humanidade, o que poderia ter representado inspiração absolutamente mais coerente com

o atributo que damos à Divindade de ser soberanamente bom e justo. O que representava segunda oportunidade ou mais, indefinidamente, passou a caracterizar-se como plano de mera vingança, inserindo-se na lei conhecida da retaliação.

Talvez por ter ficado no fundo de sua consciência, interroga mais adiante o profeta:

*Acaso pagar-se-á mal por bem, pois abriram uma cova para minha alma? (Jr., 18:20.)*

O descerramento para a verdade evangélica estava sendo tentado. O médium, entretanto, não consegue ver no perdão ao inimigo apanágio de superior entendimento das relações entre os seres. Fora enviado ao oleiro para observar. Viu quando de vaso estragado se fez outro perfeito. Sabia que a lição se dava no âmbito da aplicação moral e espiritual e não meramente no relacionamento fortuito dos encontros sociais. Mas não aprofundou sua reflexão, preferindo ver na sugestão do etéreo algo que o faria prevalecer sobre os adversários. E, em sua cegueira, não percebe o princípio redentor do perdão, descendo à prece mais execrável da solicitação ao Senhor de severa punição aos inimigos:

*Portanto entrega seus filhos à fome, e ao poder da espada; sejam suas mulheres roubadas dos filhos, e fiquem viúvas; seus maridos sejam mortos de peste, e os seus jovens feridos à espada na peleja. (Jr., 18:21.)*

Causa-nos até certo mal-estar a simples transcrição do desarrazoado pedido do profeta.

Pense, seriamente, caro amigo, se você seria capaz de elevar os pensamentos ao Senhor com esses sentimentos. Evidentemente, não teria sequer coragem de admitir, no refolho mais íntimo da consciência, sequer a possibilidade de vir a vislumbrar qualquer nuance de indignação que lembrasse o teor dessa odiosa manifestação. Saberria, caso tivesse algum estremecimento nesse sentido, que estaria totalmente errado e que não teria justificação diante do Salvador, Cristo—Jesus. No entanto, o profeta projeta tais pensamentos para o Alto, registra-os indelevelmente nas sagradas escrituras e investe contra os inimigos no célebre episódio do pote quebrado, anteriormente já motivo de dissertação nossa (*Um Dia Nebuloso*).

Apesar de tudo, tivera tido a divina inspiração do perdão e da segunda oportunidade.

Vamos agora entretecer estes comentários de algumas observações de caráter espiritual sob o prisma da Codificação.

Como poderíamos entender diferentemente a influenciação espiritual, se nos vestíssemos da pele do profeta ao tempo de sua peregrinação? Certamente, a cultura judaica arraigada na mente do poderoso e influente personagem, sob o ponto de vista de sua ascendência intelectual e sob a retórica da inspiração de caráter superior, fazia com que agisse em função dos princípios da lei, que julgava não deverem ser derogados. Tendo em vista as ameaças de infiltração de outros cultos e de tendências místico-religiosas alienígenas, encegueceu-lhe o entendimento, pois via iminente a catástrofe que

atingiria o povo judeu, ainda imaturo e altamente influenciável pelas promessas de pronto atendimento, ainda mais que à custa de pequenos sacrifícios. A ação do mediador foi rápida e espontânea e o seu relato franco e verdadeiro. Se tivesse tido tempo para refletir, o que hoje a nós é dado de sobejo, considerando os séculos que decorreram desde a época daqueles acontecimentos, por certo poderia ter verificado que perdera as oportunidades que lhe haviam sido proporcionadas.

Falando nós bem abertamente e com o coração na mão: não estaremos, também nós, deixando escorrer por entre os dedos a preciosa água da salvação, à medida que deixamos de considerar os ensinamentos cristãos como imprescindíveis para nosso melhoramento? Diante de nossa mediunidade ou dos trabalhos espirituais publicados por mediadores de mérito, temos conseguido suficiente esclarecimento e dado a devida atenção ao aconselhamento que aí se contém? Estamos à vontade para elevar a nossa crítica ao feroz invectivador bíblico, alheios às circunstâncias que o conduziam naquele instante? Temos dado oportunidade a esse mesmo espírito de escol de apresentar-se de novo diante de nós com mensagem atualizada a respeito dos conhecimentos da realidade que de lá para cá foi capaz de açambarcar?

Sabemos que este método de perguntas é muito eficiente do ponto de vista da retórica e torna o texto mais leve e menos cansativo. No entanto, corremos o risco de obter respostas fugidias e incompletas. Teríamos nós a coragem de nos sentarmos à mesa de trabalho e de escrever minuciosamente todos os nossos atos de vida, mesmo aqueles que poderiam condenar-nos? Certamente, se não tivermos consciência dos males a que damos guarida em nossos pensamentos, até que o faríamos desabridamente e isto serviria para o início de nossa reflexão.

Tente, então, bom amigo, escrever a história de sua vida. Depois, peça que se edite e se divulgue. Aguarde o momento de sua despedida do orbe e veja se, ao reler o seu texto, você não terá mudado de opinião. Espere os séculos transcorrerem e vá observando os efeitos dos seus escritos no espírito dos que se ativerem à sua leitura. Receba os eflúvios energéticos positivos dos que se agradarem da experiência que lhes foi passada. Sofra as vibrações antipáticas de quantos se virem na condição de críticos severos. Volte à carne e reescreva a sua saga sob a luz de novos conhecimentos e sob o amparo da doutrina de amor de Jesus e do ensinamento de caridade do espiritismo. Por mais parecido com o ser que deu vazão ao início da turbulência, você hoje mais se assemelharia a homem despojado das ambições materiais, pois, inevitavelmente, teria de apresentar resultados cármicos muito mais adequados para seu crescimento espiritual.

Não seja, portanto, bom amigo, leitor desatento. Não acredite mais em que os sentimentos registrados nos livros sagrados da *Bíblia* ainda perdurem. Pense em que a evolução moral tenha chegado para todos. Aproveite os ensinamentos que tenham ficado subjacentes e jamais verrume os autores com palavras de desagrado ou de desconforto moral. Saiba ver na prece de Jeremias o desafogo de alma oprimida pela maldade vigente e passe adiante, tomando dessa atitude a lição que ela possa encerrar. Não se contente em ver nas palavras apenas maldades, mas o reflexo de procedimento moral segundo as estruturas culturais dominantes à época. Estabeleça as possíveis comparações com outros textos de todos os tempos, para poder chegar à sua época com a inteligência atilada e a

consciência apta a aproveitar todas as coisas boas que as experiências antigas possam conter.

## ORIENTAÇÃO

Estas nossas apreciações encerram o ciclo relativo aos livros do *Antigo Testamento*. A partir da próxima comunicação, estaremos tentando decifrar alguns aspectos dos *Evangelhos* de interesse para a configuração da melhor leitura possível. Se, para a formulação de nossos pontos de vista, aproximamos os trechos em destaque às noções posteriores do cristianismo e do espiritismo, fique o amigo atento para as referências que faremos daqui por diante às *Antigas Escrituras*, para fundamentar argumentos no sentido da explicação em evidência. Antes, interessou-nos ver na *Bíblia* o reflexo da cultura judaica. Agora, estaremos preocupados com o sentido cristão impresso a essa cultura.

Fique o bom amigo na paz do Senhor e ore fervorosamente para que tudo possa transcorrer segundo as orientações de nossos instrutores situados em plano espiritual superior ao nosso.

## O AMOR É ETERNO

Paulo, em sua epístola primeira aos coríntios, afirma-nos que a maior virtude é o amor. Seguindo a linha de pensamento de Jesus deixada impressa nas almas dos apóstolos, analisa esse sentimento e o coloca acima de todas as coisas. Ouçamos o pregador:

*O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará... (I Co., 13:8.)*

Esse ensinamento, pois, expresso de modo tão claro, suficiente seria para fazer de cada ser humano entidade dotada de superior entendimento da vida e da existência, porque, para quem ama, nada falta. Ouçamos mais:

*Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. (I Co., 13:10.)*

É tão completo o pensamento do apóstolo que seríamos nós até tentados a eliminar a nossa escrita, resumindo-a a conselho oportuno: ler e seguir ao pé da letra a palavra do santo, mesmo porque, segundo ela:

*... em parte conhecemos, e em parte profetizamos. (I Co., 13:9.)*

Alteramos a ordem das citações propositalmente.

Diz ele que, em parte *conhece*, isto é, tem conhecimento, aprendeu e, portanto, ficou sabendo. Aprendeu de quem? Aprendeu de seus maiores, aprendeu de seus amigos, aprendeu com suas leituras, aprendeu com sua experiência e, principalmente, aprendeu com a palavra do Senhor. E *profetizava*, ou seja, recebia as mensagens dos amigos da espiritualidade e as divulgava entre os que confraternizavam a nova crença que surgia, o cristianismo. E pregava, mais adiante, que todos fizessem o mesmo, estando reunidos em suas igrejas.

Mas ali a palavra é vedada às mulheres. Mas como? O amor não é a perfeição que se aguarda? Por que essa limitação a apenas se dar poder de profetizar para os homens em seus cultos? Que preconceitos estariam ainda firmados no pensamento do santo homem? Que prescrição é essa à sua própria igreja, no sentido de inibir a quem quer que seja a possibilidade de se comunicar com os espíritos para trazer a palavra deles aos companheiros? Ouçamo-lo ainda uma vez:

*Como em todas as igrejas, conservem-se as mulheres caladas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja. (I Co., 14:33-35.)*

Eis que se desvanece a tentação que tínhamos de efetuar a recomendação tão só do texto sagrado do inspirado apóstolo. Ele também se deixou penetrar das restrições preconceituosas dos judeus às suas mulheres, o que, para eles, de resto, persiste até hoje, pelo menos nas sinagogas da ortodoxia mais rigorosa.

O que fez Paulo, ao obstar a iniciativa da *profecia* às mulheres nas igrejas, está em total discordância com o ensino de Jesus, a quem seguia mas de quem nem tudo aprendeu. Ou teria Jesus estabelecido algum princípio semelhante? Pelo menos, em tudo que ficou registrado relativo a seus ensinamentos, nada traduz qualquer ideia preconceituosa. Aliás, o tratamento que o divino mestre dispensou às almas femininas que o rodearam em nada as distinguiu dos seres humanos encarnados com o aparato masculino.

Diríamos ainda mais: se qualquer trecho contivesse ou contiver algo que demonstre sentimento inferior a respeito das mulheres, tê-lo-íamos à conta de mistificação de algum evangelista ou de seu inspirador ou, o que seria mais plausível, acréscimo inoportuno de algum copista intransigente.

Eis, portanto, que não podemos esperar perfeição dos atos dos apóstolos, de seus escritos, de seus ensinamentos. Também quando estivermos a perflustrar as páginas de sublime inspiração que nos houveram por bem deixar para nossa orientação e conforto, ainda aí precisamos aplicar os conhecimentos espíritos da Codificação, ou ficaremos propensos a manter certas atitudes de afastamento de pessoas de nosso convívio, por mera catalogação preconceituosa.

Vamos orientar o proceder pelas palavras iniciais do amor, vamos aceitar o padrão vibratório dos seres femininos, vamos lembrar-nos de que ora encarnamos homens ora mulheres, vamos aceitar pacificamente que todos tenhamos os mesmos direitos diante de Deus e façamos por tornar-nos perfeitos, acima da fé, acima da ciência, acima das leis dos homens, sejam escritas, sejam as que se inscrevem nos usos e costumes. Ajamos por amor, com amor e para o amor, sem restrições de quaisquer espécies. Saibamos usufruir a sabedoria impressa nos dizeres do sábio convertido da estrada de Damasco, mas utilizando a nossa capacidade de discernimento iluminada pelas diretrizes evangélicas consignadas no kardecismo, onde a ciência e a consciência se fundem para permitir aos homens a sabedoria dos anjos.

Vamos trilhar os nossos caminhos desanuviados do peso das tradições hebraicas, que tão profundamente se arraigaram nas igrejas que se fundamentaram na palavra, sem interrogarem de sua verdade. Abramos a mente para esta e saibamos, corajosamente, refutar o que de impuro tiver ficado retido nos conceitos dos apóstolos. Saibamos discernir, com segurança, o que nos servirá para a nossa redenção e deixemos de lado tudo o que possa significar concordância e assentimento com hábitos antigos e totalmente desvinculados de nossa realidade mais profunda de seres criados à imagem e semelhança de Deus.

Se amigos nossos não concordarem com esta atitude, por julgarem-na desabrida e distante dos princípios filosóficos decalcados na lei do perdão, da obediência e da fé, iremos ter de lamentar muito essa postura de intransigência, pois o nosso ponto de vista está fundamentado na lei maior do amor. *Se fora da caridade não existe salvação* foi o lema que substituiu o da igreja, quando se pensava que fora dela é que não haveria salvação, está aí a exemplificação mais eficaz de que o espiritismo veio para inovar em relação aos hábitos religiosos, no que concerne à atitude das pessoas umas para com as outras.

Por outro lado, Jesus nos ensinou a orar e a nos ligar ao Pai, e isto ele não determinou que se fizesse em nenhum templo, que se constituía para ele mais em local de estudo e de pregação, mas sim no fundo de nosso quarto, estando a sós com Deus. E nos ensinou mais, a enaltecer ao Senhor e a pedir-lhe o perdão às nossas faltas, na justa medida que perdoássemos os nossos devedores. Quis ainda que rogássemos para não cairmos em tentação e que ficássemos livres do mal. Mais não quis o Cordeiro de Deus.

Fiquemos, pois, amigos, cientes de que Paulo nos ensinou o caminho do amor e isso ele o fez há muitos séculos atrás. Se a humanidade tivesse ouvido essa voz e tivesse bem compreendido o que dizia, poderia até ter permitido a repartição dos sexos nos templos, mas jamais iria resvalar para os caminhos dos vícios, dos crimes e das guerras. Relevemos, pois, o que o apóstolo possa ter apresentado de impreciso e salvemos as suas santas palavras de profecia.

## PEDRO NEGA JESUS

Logo após ter sido o Mestre levado preso, Pedro ficou por perto para conhecer o resultado do julgamento, pronto para acolher de volta o Cristo libertado. Antes, porém, que o galo cantasse pela segunda vez, conforme nos relata Marcos, o principal dentre os apóstolos negou conhecer o Mestre por três vezes:

*E logo cantou o galo pela segunda vez. Então Pedro se lembrou que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar. (Mc., 14:72.)*

Problema fácil de resolver é a configuração da previsão realizada por Jesus. Conheceria ele o futuro para poder, com tanta precisão, vaticinar o acontecimento? Não precisaria de tal poder divinatório. Jesus, em sua missão sagrada da salvação da humanidade, não estava, evidentemente, só. Havia imensa legião de espíritos superiores a ampará-lo, segundo as ordens do Pai. Diante de Pedro, arrogante e pretensioso ao tempo de sua inexperiência de doutrinador, Cristo deslumbrou ensino de ensinamento oportuno. Foi, então, que deu a entender que conhecia os eventos futuros, prognosticando os atos da negação.

O que ocorreu, na realidade, foi o amparo das forças espirituais que o acompanhavam, que açodaram a mulher, por via intuitiva, despertando-a para a acusação do apóstolo nas circunstâncias conhecidas. O mesmo se deu mais duas vezes e eis que o galo cantou para lembrar à consciência culpada as palavras do Mestre. Fazer o galo cantar não foi preciso, pois a natureza deu curso a sua ação. A que foi preciso atentar foi ao tempo em que as atitudes se desencadeariam, para dar a evidência necessária para que Pedro acreditasse que Jesus estivesse investido de superiores dotes espirituais.

Teria Pedro percebido a verdade da situação em que se viu envolvido ou, simplesmente, acreditou Jesus capacitado para ler o futuro do destino dos homens? Agora isto não nos importa, realmente, porque sabemos que edificou, como havia prenunciado o Senhor, a igreja do amor e do sacrifício, pela lealdade levada às últimas consequências.

Ao despertar para as verdadeiras intuições do Mestre, chorando copiosamente, conforme o relato evangélico, teria Pedro compreendido que a negação ao testemunho estava embutida na promessa que fizera de prosseguir com o roteiro de ensinamentos, de acordo com a solicitação que recebera do divino Pastor? Teria sido por isso que não se deixou envolver no processo movido contra Jesus, evitando, por conseguinte, que fosse

transformado em veículo de acusação ou, ao invés disso, em cúmplice e, portanto, companheiro na execução da pena de morte?

Estas excogitações, nesta altura de nossa civilização tão eivada de tecnologias e de mecanismos eletrônicos, era de computadores, de mísseis teleguiados, de ódios e de fome como nunca dantes se viram, podem repercutir na mente de desavisado leitor como extemporâneas e susceptíveis de críticas. Mas que outros roteiros poderemos sugerir às humanas criaturas, para sua devida e organizada evolução rumo ao bem eterno, senão o de perscrutar as razões íntimas que levam ao conhecimento da alma e os intrincados relacionamentos com o etéreo que conduzem à apreensão do conhecimento do universo, da vida e da existência? Todas as preocupações humanas que citamos estão relacionadas ao campo da matéria, mas, se formos capazes de bem entender o nosso espírito, teremos surpreendentes soluções para todos os problemas.

Pedro estava envolto por espessa aura de ignorância, de medo, de preocupações pueris diante de suas responsabilidades. Precisava Jesus, finalmente, demonstrar-lhe conhecimento íntimo do refolho mais escondido de sua personalidade. A revelação se deu por via da projeção no futuro de atitude absolutamente previsível diante dos fatores da personalidade à mostra para a acuidade mental do Senhor. Nem precisou do amparo dos amigos da espiritualidade para entender os conflitos que agitavam a alma a Pedro. Desencadeou, então, pelo meio revelado nos ***Evangelhos***, suas reações psicológicas à vista da conflagração cármica estabelecida em âmbito cerebral, onde o conhecimento do próprio procedimento, sob o amparo das reações emotivas fundamentadas no reconhecimento da verdade, da fé, da confiança, se aliaram para erguer a muralha da esperança de dignificar o depósito das responsabilidades que lhe foram atribuídas. Assim se deu o entrechoque das diversas disposições mentais para a consequência que todos conhecemos da superior deliberação de cumprir os desígnios do Senhor.

Ficaria a dissertação incompleta se não lembrássemos ao caro leitor a necessidade de se colocar agora na condição de apóstolo na expectativa de ouvir o galo cantar. Não vamos estender-nos demoradamente na pregação de que todos devamos testemunhar em favor do Cristo, pois só a Pedro é que se permitiu negá-lo, à vista do risco de se perderem as disposições evangélicas de que se encarregara. Quanto a nós, diante da única missão de salvar nossas pobres almas, não poderemos jamais furtar-nos ao compromisso cármico de aquisição das virtudes excelsas do evangelho de Jesus, tudo realizando antes que, simbolicamente, o galo cante ao dealbar de novo dia espiritual, às vésperas de nossa morte. Façamos, desde já, de tudo para cumprir os desígnios da espiritualidade superior para a presente encarnação, para o que devemos prosseguir em nossa leitura atenta dos textos sagrados das ***Escrituras***, no sentido, sempre e sempre, de descobrir a intenção última de cada trecho.

É para essa interpretação que estamos tentando contribuir. Como gostaríamos de obter sucesso!

Aproveitando o ensejo deste discurso a respeito do apóstolo Pedro, queremos registrar oportuno esclarecimento a respeito de tópico de ***Marcos*** relativo ao aprisionamento do Cristo. Leiamos a passagem:

*Nisto um dos circunstantes, sacando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha. (Mc., 14:47.)*

Dentre os evangelistas, somente João afirma ter sido Simão Pedro o autor da agressão (*Jo.*, 18:10) e somente Lucas assegura que Jesus curou a ferida (*Lc.*, 22:51).

Como interpretaria o caro leitor essa momentânea revolta de um dos parceiros do Senhor? Teria razão em ter sacado da arma para atingir ao enviado do sumo sacerdote, portanto, a alguém que meramente cumpria determinação legal? Não teria ficado exposto às forças policiais aquele que tão afoitamente agiu? Como teria sido a reação do policial hoje, diante do ato de violência, a ponto de se cortar ao coitado a orelha direita? Acredita com Lucas que Jesus tenha pensado a ferida, em demonstração inequívoca de superior poder de cura mediúnica ou pode o Mestre ter somente executado simples curativo?

E quanto ao fato de ter sido atribuída a ação a Pedro tão só por João, como o digno leitor interpreta o silêncio dos demais evangelistas? Teriam conhecido por tradição que houve luta, havendo resumido a contenda em simples atitude de desagravo? Se tivesse sido realmente Pedro o autor do impensado gesto, não teria ficado marcado e, portanto, mais facilmente reconhecível para o testemunho que se lhe pediu na madrugada daquele mesmo dia? Não se pode vislumbrar aí certo indício de inverossimilhança?

Este é um dos acontecimentos bíblicos que vão permanecer envoltos em mistério, pois não há real interesse em se descobrirem as circunstâncias da prisão do Messias. Fato relevante no episódio é a afirmação que todos registram, quer na forma de comentário do autor, quer por via de reprodução de fala de Jesus, de que, sem a prisão, o martírio não se daria e as **Escrituras** não se cumpririam. Eis o trecho:

*Disse-lhes Jesus: Saístes com espadas e cacetes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras.*

*Então, deixando-o, todos fugiram. (Mc., 14:48-50.)*

Inicialmente, ressalte-se a covardia que invadiu os ânimos dos amigos em contraste com a serenidade do Senhor diante de seu destino. Tire daí o amigo leitor as consequências que quiser, principalmente relativas à insegurança dos sentimentos de que estavam possuídos os primeiros seguidores, à hora em que a revelação ainda não se concluíra. Vejam-se, bem ainda, as incertezas concernentes às verdades reveladas pelo Senhor mas não argamassadas com as luzes do conhecimento da plenitude do evangelho. Que contraste com o denodo e o desassombrado procedimento dos mártires dos séculos seguintes!

Mas voltemos à necessidade do aprisionamento para que se desse curso aos prognósticos bíblicos. Teria Jesus realmente afirmado que se cumpririam as **Escrituras**? Não poderia ter ocorrido inserção do trecho, à vista da necessidade de fazer crer aos leitores que Jesus era a real personificação do prometido Messias? Que garantias podemos ter da evidência da verdade, quando sabemos que todos os evangelistas podem ter-se inspirado em relatos tendenciosos, acrescentando-os às sagradas intuições que lhes chegavam da parte dos espíritos de luz?

Como se pode notar, quando o assunto não tem verdadeiro valor em si, transformamos a dissertação em apanhado de perguntas e remetemos o leitor à decifração dos mistérios. Para nós, a simples observação das palavras do Senhor ao longo de sua peregrinação e a configuração das verdades morais e espirituais nelas contidas são suficientes para acreditarmos que Jesus realmente nos deu a chamada segunda revelação, tendo anunciado, inclusive, o advento do Espírito de Verdade e, com ele, o Consolador. Minúcias como a que acima ocupou o nosso tempo podem perfeitamente representar perda de oportunidades de reflexões a respeito de temas mais importantes.

Cotejando esta segunda parte da dissertação com a primeira, cremos, terá o leitor a oportunidade de bem discernir o nosso intento de demonstrar como se deve efetuar a leitura e o que se deve rejeitar do texto sagrado. Em suma, o que representa o acidental, o acessório, o secundário, o circunstancial, deve, eventualmente, ocupar o espírito do leitor para despertar-lhe a sagacidade em perceber a natureza do relato. Ao contrário, o que for essencial, fundamental, básico, central, deve constituir-se em elemento para o qual dediquemos o melhor de nosso esforço de concentração, o que nos ensinará a possibilidade do superior conhecimento da verdade. Contudo, mesmo assim, há necessidade de desenvolvimento da acima referida acuidade mental, de modo que sejamos capazes de bem interpretar os textos, facilitando-nos a aceitação dos princípios do kerdicismo, com os quais deveremos estar bem familiarizados para penetração a fundo no conhecimento evangélico.

Oremos para que todos sejamos capazes dessa proeza.

## QUEM TEM OUVIDOS PARA OUVIR, OUÇA<sup>1</sup>

Jesus ensinava por parábolas ao público para que, segundo ele,

*... vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles. (Mc., 4:12.)*

Em particular, aos apóstolos, apesar de censurá-los por sua pouca compreensão, explicava-lhes o sentido oculto de suas narrativas, a fim de dar-lhes segurança na interpretação dos ensinamentos. Dessas explicações, algumas poucas se transcreveram nos ***Evangelhos***, de modo a possibilitar ao público em geral tomar conhecimento do sentido profundo das alegorias e do modo pelo qual o Senhor *profetizava*, para utilizar terminologia da época.

Ora, pode parecer ao leitor menos avisado que Jesus escolhia uns poucos para oferecer a possibilidade do perdão e, por via de consequência, da salvação, não fora uma de suas principais conclusões a de que

*... muitos são chamados, mas poucos escolhidos. (Mt., 22:14.)*

Hoje, à luz do espiritismo, estranhamos que Jesus tenha feito tais afirmativas, pois julgamos que todos somos merecedores de bem entender as alegorias contidas nas parábolas e todos temos o mesmo direito de usufruir o benefício de crescer em virtudes para merecer o perdão do Pai aos nossos crimes, o esquecimento, portanto, de nossas culpas e o ingresso no reino de Deus.

Havemos, no entanto, de entender o texto bíblico. Na mente dos evangelistas ainda estava impregnada a ideia de que a igreja deveria constituir-se de pregadores, de dirigentes, de oficiantes, de iniciados, de um lado, e do grosso da população de outro. Quem tivesse ouvidos para ouvir a palavra do Senhor, demonstraria a possibilidade de crescimento da compreensão da verdade. Esses seriam guindados à condição de diáconos, de auxiliares, de sacerdotes, de paradigmas para a coletividade, de sorte que se destacariam do grande grupo da multidão para serem aliciados, por assim dizer, para atribuições mais específicas relativamente aos trabalhos desenvolvidos na comunidade religiosa nascente. Sendo assim, os textos, à época de sua escritura, mantiveram esquemas

---

<sup>1</sup>Palavra do Senhor, em *Marcos*, 4:9.

rígidos emprestados das organizações religiosas vigentes e conhecidas das mentes místicas dos santos homens escolhidos para a escritura da sagrada saga do Salvador.

É preciso, ainda, não esquecer que não foram só quatro os evangelistas. Foram inúmeros os que deixaram registrada a passagem do Senhor pela carne. Posteriormente, a igreja cristã, já formada e cristalizada segundo normas próprias, é que estabeleceu a seleção dos que deveriam ser os escolhidos, conforme a orientação do Cristo, mal interpretada e infelizmente aplicada. Dentre os textos selecionados, destacaram-se os que continham os dizeres mais aproximados das concepções dos que efetuaram a escolha, de modo que pode ter perfeitamente ocorrido que versões mais consentâneas com a verdade histórica tenham ficado perdidas para sempre. Por isso, a atual necessidade de todos os cuidados para se perceber nas entrelinhas qual terá sido o verdadeiro sentido a ser atribuído às narrativas.

Vamos, então, voltar à interpretação das palavras de Jesus, segundo as quais *quem tem ouvidos para ouvir, ouça*.

Com o desenvolvimento das civilizações, estendeu-se a quase toda a humanidade cristã a possibilidade do crescimento intelectual, através da imprensa, da escola e da facilitação do acesso a ela da maioria do povo. Também se ampliou em muito o campo de ação das igrejas, havendo a possibilidade, para os missionários do evangelho, de catequese até de indivíduos de hábitos, religiões e idiomas absolutamente estranhos. São conhecidos os desvários praticados, em nome da fé, contra populações inteiras de culturas e poderio de reação física inferiores. De qualquer forma, ao advento do espiritismo, através da codificação kardequiana, a humanidade dominava algumas ciências e era capaz de entendimento mais justo das verdades contidas no cerne dos dizeres do Cristo.

Assim, estabeleceram-se princípios novos e o que estava reservado para uns poucos iniciados pastores que conduziriam os rebanhos, foi estendido para a grande massa dos alfabetizados e dos que apresentassem condições intelectuais suficientes para a compreensão dos raciocínios desenvolvidos à luz de argumentação baseada em princípios da lógica formal, precisando ainda se desvencilharem dos dogmas de fé que as religiões vigentes impingiam a seus seguidores. Aliás, não foi sem luta que o espiritismo ganhou foros de cidadania.

Hoje, cumpre-se o vaticínio de Kardec e encontramos-nos desenvolvendo a quarta fase dos trabalhos, qual seja a que foi por ele designada como de expansão social do conhecimento espírita<sup>2</sup>. Pois bem, se Jesus, ao seu tempo, verdadeiramente, pregou de modo reservado aos apóstolos, também é certo que deixou impressas em sua peregrinação as promessas de salvação de todos e o envio do Espírito de Verdade para o aparecimento do consolador. (*Jo.*, 14:16 e 17.)

Quanto à segunda parte da citação inicial, ou seja, que Jesus não queria que aos de fora ficasse esclarecido o real sentido de sua pregação, *para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles*, a interpretação exigirá maior esforço de compreensão da parte do leitor, à vista da sutileza da argumentação necessária para esclarecimento definitivo.

O primeiro impacto das palavras de Jesus fere as susceptibilidades. Ter-se-ia o divino mestre deixado influenciar tão profundamente pelos conceitos mosaicos e da

---

<sup>2</sup>Ver *Pregação do Espiritismo*. In: *Revista Espírita*. Ano I, n.º 9, set./1858.

ortodoxia religiosa judaica<sup>3</sup> que evitaria ferir o princípio da eternidade das penas para os que pecassem contra o Pai? Não são dele as seguintes palavras?

*... aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. (Mc., 3:29.)*

Certamente, é conhecida a explicação do significado da palavra *eterno* segundo a qual, para o que sofre, a dor não parece ter fim, de modo que a desesperança se instala no coração e ele crê estar condenado até o final dos tempos.

Do cotejo dos textos, entretanto, não podemos fazer surgir a mesma explicação, pois o intuito de Jesus, na primeira citação, é o de impedir que haja conversão e perdão e não de afirmar que o indivíduo seja réu de pecado eterno.

Dessa complexidade de pensamentos, pode brotar a dúvida no espírito do leitor, pois a análise meramente formal das palavras levará, inevitavelmente, a considerarmos os textos como inconsequentes para quem afirmava que vinha na qualidade de filho de Deus para salvar a humanidade. Ou Jesus não disse o que se citou ou não era verdadeiramente o Messias.

Preferimos rejeitar a segunda hipótese, pois vemos na primeira a manipulação açodada dos que pretendiam fazer suas as palavras do Senhor em suas pregações à multidão, principalmente por terem o *ego* enaltecido pelo fato de se considerarem os escolhidos dentre os eleitos, uma vez que lhes cabia dirigir o rebanho. Estava formada a hierarquia interesseira no seio da igreja e era justo fazer os homens acreditarem que tal dogma tivesse sido instituído pelo próprio enviado de Deus.

*Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.* Ainda bem que frases lapidares, verdadeiros extratos de ensino do Mestre, foram conservadas para servirem de fundamento para a rejeição das interpolações de trechos apócrifos, muitos deles baseados nas palavras do Senhor, mas torcidas e retorcidas para dar ao ouvinte e, posteriormente, ao leitor, a ideia de que, para sua salvação, deveria seguir *pari passu* os conselhos dos que se guindavam às posições de comando no seio das instituições religiosas.

Agora, diante do aluvião das mensagens espirituais encaminhadas à humanidade por via mediúnica, fica bem mais fácil configurar que Jesus não diria jamais que seja quem for estivesse condenado *ad aeternitatem* ao sofrimento ou que deixaria quem quer que seja do lado de fora do reino do Senhor.

Uma vez instituídos os princípios lógicos como norma aplicável à análise dos textos bíblicos, não hesitemos em empregá-los inclusive na observação das verdades que se encerram nas palavras atribuídas a Jesus. É preciso estudar e vigiar; e trabalhar muito para o crescimento da doutrina e isso só faremos, com harmonia e discernimento, se nos consagrarmos ao aperfeiçoamento de nossos critérios de experimentação racional, em função de todos os eventos que interfiram em nosso livre caminhar pelas estradas da vida. Apliquemos de fato o livre-arbítrio que nos concedeu o Senhor e não instituímos como dogmas nem mesmo os princípios mais assentes e determinados, seja inclusive da doutrina espírita. Uma vez, entretanto, submetidos ao crivo da razão e julgados capazes de exprimir

---

<sup>3</sup>Ver *Isaiás*, 6:9-12.

a verdade, adquiramos a firme convicção de seu conhecimento e aproveitemos todas as oportunidades para dar testemunho deles.

A nós, do plano espiritual, é sempre muito mais fácil a concepção do mundo, da vida e da existência sob o prisma das noções do espiritismo, pois, desvencilhados dos liames densos da carne, podemos comprovar a grandiosidade da criação com instrumental muito mais preciso e complexo. Aos encarnados, às vezes, não lhes sobra sequer bruxuleante luzinha intelectual e claudicante aparato perceptivo-sensorial, de modo que o apego à fé parece ser o caminho mais seguro. Creia, querido leitor, que, deveras, muitos estão restritos a conhecimentos extremamente parciais e incompletos e lhes restará tão só confiar na palavra de seus ministros e intérpretes da sabedoria divina, mas jamais deverão julgar-se ao desamparo da misericórdia divina, nem mesmo se tiverem sido essas as palavras declaradas como sendo de Jesus.

Vamos, agora, orar compungidamente para podermos reter de tudo o que dissemos o que é de fato o mais importante: que Deus é Pai e vela por todas as suas criaturas.

## O APEGO ÀS TRADIÇÕES MOSAICAS

Prosseguindo com o desenvolvimento do tema anterior, temos agora para comentar o resultado da reunião que se realizou em Jerusalém entre os apóstolos e presbíteros e descrita por Paulo de Tarso em sua obra **Atos**, capítulo quinze. Seria de todo útil ao caro leitor que dedicasse um pouco de tempo à leitura do texto referido, para bem compreender todas as nossas ideias. Para nós, por enquanto, basta-nos rápida citação:

*Pelo que julgo eu [Tiago], não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham dos ídolos, bem como da incontidência, da carne de animais sufocados e do sangue. (At., 15:19 e 20.)*

Em primeiro lugar, devemos dizer que tal parecer foi vitorioso e que a epístola foi escrita e enviada.

O que originou a necessidade da discussão? O eterno problema da lei mosaica da circuncisão, entranhada no espírito dos judeus por milênios de separatismo das outras nações. Os pregadores recém-convertidos para os ideais de Jesus ainda se manifestavam a favor das leis de Moisés, certamente por verem no Mestre o prometido Messias, portanto, o salvador dos judeus e não o redentor da humanidade. É compreensível que tal raciocínio se estabelecesse para quem, desde criança e sob a influência cármica de encarnes anteriores, só podia compenetrar-se de que o sagrado devia encerrar-se, necessariamente, junto ao povo escolhido por Deus como o que mais de perto lhe dizia ao coração.

Evidentemente, quem estabeleceu tal padrão de procedimento intelectual esteve totalmente equivocado e não nos cabe agora refutar tão simples argumentação. O que há de interesse em tal raciocínio é a fatalidade da perpetuidade das leis mosaicas impressas no **Levítico**. Se o caro amigo se dispuser a compulsar a obra da legislação antiga, encontrará as recomendações de Tiago nos capítulos 17:10-16 e 18:6-23.

Como poderiam apóstolos do quilate de Pedro e de Paulo aceitar pacificamente a voz da restauração da lei tradicional, quando o primeiro fora o discípulo especialíssimo de Jesus, a quem se atribui a responsabilidade do soerguimento de sua igreja, e o segundo o convertido da estrada de Damasco, a quem foi indicada a extraordinária tarefa da conversão dos gentios? Mais ainda. Deram crédito a Tiago, elaboraram a missiva aos preocupados irmãos de Antioquia e encarregaram o próprio Paulo para, com Barnabé, Judas e Silas, levar a correspondência, fazendo-se porta-voz da igreja-sede de Jerusalém. E diz mais o texto: os confrades, ao receberem a carta,

... *sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido. (At., 15:31.)*

A explicação mediúnica da aceitação dos conceitos antigos pode prevalecer.

À vista da sofreguidão da hora da conversão, pois se tomava o termo *geração* empregado pelo Senhor em seu significado delimitado pelo transcurso de uma só vida, todos julgavam que deveriam empenhar-se ao máximo para fazerem jus às recompensas prometidas pelo divino pastor às suas ovelhas, quais sejam a salvação do povo de Israel e o advento da era da prosperidade. Materializavam o que Jesus pregara exaustivamente como sendo de Deus o reino prometido. Não vislumbravam a possibilidade de estender o pensamento para outras encarnações, ampliando o conceito de *geração* para o de devir cármico da humanidade, ou seja, a soma de todos os encarnes até a ascensão total e final de todos às esferas da bem-aventurança.

Diante da pressurosa necessidade de conter os abusos dos que se manifestavam abertamente a favor da circuncisão, transformando o cristianismo nascente em propagação pura e simples do judaísmo ortodoxo, em nome de Jesus se reuniram e, por certo, dele receberam o influxo das informações mais tranquilizadoras, na voz de Tiago, influenciado pelos espíritos guardiães da assistência necessária à solidificação do cristianismo.

Não há, pois, estranhar que, de início, as pessoas não se sentissem seguras de seus novos conhecimentos. Esperava-se para logo, precipitadamente, que tudo se realizasse segundo o verbo profético do filho de Deus. Muitos mistérios restavam para serem elucidados, o que só seria possível depois de séria limpeza de antigos hábitos consuetudinariamente infiltrados nas mentes rudes daqueles sublimes trabalhadores da primeira hora. Esperar-se deles lampejos de transcendental compreensão da realidade espiritual da vida é pedir demais aos homens daquela época.

O importante é que trabalhavam com afinco, sob condições adversas e ao impacto das perseguições mais ferrenhas de quantos se sentiam ameaçados em sua estabilidade econômica, social e política, principalmente se considerarmos as religiões daqueles povos como instituições meramente preocupadas com a sua manutenção no campo material.

Ainda hoje, quando as luzes espíritas se acenderam e cada ser humano pode realizar sua educação moral em plena tranquilidade, vemos a maior parte da população sendo obscurecida pelas oferendas perniciosas da carne, em total submissão aos preceitos do bem viver e da captação do mundo das sensações mais grosseiras dos prazeres e dos vícios. Muitos, apegados ainda aos princípios mosaicos, exageram em seus *sacrifícios* dos bens terrenos, no intuito de conseguir para si aquele reino prometido por Jesus, esquecidos de que as leis do amor e da caridade é que devem prevalecer. Conscientes dos valores morais propugnados por Jesus em seu evangelho, existem uns poucos indivíduos espalhados pelas diversas doutrinas cristãs, pontificando dentre eles os que se filiam ao espiritismo kardecista.

Não estamos querendo exaltar a verdade como de domínio exclusivo dos que se afeioaram e seguiram a codificação kardequiana, caso em que estaríamos procedendo exatamente como os primitivos cristãos, que tinham arraigados na mente os princípios mosaicos. Não. Todos os seres humanos são igualmente considerados pelo Senhor como filhos diletos. O que nos preocupa é o fato de tantos vagarem a distância das revelações

espirituais, quando a verdade lhes passa a todo momento à sua frente, como quando Jesus caminhava ao lado de seus discípulos.

Concentremo-nos, pois, nas normas estabelecidas para o conhecimento racional da vida, estudando com afinco os textos sagrados que os antigos nos legaram. Façamos por merecer as luzes do entendimento, trabalhando denodadamente em favor de nossos irmãos. Rejeitemos as influências deletérias dos que nos querem desviar do rumo certo traçado pelo Senhor e aceitemos de bom grado toda inspiração de caráter superior que nossos guias, a todo instante, estão encaminhando-nos. Saibamos reconhecer nos textos bíblicos o que eles nos podem oferecer em auxílio de nosso crescimento e armemo-nos de boa vontade e de desprendimento para poder usufruir da vida o que ela nos oferece de melhor: o ensejo de caminhar seguro rumo ao reino de Deus.

## O VERDADEIRO CRISTÃO

Para muitos, o advento do cristianismo se deu no momento do nascimento de Jesus.

Leiamos o texto de Mateus:

*Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. (Mt., 1:18.)*

Se bem repararmos no escrito do evangelista, vamos perceber que, desde o início, o aparecimento do Messias está carregado de fantasias e de ideias concebidas à luz dos conhecimentos bíblicos tradicionais.

Transcreve o próprio Mateus:

*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus convosco). (Mt., 1:23.)*

De onde provém originariamente o texto acima transcrito? *Isaías*, 7:14. Em que circunstâncias tal profecia chega a José? Durante o sono, pela voz de um anjo.

Tanto maravilhoso para quê? Para influenciar o espírito do ouvinte e, posteriormente, do leitor, no sentido de fazer crer em que os fatos tiveram origem realmente divina, envolvendo-os de aura miraculosa e absolutamente sobrenatural.

Ora, para os que acreditam em Deus e em sua infinita e soberana misericórdia, nada disso faz sentido perante ele, pois o fato de ter Jesus nascido de mulher não virgem não diminui a excelsitude de seu ensinamento nem a magnitude de sua paixão. Então, para estes, o advento do cristianismo se dá ao início e durante o desenvolvimento de sua pregação.

Para outros, a morte de Jesus por meio da crucificação coroou o seu encarne redentor, iniciando-se aí a compreensão de todo o esplendor de sua divina missão, de sorte que tem início essa deslumbrante época de luz para a humanidade.

Não pensam assim os que veem na figura dos apóstolos os verdadeiros fundadores da igreja e os primeiros missionários do evangelho, começando pela divulgação rigorosa, organizada, fiel e ministerial, a saga do que se convencionou chamar de cristianismo religioso, aquele que estabelece para o homem o seu vínculo com a Divindade, tendo sido o Cristo o mero revelador da ordem divina.

Se fôssemos enumerar todas as teses relativas ao advento do cristianismo, iríamos esbarrar até naqueles que acreditam que só o espiritismo se constitui na verdadeira iniciação do homem no mistério espiritual, de modo que só então tem começo, realmente, com o advento do prometido Consolador, a era cristã.

Para nós, entidades errantes do espaço infinito, para quem o Cristo significa espírito de elevada estirpe, um dos pródromos do universo, líder da humanidade em sua caminhada rumo à luz, o cristianismo só inicia no instante em que o ser humano compreende a verdade da existência e passa a agir segundo os preceitos evangélicos. Portanto, a todo instante se dá o advento do cristianismo, pois, a toda hora, vemos o despertar de novas almas para a grandiosidade da oferta pessoal do Senhor. E esse cristianismo só se desenvolve, cresce e floresce, quando o indivíduo convertido vê no próximo o seu irmão, o seu semelhante, aquele espírito gêmeo do seu, que deve proteger e auxiliar. E o cristianismo só irá coroar-se de perfeição no momento em que cada um de nós formos capazes de procurar Deus em nosso coração para entregar-lhe todo o nosso amor, reconhecendo, no Criador, o Pai misericordioso, que jamais nos há de faltar.

## Comentário

Aproveitamos o ensejo da generosa oferta do escrevente em apanhar mais um ditado e elaboramos pequeno texto de descerramento para a realidade e a verdade do cristão. Se você, bondoso amigo, se vir na condição de aceitar Jesus, creia que despertará surpreso em seu regaço, como filho mui amado e querido.

Não se espante, pois, com as nossas palavras. Elas podem parecer às vezes duras, outras demasiado exigentes, mas acredite em que a nossa maior alegria é ver estes escritos serem divulgados, no intuito da pregação da palavra do Senhor. Se a nossa crítica pode parecer severa relativamente aos textos analisados, é porque estamos todos nós ainda arranhando a superfície da fruta, convictos do esplêndido sumo que dentro se contém. É essa água na boca que nos estimula a prosseguir na abertura de fendas pelas quais penetraremos para o interior da verdade.

Resguarde-nos Deus de ideias maliciosas e de eventual orgulho, mascarado pela tentativa de sermos sinceros. Abramos todos nós os corações para, com o escalpelo de nossa argúcia, podermos conhecer as verdadeiras intenções que lá se refugiaram. Conheçamos a nossa verdade e saibamos confiar ao Senhor a solução para os nossos problemas. Não queiramos ver jamais com olhos muito argutos, pois poderemos emprestar ao objeto de exame os preconceitos dos nossos pensamentos. Mas não deixemos de arguir tudo o que nos é apresentado como verdadeiro, pois da firme concepção do mundo é que brotarão as mais lídimas esperanças de sucesso.

Vamos encerrar esta maravilhosa tarde de psicografia, elevando em prece os pensamentos a Deus, para o agradecimento mais comovido e a solicitação mais pungente de seu amor e de sua luz. Acompanhe-nos o bom amigo leitor.

## O DOM DE EVANGELIZAR

Quando Paulo, na primeira epístola aos coríntios, nos afirma que o importante para ele são a evangelização e o proveito que ele mesmo pode usufruir dela, quer dizer-nos que tudo deve ser feito por nós em prol do nosso irmão, sem desejar nada em troca. Pela lei mosaica e pela palavra do Senhor, argumenta ele, teria direito ao sustento do corpo, mas disso abre mão. Diz mais. Diz que, por estar obrigado à pregação do evangelho, por força da determinação da revelação que lhe foi oferecida, poderia trabalhar sem envolvimento pessoal, ou seja, realizar mecanicamente a tarefa da divulgação da palavra do Senhor. Mas, antes de iniciar a sua peregrinação, compenetrando-se das verdades que teria de disseminar, para poder realizar em si o que iria solicitar dos outros. Perguntou-se ele que mérito teria diante de Deus, se não se salvasse a si mesmo. Tocou, então, pelo exemplo e não só pela palavra, o sentimento de seus leitores.

Abramos os **Evangelhos**:

*Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado. (I Co., 9:26 e 27.)*

Compenetrados da premente necessidade de realizar em causa própria o verdadeiro ensino, nós da **Escolinha de Evangelização** obrigamo-nos a perfazer todos os caminhos que indicamos aos amigos leitores. Desse modo, quando chegamos à presença do médium para registro das comunicações, não estamos realizando mero exercício escolar, mas apresentando o resultado de nossa aplicação no campo prático. Que não sirva esta observação para conduzir o amigo a ponderar que, levada ela às últimas consequências, se poderá inferir que sejamos perfeitos, porque tudo recomendamos e, portanto, tudo devemos dominar. Por certo, a nossa caminhada deverá realizar-se por longo e longo tempo. O que queremos dizer é que fazemos segundo a maneira do apóstolo, obtendo invariavelmente a informação de que temos sempre de aprender a proceder exatamente de acordo com nossos ensinamentos, para não sermos *desqualificados*.

Antes que o amigo possa deduzir que lhe iremos solicitar igual procedimento, vamos acrescentar algumas observações mais para configurar que, embora Paulo tivesse plena consciência de seus deveres, bem como conhecesse que deveria de boa vontade prestar os seus serviços ao Senhor para merecer o *galardão*,

*Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível (I Co., 9:19),*

ainda assim, não deixou de emitir conceitos errôneos a respeito da criação e da humanidade, dos direitos e dos deveres de cada um. Seria longo e cansativo realizar a exaustiva demonstração de todos os tópicos, por isso baste-nos exemplo bem característico.

Ao imaginar a configuração do mundo, incapaz de perquirir as noções elementares dos meios pelos quais Deus concebeu a criação do corpo dos seres vivos através das leis naturais, aceitou a explicação bíblica do **Gênese**, naquilo que ela apresenta de menos mítico, acreditando na letra da visão mosaica, descartando qualquer possibilidade de interpretação, afirmando, peremptório:

*... o homem não foi feito da mulher; e, sim, a mulher do homem. (I Co., 11:8.)*

Dando curso ao tema bíblico, refletia por sobre a multidão que lhe seguia os ensinamentos a necessidade da obediência cega. Além de não ter percebido com clareza a responsabilidade de que se achava investido, omitia as possíveis dúvidas a respeito da ingenuidade das crenças, fazendo com que os seus assistidos tivessem a falsa impressão de que tudo o que lhes transmitia era o resultado final e acabado da perscrutação da verdade, tendo em vista o seu desejo declarado de não vir a ser *desqualificado*, expressão que utilizou com astúcia, como argumento de autoridade.

Veja o querido leitor que não estamos imputando má-fé ou falsidade ideológica ao denodado apóstolo dos gentios. Asseveramos, pelo estudo que vimos realizando, que o bom homem, apesar de áspero em seus dizeres e de arguto em seus argumentos, tinha a convicção profunda de que estava a pregar o evangelho com o amparo sacratíssimo do plano espiritual, na crença de que procedia com integral fidelidade, à vista da determinação do Senhor.

É desse mesmo modo que procedemos nós, com a só diferença de que, esclarecidos pelas luzes da espiritualidade superior, conscientes da necessidade da perscrutação da verdade sem os ônus dos preconceitos da religião, da raça, do *status* social ou das estruturas morais condicionadas pela época e pelo nível de desenvolvimento de qualquer povo, o que significa dizer desvinculadamente da densidade corpórea, podemos, mais sinceramente, estabelecer os limites de nossa liberdade de atuação, dentro dos parâmetros evolutivos em que nos situamos.

É essa consciência da realidade de nossa condição existencial que intentamos passar ao leitor, instando para que cada qual possa desataviar-se de todas as frágeis indumentárias terrenas, para pôr-se moralmente desnudo diante de si mesmo, para poder captar da vida o que ela possa apresentar de mais efetivo em prol da grandiosidade da divina criação, para a concretização da qual devemos contribuir através de nosso aperfeiçoamento integral, fim último de todas as criaturas.

A todo momento, citamos o objetivo final de todos nós, mas nós nos servimos para isso da leitura do texto do apóstolo, obrigando-nos às considerações a respeito de seu significado mais profundo. Esperamos, com isso, despertar o caro leitor para o nosso

projeto, incentivando-o a que se atreva, ele mesmo, a concretizar leituras e desenvolvimentos de raciocínios de mesma base evangélica, de sorte a progredir incessantemente no conhecimento do mistério. Se soubermos extrair das palavras sagradas o que contém de mais puro e especial, certamente nos poremos na condição de receber do Pai missões equivalentes à que atribuiu ao servo de Tarso.

Quanto a nós, além desse contínuo alerta que indelevelmente vai inscrevendo-se nos anais da literatura mediúnica, cujos efeitos poderão somar-se aos escritos epistolares, à coda dos quais se prende, podemos oferecer também a promessa de assistência socorrista, sempre que a nós se endereçarem os nossos amigos, com o coração limpo, a exemplo do irmão Paulo.

Caso a mensagem não repercuta na mente do amigo com a segurança que gostaríamos de ter impresso em nossa notícia, pelo menos que possa estabelecer contacto com seus guias pessoais, por meio de suas vibrações na frequência habitual, ou seja, após compungida prece de solicitação de ajuda, através da enunciação clara de seus pensamentos e de suas dúvidas. Pode parecer-lhe, muitas vezes, que o atendimento falhe ou que nem se estabeleça a vinculação entre os planos. Puro engano. Os guias sempre e sempre providenciarão o necessário atendimento, pois todos estão compenetrados, como Paulo, de que é evangelizando que conseguirão o seu galardão.

## A ÚLTIMA EPÍSTOLA SAGRADA

Continuando as observações a respeito da presença da antiga cultura mosaica na mentalidade dos apóstolos, remetemos o amável leitor à carta de Judas, irmão de Tiago, que se insere ao final dos atos dos apóstolos, precedendo o *Apocalipse*.

Por referência incluída na própria missiva, sabemos que o santo homem produziu expressiva correspondência, tendo restado simbolicamente, como paradigma de seu pensamento, aquela em que lembra aos destinatários, que acabamos sendo todos nós, a necessidade de nos precavermos contra

*... certos indivíduos [que] se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito foram pronunciados para esta condenação, homens ímpios que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo. (Jd., 4.)*

Dizer que entre os cristãos que se estabeleciam por toda parte se infiltravam elementos perniciosos para a propagação da doutrina já é advertência séria. Mas o apóstolo não se contentou em precaver os amigos a respeito dessa influência maléfica, citou, em seguida, inúmeros exemplos de punições que receberam os ímpios e que se acham relatadas nas antigas Escrituras, desde a época de Caim, passando por Sodoma e Gomorra, chegando a lembrar o episódio dos anjos decaídos.

Se o endereçamento da missiva tinha em mira determinada igreja ameaçada pelos malfeitores morais, é certo que hoje ela nos pode servir perfeitamente, principalmente se considerarmos a nossa visão espírita, em que os indivíduos se chegam bem perto de nós a cada momento. Então, devemos valer-nos da descrição notável desses espíritos carentes, através da caracterização de seus atos e pensamentos. Ouçamos o apóstolo:

*Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros. (Jd., 16.)*

Hoje, as palavras de resguardo contra os ataques dos seres de inferior posição na escala evolutiva são disseminadas por toda parte por via mediúnica e as pessoas recebem avisos diretamente, por meio de sua consciência, que nada mais representa senão o alvitre tomado antecipadamente para enfrentamento no atual encarne. Leia-se *O Livro dos*

**Espíritos**, 393. Sendo assim, vamos encaminhar a nossa dissertação para a crítica, de novo, dos castigos eternos.

O bom apóstolo, dedicadíssimo à obra do Senhor, não chegou deveras a ver com plenitude de sabedoria a necessidade do perdão, senão não diria que as penas atingem os indivíduos pela eternidade. Em sua mentalidade de disciplinador evangélico, alinhava-se entre os que julgavam oportuno pressionar os fiéis ao cumprimento de suas obrigações cármicas, ao influxo do pensamento de que nem todos conseguiriam salvar-se, restando a eles as chamas infernais e o domínio do diabo.

Essa postura moral diante da vida encerra conceito de Deus sumamente perigoso para a justa apreciação dos atributos que lhe devemos consignar. Se Deus, verdadeiramente, deixasse de amar a algumas de suas criaturas, destinando-as ao sofrimento eterno, não poderia ser considerado soberanamente bom. Prevaleceria o critério da justiça inquestionavelmente desequilibrada. Daqui o bom pastor do Cristo buscar tratamento íntimo com Deus, fazendo como os judeus tradicionais, querendo Deus só para si e os seus: *nosso Deus (Jd., 4)* e um Jesus Cristo igualmente *nosso único Soberano e Senhor (Jd., 4)*. Essa apropriação está a indicar que os ensinamentos estavam sendo absolutamente seguidos e, por isso, poderia arvorar-se o sacerdote em autoridade para pregar aos rebanhos de fiéis.

Tal atitude excludente de todas as criaturas alheias ao pensamento eclesiástico adotado pelo missivista limita consideravelmente o alcance do espírito de salvação que norteava a pregação cristã. Jesus queria a salvação da humanidade. Não demorou, contudo, que seus apóstolos delimitassem a salvação àqueles que enchiam a mente com as palavras da cristianização, as quais incluíam, como temos visto, as tendências judaicas mais ortodoxas e mais próximas das teses mosaicas tradicionais. Poder-se-ia mesmo dizer que muito da boa-nova inicial era tão só cristianismo judaico ou, o que é pior, judaísmo cristianizado.

Ainda hoje, perlustrando as várias igrejas cristãs, encontramos essa tendência em pleno vigor, principalmente nas mentes mais predispostas à fixação definitiva de dogmas e paradigmas de comportamento, sem que a razão tenha qualquer oportunidade de interferir para programação de nova visão de vida, mais próxima da realidade espiritual.

Por certo, os nossos amigos que, à época de Judas, estavam impregnados desses pensamentos de ambivalência doutrinal, agora, refletindo a respeito das consequências de suas pregações, terão novo roteiro para apresentar aos companheiros encarnados, quer se dediquem ao ministério mediúnico, escrevendo mensagens espirituais de advertência para o perigo de não se purificar a doutrina de Jesus, quer envidando esforços no plano carnal para elevarem seus pensamentos ao Senhor, solicitando dele as luzes que lhes possibilitarão agir em consonância com as verdadeiras diretrizes evangélicas.

Graças a Deus, temos tido oportunidade de manifestarmo-nos repetidamente em ambientes os mais diversos, influenciando diretamente no ânimo das pessoas ou, indiretamente, através da infiltração que fazemos das ideias relativas à reflexão a respeito dos textos bíblicos nas falas dos pregadores. Não são poucos os que se colocam em dúvida diante da iniciativa de *desrespeitar* os escritos sagrados e são muitos os que, simplesmente, ignoram toda e qualquer ideia que possa significar afastamento de seguidores do culto, por medo de perderem a sua renda mensal. Mas se contam às centenas os que se deixam

impregnar pela veracidade de nossos argumentos, de sorte que, aos poucos, as igrejas vão deslocando o seu modo de ver a vida pelo prisma mosaico, para mais facilmente admitirem a conceituação pura da palavra de Jesus.

O espiritismo mesmo, terceira revelação que é, na verdade, só veio para confirmar os ensinamentos de Jesus, acrescentando ao roteiro de vida dos homens a inequívoca manifestação espiritual. Quanto aos aspectos de religião com o Pai, fazemos questão de manter os princípios da fé, da esperança e da caridade, sob os auspícios do amor ao próximo por amor a Deus.

Por isso, podemos fazer nossas as palavras do apóstolo, principalmente se nos sentirmos integrados a toda a humanidade, confraternizando com todas as outras criaturas, considerando

*... Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém. (Jd., 25.)<sup>1</sup>*

## Explicação

Pedimos escusas por ter a mensagem praticamente parafraseado a sagrada epístola.

Entendemos que temos de diminuir as pregações em torno dos textos evangélicos, necessitando efetuar alguns comentários relativos à codificação kardequiana. Para isso, iremos necessitar de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***.

Faça o caro leitor pequenino esforço e releia a bela obra de Kardec. Ao médium, a costumeira solicitação da abertura prévia do livro e a demarcação da página da qual se extrairá o conteúdo a ser desenvolvido pelos mensageiros.

Gratos.

---

<sup>1</sup>Grifos dos mensageiros espirituais.

## O ESPIRITISMO SEMPRE

Lendo os judiciosos comentários de Kardec ao trecho evangélico de Mateus segundo o qual Deus revelou aos humildes a verdade espiritual e não aos sábios e entendidos, e não aos doutos e aos prudentes, segundo a versão que desejem dar à referência

*... aos orgulhosos, envaidecidos do seu saber mundano, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, porquanto na antiguidade, douto era sinônimo de sábio (O Ev. S. o Esp., cap. VII, 8),*

verificamos a necessidade que temos de prostrar-nos diante da Divindade, para receber os dons da vida. À medida que o homem se constitui em autoridade diante de Deus, por julgar-se consciente de alguns fatos da natureza, de sorte a atuar sobre ela, vai esquecendo-se de que Deus é o criador supremo de todas as coisas e que possui o atributo da onisciência, o que afasta de vez qualquer possibilidade de o homem ou qualquer criatura apresentar-se como sábio diante do Pai.

Hoje, vemos espalhada por entre a humanidade a ideia da possibilidade e da facilidade do contacto mediúnico com o plano espiritual. Kardec, no século XIX, analisando as manifestações espíritas, deu cunho científico a conhecimento que estava muito longe de ser novo. Da mesma forma, à época de Jesus, inúmeros fenômenos de ordem espiritual eram possíveis de verificar-se. No entanto, eles sempre existiram, como frequentemente se registram nos livros sagrados.

Não venceremos a tentação de citar o episódio dos setenta anciãos escolhidos por Moisés para receberem o Espírito e profetizarem, dividindo a responsabilidade da intermediação entre os planos:

*Disse o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes seres anciãos e superintendentes do povo; e os traráis perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo.*

*Então descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles: e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente. (Nm., 11:16 e 17.)*

Quando Kardec enfeixou em suas mãos o dever de codificar o espiritismo, esqueceu-se de dividir a sobrecarga de trabalho. Amanhou a terra bruta e elaborou sementeira de farta produção, cuja colheita se dará pelos séculos afora. No entanto, o auxílio espiritual que recebeu e o apoio das entidades encarnadas nas figuras dos médiuns foram suficientemente esclarecedores de que jamais deveria julgar-se o operário único da grandiosa obra. Ao seu encargo, foram destinadas as tarefas mais importantes, para as quais veio preparado, segundo minucioso roteiro dos espíritos elevados, todavia nem tudo poderia ter-lhe sido alocado, para assunção de toda a responsabilidade. Por isso, vemos Kardec preocupadíssimo em consolidar a doutrina por meio de rigorosa argumentação, intentando dar sentido à sua passagem pela carne, realizando vida de profunda dedicação ao trabalho e, portanto, aos semelhantes.

Ao constatar que Deus, pela palavra de Jesus, escolhia os humildes para a revelação da verdade, tinha de si para consigo mesmo a firme convicção de que era simples instrumento da vontade do Senhor. Não vestiu nem vestiria jamais a carapuça do sábio e do entendido, embora ninguém melhor do que ele existisse que mais de perto pudesse discorrer a respeito dos ensinamentos dos espíritos.

Nunca reclamou do trabalho nem se afastou dele quando necessitado estava de refazer as energias para recomposição do coração afadigado pelas milhares de horas consagradas à elevação da ciência a que dera constituição e vigor à condição de cidadania. Faleceu abençoado por milhares de companheiros que vieram saudá-lo pelo esforço e pelo descortino.

Certamente, diante do muito que fez, talvez pudesse pensar que seu fardo tivesse sido demasiado pesado, à vista da distribuição das tarefas ao tempo de Moisés. Mas, segundo Jesus, quem realiza o serviço para ele jamais poderá dizer-se sobrecarregado

*... porque o seu jugo é suave e o seu fardo é leve. (Mt., 11:30.)*

Como se percebe, os textos se entrelaçam para o efeito que desejávamos.

O espiritismo sempre existiu e sempre existirá. Mudam as fisionomias, alteram-se os costumes, aperfeiçoam-se as leis humanas, mas os espíritos são sempre os mesmos, evoluindo sempre. Do século XIX para os nossos dias, desde que Kardec teceu os comentários acima referidos, várias gerações se sucederam sobre a face da Terra, renovando-se a cada dia para possibilitar a todos o conhecimento das normas evangélicas passadas a limpo e refletidas à luz dos ensinamentos atualizados. A cada nova geração, mais e mais se amplia o contexto das manifestações espíritas de caráter superior, de modo que se pode configurar, diante da conjuntura atual, conhecimento suficiente para a elaboração de doutrina filosófica completa, contendo todos os princípios da física e da metafísica, da ontologia, da ética e da estética, fundamentando-se os conceitos em bases argumentativas da lógica formal, segundo metodologia avançada. A par dessa meditação de caráter epistemológico, fluem com naturalidade das descrições de aspecto moral os princípios mais seguros para se firmarem conceitos religiosos de relevante aspecto místico, de modo a poderem elevar-se os humanos, através da sensibilidade quintessenciada pela fé, aos pés de Deus, não necessitando mais dos dogmas nem dos subterfúgios doutrinários dos cultos e da adoração exterior.

O homem já se pode pôr de joelhos diante do Pai, consciente de seus atributos de criatura e dos dons maravilhosos de que é dotado. Exemplos dessa dedicação deslumbrante ao socorrismo mediúnico não faltam. É preciso que cada qual se compenetre do real valor e da instantaneidade da humildade para fazer jus à revelação divina.

## CONCLUSÃO

Pensamos ter tecido algumas considerações em apoio aos pensamentos kardecistas. Se, de alguma forma, a digressão apresentar dificuldades de entendimento, lembre-se o caro leitor de que a humanidade levou cerca de três milênios para perfazer o caminho de Moisés a Kardec, sendo beneficiada pela vinda de Jesus. Sendo assim, queira perdoar-nos o atrevimento de supor que os milênios se abrem à nossa frente para atingirmos a perfeição.

Façamos aquilo para o qual fomos destinados e, se nos for possível a compreensão integral da vida, abramos os olhos para a realidade das comunicações mediúnicas a demonstrar com o que nos depararemos ao reingresso no plano espiritual. Aceitemos a nossa carga, por mais pesada que possa parecer-nos. Esgotemos, como fez o Codificador, as energias e nos desgastemos na execução de nosso plano de vida, certos de que a alegria que teremos ao retornar para o seio dos amigos compensará de sobejo tudo o que pudermos ter feito. Aí é que, de veras, compreenderemos que o nosso jugo tem sido suave, o fardo leve e a responsabilidade distribuída pelos nossos irmãos de luta.

Graças a Deus!